

CAMILO CASTELO BRANCO

HISTÓRIA  
DE GABRIEL MALAGRIDA



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© **N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.





HISTÓRIA  
DE GABRIEL MALAGRIDA



CAMILO CASTELO BRANCO  
HISTÓRIA  
DE GABRIEL MALAGRIDA



Edição de Cristina Sobral e Jessica Firmino

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

LISBOA - 2021

© **N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.impresnacional.pt](http://www.impresnacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Design da coleção: Undo  
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g  
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: agosto de 2021  
ISBN: 978-972-27-2944-4  
Depósito legal: 485 967/21  
Edição n.º 1024788

HISTORIA  
DE  
GABRIEL MALAGRIDA  
DA  
COMPANHIA DE JESUS

Apostolo do Brazil no seculo XVIII estrangulado e queimado  
no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761

---

AUCTOR  
PADRE PAULO MURY  
DA MESMA COMPANHIA

---

TRASLADADO A PORTUGUEZ E PREFACIADO  
POR  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

Quanta malignatus est inimicus in sancto!

(PS. LXXIII.)

LISBOA  
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.<sup>a</sup>  
68 — Praça de D. Pedro — 68  
1875



A HISTÓRIA DE GABRIEL MALAGRIDA, que trasladamos a vernáculo, foi publicada há dez anos em Paris. É um livro sem ambições de lauréis literários, descultivado de flores de estilo. Narra simplesmente, sem ataviar as descrições, dignas aliás de pena mais acurada, e estudos mais largos dos países que Malagrida alumiu com a luz da ciência abrilhantada por virtudes e alta piedade.

O padre Paulo Mury, da Companhia de Jesus, manuseou os impressos e inéditos que lembravam o martírio do apóstolo do Brasil. Urdiu com eles a sua história, tecida com exemplar sinceridade, seguindo o jesuíta desde o berço até à fogueira da Inquisição. Acusa moderadamente a iniquidade de Sebastião José de Carvalho: compadece-se da sua memória, como os jesuítas, em 1829, se compadeceram dos seus ossos ainda então insepultos na igreja dos franciscanos da vila de Pombal.

Não nos deteremos em particularidades da vida operosíssima de Malagrida. Nenhuma das mais e menos essenciais descurou o biógrafo. Pareceu-nos, porém, vir de molde neste prefácio a reimpressão de um raríssimo opúsculo da inocente vítima do marquês de Pombal. Duas vezes, em sua obra, alude o padre Mury ao folheto que Malagrida publicou na ocasião do terremoto de 1755. Este folheto motivou o desterro de Malagrida para Setúbal<sup>1</sup>, fez parte no processo da sua condenação, e enfureceu por tanta maneira o

rancor do ministro omnipotente, que todos os exemplares apreendidos e voluntariamente entregues foram queimados pelo algoz, na Praça do Comércio, em 8 de maio de 1771, por edital da Mesa Censória de 30 de abril, dez anos depois do suplício do seu autor!

Entre os signatários do edital, e membros da Mesa Censória, avultam nomes de qualificadores do Santo Ofício que em 1756 tinham aprovado e encarecido a utilidade e publicação do opúsculo! Tais prodígios de infâmia exercitava o terror naquelas consciências abatidas e acalcanhadas pelo pé de Sebastião de Carvalho!

É digna de nota a *Censura* que o desembargador Amaro Duarte Silva estampou no livrinho, intitulado: — *Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755, pelo padre Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus, missionário apostólico, Lisboa, 1756.*

Copiemos-la integralmente: «Li com grande gosto este papel, que vejo ser invenção, e composição do P. Gabriel Malagrida da Companhia de JESUS, varão bem conhecido pelos seus apostolicos empregos, e do numero daquelles de que he fecundissimo o seu esclarecido instituto: Nada contém que dissone ainda dos mais pios dictames da Religião, antes, além da propriedade das Escripturas, e solidês de doutrinas, de que está ornado, reluz nelle tanto a chãma superior, que incende ao Author, que bem mostra ser forjado naquella frágoa, onde reside hum espirito, que entre outros affectos, e effeitos de sua larguissima contemplação, póde levantar os olhos no primeiro de Novembro passado, quando, em cada ruina, que despedia o zimbório do seu Collegio para o cruzeiro em que estava ajoelhado, via eminentes outras tantas mortes, e tantas mais fatalidades, pode, digo, levantar os olhos ao Ceo, e dizer para elle com igual desafogo, que resignação: *Paratum cor meum Deus*<sup>2</sup>, *paratum cor meum*; tal he a disposição com que acodem os bons servos, se entendem, que lhes pulsa o Senhor; mas só quem vive assim, sabe formar hum juizo tão proprio das obras de Deos, e por isso me persuado, que deixarão só de o reputar, como tal, aquelles, que

ou não gastão qualquer instante em meditalas, ou com o pretexto do acaso, querem authorizar a liberdade em que os precipita a sua obstinação. Este he o meu parecer...<sup>3</sup> Lisboa 22 de julho de 1756. *Amaro Duarte Silva.*»

O padre Manuel Monteiro, da Congregação do Oratório, por parte do *Paço*, censurava o opúsculo do seguinte teor: «O Papel que V. Magestade me manda ver, parece dignissimo de se estampar, e nem a materia que nelle se trata, nem a fôrma com que o P. Gabriel Malagrida seu Author discorre, e a authoriza, contém cousa alguma contra as regalias do Reyno, antes poderá conduzir muito para a pontual observancia da Ley Divina, e das de V. Magestade. Assim o julgo, salvo o melhor juizo. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratorio, no Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades em 2 de agosto de 1756. *Manoel Monteiro.*»

É, pois, evidente que o opúsculo de Malagrida não foi obra clandestina e insidiosa como inculcam alguns historiadores que pecam menos por apaixonados que por superficialíssimos.

É tempo de fazermos conhecido o documento que expulsou da corte o austero jesuíta, acusado de fazer intervir a Providência divina nas calamidades que afligem o género humano. Sebastião de Carvalho, coração empedrado pelo ateísmo do seu, ainda assim, mal compreendido Voltaire, odiou naquele lance do terramoto e do incêndio, o clero que acudia à desgraça com os confortos da religião e bálsamos da piedade. Era-lhe mais agraciado espetáculo ver as duzentas forcas funcionando à toa, que ouvir os clamores dos sacerdotes exortando à comiserção os maus, e patientando o exaspero dos bons.

Eis aqui o opúsculo queimado pelo agoz:

«Se o maior serviço que póde fazer hum Cidadão fiel á sua Patria, he descobri-lhe os inimigos mais pérfidos, e perniciosos, que lhe maquinão ruinas, e tragedias as mais funéstaras, e deploraveis á sua Monarquia; a esta palma certa-

mente me obriga anhelar com todo o empenho a compaixão, e dor inexplicavel que me afflige, de ver (por causa destes abominaveis contrarios) em decadencia huma Corte tão rica, tão bella, tão florecente, debaixo do suave, e pacifico Imperio de hum Rey Pio, e Fidelissimo, que podia causar inveja ás mais opulentas Cortes de todo o Mundo; e huma não mal fundada esperança de podermos descobrir remedio, e achar meyo, com que torne ao resplendor<sup>4</sup>, e felicidade primeira, todas as vezes, que estes fatais oppostos da felicidade publica forem abatidos.

«Sabe pois, oh Lisboa, que os unicos destruidores de tantas casas, e Palacios, os assoladores de tantos Templos, e Conventos, homicidas de tantos seus habitadores, os incendios devoradores de tantos thesouros, os que as trazem ainda tão inquieta, e fóra da sua natural firmeza, não são Cometas, não são Estrellas, não são vapores, ou exhalações, não são Fenomenos, não são contingencias, ou causas naturaes; mas são unicamente os nossos intoleraveis peccados. Esta demasiada carga foi para nós aquelle *Onus Ægypti*, que aponta o Profeta Izaias no cap. 90, o qual assim como então fez de hum Reyno, o mais opulento do Mundo, hum assombro de miserias, assim no presente, fez de huma Corte, Rainha das da Europa, o horroroso cadaver, que contemplamos: *Iniquitates nostræ supergressæ sunt caput nostrum, et sicut onus grave gravatæ sunt super nos.*

«*Quis erit*, oh consternada Corte *ille ferreus*, qui nom moveatur, á vista de tão horrenda dessolação? *Campus ubi Troya fuit*: oh *utinam*, que fossem ao menos campos! Que seria menos dificultoso escogitar algum modo de restauração! Porém eu não vejo mais que a montes inconsolaveis ruinas, á vista das<sup>5</sup> quaes, não podia deixar de lançar rios de lagrimas hum Jeremias, e fazer como proprias deste lastimoso estrago as lamentações, que já fez sobre a sua amada Jerusalem: *Quomodo sedet sola civitas plena populo: facta est quasi vidua*

*domina gentium*. Todos os seus moradores a desampararão, submergindo-se no seu pranto: *Plorans ploravit in nocte, et non est, qui consoletur eam ex omnibus charis ejus*; porque a dor, e o estrago immenso, não admite consolação: *Via Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem*, e como hão de acodir passageiros ás festas, e solemnidades, se não há, nem ruas, nem casas, nem Templos, nem Altares, nem SACRAMENTOS? *Omnes portæ ejus destructæ, Sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalidæ*: quebradas as suas clausuras sahem dos seus Conventos as Esposas do Senhor, fazendo de huma Cidade tão pia, e tão Catholica huma Babilonia de inconsolavel confuzão; *et ipsa oppressa amaritudine*. E donde procederão tantas ruinas? *Propter multitudinem iniquitatum ejus*. Não faltarão tambem á infeliz Jerusalem os arrancos de terremótos estrondosissimos, confederados com outros males, não menos formidaveis, porém tudo foi effeito, unicamête dos seus grandes peccados: *Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est. Facti sunt hostes ejus in capite, inimici ejus locuplectati sunt*. Com tão grande colheita de almas peccadoras, que levarão para o Inferno; e tudo isto unicamente pelo excesso dos seus peccados: *Quia dominus locutus est super<sup>6</sup> eam propter multitudinem iniquitatum ejus*.

«Para mayor confirmação de verdade tão indubitável, seja-me licito trasladar hum rasgo de hum nobilissimo Orador sagrado da Companhia de JESUS, usado opportunamente em ocasião de huma gravissima calamidade, com que o braço Divino ameaçava, não sei, que Cidade de Italia sua patria. P. Anton. Bordon<sup>7</sup>: ‘Qualora oppresse da calamitá gemono le<sup>8</sup> Provincie e le citta<sup>9</sup> non occorre no darne al Cielo la colpa con attribuirne a maligne costellazione l’origine<sup>10</sup>. Chi fa reo<sup>11</sup> de comuni disastri un Marte, o un Jiove, o un Saturno, o un qualche altro<sup>12</sup> pianeta malevolo, credetemi uditori<sup>13</sup>, inganna se stesso<sup>14</sup>, e inganna voi. La vera regola per acertar la cagione dei veri<sup>15</sup> mali, che inondano non dagli<sup>16</sup> astrologi si deve

prendere ma dai libri sagri<sup>17</sup>. Leggeteli pertanto e vi scorgete<sup>18</sup> che la fonte amara da cui tutte scaturiscono le miserie dei popoli<sup>19</sup> ella e il peccato: *Miseros facit populos peccatum*. Prov.<sup>20</sup> Questo<sup>21</sup> è il principio che stabiliscono generalissimo; e poi scendendo<sup>22</sup> a lezione particolari, vi<sup>23</sup> fan sapere, che se vedete<sup>24</sup> abatimento di<sup>25</sup> Monarchie, desolazioni di<sup>26</sup> regni sconvolgimento di<sup>27</sup> Governi tutto lo sconcerto<sup>28</sup> vien dal peccato: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, et inimicitias, et contumelias, et diversos dolos*. Eccl. 2.<sup>29</sup> Vi fan sapere che se vedette involarse da<sup>30</sup> obstinate arsurre i fieni al prato, le messi<sup>31</sup> al campo le Vindemie ala Vinha<sup>32</sup>, ciò, ã vi rende di bronzo il Cielo, sicche non isciolgasi<sup>33</sup> in una stilla di pioggia si hê il peccato: *Propter peccata vestra dabo vobis Cælum, desuper sicut ferrum*<sup>34</sup>, *et terram æneam*<sup>35</sup>. Vi fan sapere ã se dai<sup>36</sup> tremuoti scompaginata la terra seppelisce in profonde<sup>37</sup> voragini citta e cittadini riceve dal peccato la scossa<sup>38</sup>. Isai. 24<sup>39</sup>. *Confractioe confringetur terra, contritione conteretur, terra, et gravavit eam*<sup>40</sup> *iniquitas sua, et corruet*. Vi fan sapere ã se contagi, mortalità, pestilence...

«Nem digão os que politicamente afirmão, que procedem de causas naturaes, que este Orador sagrado abrazado no zelo do amor Divino faz só huma invectiva contra o peccado, como origem de todas as calamidades, que padecem os homens, e que se não deve comprovar com esses espiritos ardentes, que só pertendem aterrar os mesmos homens, e augmentar a sua afflicção com ameaços da ira Divina desembainhada; porque he certo, se me não fosse censurado dizer o que sinto destes politicos, chamarlhe Atheos; porque esta verdade conhecerão ainda os mesmos Gentios, *l. Fluminum 24. § hoc stipulatio, et §. servius. ff. de damn. insect. l. propter incendium 4. ff. de pollicitat. l. ex conducto 15. §. si vis tempestatis. l. si merces 25. §. vis maior. l. Martius 59 ff. locati*, nas quaes ensinão, que não tem outra causa os terremótos, mais, que a indignação Divina, e por esta razão lhe chamão *Vim Divinam*.

«Mas para que são necessarias repetiçoens mais diffusas de authoridades, e miserias? Todo o engraçado da mais flórida, e peregrina eloquencia não dá tanta força á verdade, como lhe dá a ingenua, e humilde confissão de Santo Tobias, o qual governado do Espirito Santo (que não póde errar) assim ensinava aos seus irmãos, e patricios opprimidos com tão duro captiveiro em Babilonia, a reconhecer a unica origem de tão funestos desastres: *Quoniam non obedivimus præceptis tuis; ideo traditi sumus in direptionem, et captivitatem, et mortem, et in fabulam, et in improprium omnibus nationibus; quoniam non obedivimus, quoniam non obedivimus.*

«Ora se o Espirito Santo, que por ser veracidade infinita, nem póde enganar, nem póde ser enganado<sup>41</sup>, *omnium Prophetarum literis, atque linguis*, confessa que tão grandes castigos, e flagellos são todos effeitos das nossas culpas, não sei como se possa atrever hum sujeito Catholico a attribuir unicamente a causas, e contingencias naturaes, a presente calamidade deste tão tragico terremoto? Não sabem estes Catholicos, que este Mundo não he huma casa sem dono? Não sabem que há providencia em Deos? Que ha Deus no Ceo, que está vigiando continuamente sobre as nossas operaçoens, e que: *Si in timore Domini non tenuerimus nos instanter, citò subvertetur domus nostra*; como nos declara o mesmo Senhor no *Ecclesiastico* cap. 27? Finalmente, há cousa mais clara, e manifesta nas Escripturas, que aquella terrivel medida, com que a Magestade Divina méde os peccados das Cidades, e dos Reynos? *Super tribus sceleribus Damasci convertam eam, et super quatuor non convertam eam; super tribus sceleribus Gazæ convertam eam, et super quatuor non convertam eam: super tribus sceleribus Tyri convertam eam, et super quatuor non convertam eam*: Amos. E se ainda as Cidades mais barbaras, e pagans tinham huma certa, e determinada medida, concluida a qual, os Anjos destruidores descarregavão os golpes da ira de Deos sobre ellas; que será

das Cidades Catholicas, cujos peccados como acompanhados de maior conhecimento, e desprezo do mesmo Senhor, se fazem infallivelmente dignos de maior castigo?

«E quando as Escripturas não fallassem<sup>42</sup> com tanta clareza: póde ser mais evidente o Juizo, e sentir da Igreja nesta materia? Em trez Orações, que manda aos seus Ministros ajuntar nestes tremores: *Deus, qui respicis terram, et facis eam tremere, etc.*, não confessa mais de seis vezes, que he Deos, e não causa natural, quem sahe ao campo com estas armas, ou para exterminar os peccados, ou para exterminar os peccadores? De maneira, que tão Soberano Senhor sempre; *Exiit vincens, ut vincat*, ou acabando o peccado no peccador: que abalado, e atemorizado com tão horrendo flagello, busca com huma sólida penitencia o asilo da misericordia; ou acabando o peccador no peccado: largando os obstinados ao furor executivo da sua Justiça. O que se colhe deste discurso he, que quando ainda semelhantes vozes não se oppuzessem tão manifestamente ás Escripturas, sempre serão temerarias, mal soantes, e escandalosas; porque diretamente oppostas ao sentir da Igreja, que he sem duvida, a que se deve ouvir, e seguir, como mestra indubitavel, e como a que *Noscit sensum sponsi*, e póde unicamente acertar na intelligencia dos seus fins.

«He tambem escandalosa, e perniciosa esta doutrina; porque nos diverte da resolução, e designios de huma verdadeira penitencia, e de darmos com ella a satisfação devida á indignação tão manifesta de Deos; e como esta penitencia, e emmenda da vida, he o unico escudo, que nos póde defender de tantos estragos, e calamidades, ainda mais rigorosas, que nos ameação, veção os que se persuadem do contrario o perigo, em que nos métem?<sup>43</sup> Não cuido, que será indecente de materia tão sevéra, explicarme com huma comparação, e fantasia Poetica, que talvez he a mais nobre de quantas nascêrão na cabeça do Principe dos

Poetas, *Virgilio*: examinando pois este prodigioso engenho, e fazendo anatomia dos rayos, com que Jupiter irado mostrava o seu furor contra a terra; assenta, que os Cyclopes na sua fabrica ajuntavão huma certa, e terrível mistura, que era o tortuoso dos nimbos, o chuvoso das nuvens, o impetuoso dos ventos, e a força mais activa, e abrasadora do fogo; porém o unir, e confederar contra a ruina da terra elementos tão oppostos, e impacientes de união, só o podia idear a ficção de hum entendimento Poetico, e não executar o trabalho, e magisterio do fabuloso Vulcano na sua caverna; valha porém a verdade: que muito mais bella, admiravel, e não fingida mistura descobriu Ruperto Abade, (*Genes. l. 3.*)<sup>44</sup> nos rayos, e castigos da Omnipotencia, odio, e amor, justiça, e misericordia: *Attemperans iræ furorem, misericordiæ societatem*. E esta he a verdadeira intelligencia, e mysterio; porque, diz o Santo, a espada de fogo embracada pelo Serafim Custodio do Paraizo, era de fogo sim, e de fogo mui violento; mas era tambem *Versatilis; Talis*<sup>45</sup> *enim est*, (são palavras do Santo) *ut possit versari*: com as lagrimas, com o abatimento da nossa soberba, com huma verdadeira penitencia, se póde virar; e com ser ferro, fogo, e espada destinada ao exterminio dos peccadores, póde com o beneficio da penitencia, trocarse em chave para abrir, aos que *Humiliant animas suas*, os thesouros da misericordia; porém como ha de entrar nestes cuidados, e empenho o povo mais duro, e rude nos seus vicios, e ouvirem os que dizem, assegurarão, que estas calamidades são puros effectos das causas naturaes, e não vinganças de hum Deos indignado, e ferido no mais vivo da sua honra, pela obstinada perfidia dos peccadores? Pareceme, que o mesmo demonio não podia excogitar doutrina mais conducente á nossa irreparavel ruina, do que ensinar esta naturalidade tão innatural, assignando serem pelos symptomas das causas segundas, e naturaes, estes flagellos, que experimentámos,

ficando nós com estes sistemas mais impedernidos nas injurias, e desprezos da causa primeira; perseverando nós como dantes no nosso practico atheismo.

«Entra na Cidade de Ninive o Profeta Jonas, e passeando por toda aquella immensa Babilonia de confusão, como hum nuvem toda prenhe de rayos assoladores, deu tão fortes arranços, com aquelles seus horrorosos brados e trovoens: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur*; que logo aquelle inferno de culpas, se trocou, com a mais rigorosa penitencia, em paraizo de virtudes; e mereceo escapar daquelle exterminio, a que estava irremediavelmente sentenciado. Ora eu não posso deixar de reparar neste facto; *primò*, que por mais absolutos, e executivos, que pareção similhantes decretos, e ameaços de Deos, sempre tem na penitencia o seu remedio; segundo, que aquelles homens erão a mais vil escoria do gentilismo, erão huns epicureos, huns homens totalmente bestiaes, sem nenhum conhecimento de Deos, nem do fim, para que erão creados; que toda a Bemaventurança de hum homem era viver como irracional, unicamente submergido nos mais torpes prazeres corporaes; e com tudo; he tão natural effeito destes flagellos, despertarem em nós o conhecimento de Deos: que ainda só ameaçados fazem, que hum abysmo de vicios se transforme em prodigio de penitencia; e tu funestissima Corte, a quem a espada do furor Divino entrou já tanto pela terra dentro, que ha mais de seis mezes, que continuamente te está ameaçando; em vez de buscar com toda a resolução, e esforço o remedio verdadeiro, toda te arrebatas em ouvir estes silvos tão venenosos da tragadora serpente: *Non faciet Deus malum hoc: non moriemini; non moriemini?* Tornou depois com effeito Ninive convertida a prevaricar nas suas culpas: e tornou Deos a mandarlhe o seu Ministro, e Profeta a ameaçarlhe o castigo; mas porque quiz dar credito áquelles Profetas infernaes, que lhe divertião estes temores, e lhe asseguravão, que estes não erão effeitos de nenhuma causa,

ou agente sobrenatural, capaz de se exasperar cõ os vícios, ou aplacar com a penitencia, largando o primeiro acordo do arrependimento, experimentou tão rigoroso exterminio: que nem dos peccadores ficou hum só vivente, nem de tantas, e tão magnificas fabricas, huma só pedra, para lembrar ao menos, com estes poucos fragmentos aos seculos futuros, que alli esteve a mais opulenta Cidade de todo o Mundo.

«Nem faltárão tambem nesta occasião as Profecias, com que a benignidade de Deos nos avisou anticipadamente deste castigo, para que o atalhassemos á similhaça dos Ninivitas com o arrependimento. Cinco vezes sei eu por noticia certa, a revelou a huma sua Serva, que obrigada do mesmo Senhor, o communicou ao seu Padre espiritual, para que, callando o seu nome, o participasse, como fez a varias pessoas, para que com suas penitencias, e Oraçoens, mitigassem a ira de um Deos indignado. Callo muitas outras, das quaes não póde haver duvida prudente, pela gravidade dos sujeitos, que as testificão. Mais de seis mezes antes desta ruina, tive eu nas minhas mãos huma relação<sup>46</sup> da preciosa morte, com que passou deste Mundo para os premios eternos, aquella Veneravel Serva de Deos fallecida, no dia da Annunciação do anno passado de 1755. no observantissimo Convento da Villa do Louriçal. Ora nesta relação não consta claramente, que o mesmo Senhor lhe revelou estava notavelmente indignado contra os peccados de todo o Reyno, e principalmente, oh Lisboa, contra os teus? E ã fez o Reyno? E ã fizeste tu, para atalhar o castigo tão claramente ameaçado? *Super capillos capitis nostri multiplicatæ sunt iniquitates nostræ: circumdederunt nos mala, quorum non est numerus*; fizemos como aquelles Origes apontados pelo Profeta, tão destemidos, e brutaes, que ao mesmo tempo, que vem o Mundo abaixo com estrondo de cães, e caçadores, dirigidos á sua ruina, se vão muito alegremente, em vez de fogir, deitar a dormir

profundamente nas redes armadas para apanhalos: *Facti sunt, sicut Origes illaqueati dormientes in capite omnium platéarum.*

«Ora, suposta a verdade innegavel de tantos avisos, e profecias precedentes, haverá, não digo Catholico, mas Herege, Turco, ou Judeo, que possa dizer, que este tão grande açoute foi puro effeito das causas naturaes, e não fulminado especialmente por Deos pelos nossos peccados? Mas como poderá desembaraçarse de hum argumento tão forte, que não tem, nem pôde ter solução? Porque eu argumento assim; Deos revelou, que estava gravemente irado pelos peccados de todo o Reyno, e muito mais de Lisboa, e consequentemente, que havia de fulminar hum grande castigo: logo este açoute, não se pôde attribuir a causas naturaes; mas unicamente à indignação de Deos, pela exorbitancia das nossas culpas. A primeira proposição, em que se estriba toda a força, para mim he tão certa, como he certo, que o Sol he Sol, e que as estrellas são estrellas, e que na terra ha gente, e no mar agua; he evidente, que muito tempo antes do terremoto tive nas minhas mãos este manuscripto, que acaso achei em huma casa das principaes de Lisboa; e porque nelle vi tão grande pezo, e substancia, disse a seu dono, que não lho restituia mais; antes movido de hum justo temor, e compaixão a esta pobre Cidade, fiz varias diligencias, ainda que talvez não fiz todas as que devia, para satisfazer de alguma sorte a Deos, e atalhar castigo tão tremendo; pois sabia, e era para mim tão certo, que só huma conversão verdadeira das nossas almas ao mesmo Senhor, podia atalhar tão horroroso estrago, como he certo, que se viver bem me hei de salvar! Oh como he certo, que se ao menos agora convencidos dos nossos mesmos desastres, e tomando o escarmanto nas nossas cabeças (já que não quizemos tomallo dos ditos exemplos alheyos) tratarmos de nos humilhar, e converter verdadeiramente a Deos, atalharemos effectivamente<sup>47</sup> os rigores da justiça Divina, que nos ameaça.

«Eu me atrevo a dizer, que, se desenganados já com tão grande experiencia da nossa inexplicavel insensibilidade, em fazermos tão pouco caso, e em desprezarmos tanto, e metermos debaixo dos pés hum tão Supremo poder, e Senhor, que só com huma vista sevéra fez desmastriar, e agonizar todo o Mundo, buscarmos verdadeiramente contritos, e emendados as entranhas da sua piedade, poderá ser tão vivo, tão sério, e constante o nosso arrependimento, que façamos em certo modo arrepender a este Senhor, de nos ter com tanto rigor quasi aniquilados, ao menos despertaremos no amargoso mar da sua ira correntes dulcissimas de compaixão, e misericordia, que restituão, e brevemente, ao triste, e funesto cadaver das tuas ruinas, todo o esplendor, e antiga opulencia. Não o fez assim tantas vezes com aquelles Hebreos tão inconstantes, e só constantes nas suas reincidencias, e contumacia? E se assim obrou com os servos, como: *potiori jure*, o não praticará connosco, a quem honra com o titulo, e tratamento de filhos? *Et filii Dei nominemur, et simus*. Sirvame para todos os casos esta Escripura.

«Não se contentou Ezequiel em empregar todo o cabedal do seu zelo, para reduzir o pérfido, e obstinado Povo, já disperso, já destruido, já condemnado ao jugo, e cadeas de escravos em Babilonia; mas lamentando continuamente, e chorando sobre as miserias, e captiveiro insoportavel do mesmo povo, mereceo ouvir do mesmo Deos: não só palavras de paz, e de perdão de tantos agravos recebidos; mas que tornarião outra vez a respirar, e cobrar forças, e imperio de dominante, aquellas reliquias da mais inconsolavel servidão; e porque não desconfiasse de tão alta esperança o Profeta contemplativo, ex que se vê de repente arrebatado do braço de Deos, Cap. 37. *Facta est super Manus Domini*, e levado a hum grande campo, *qui erat plenus ossibus*; e depois que o fez medir bem com o seu aspecto atonito, e espantado de podridão tão infinita, entra com ele a perguntas o mesmo

Senhor: *Fili hominis, putas ne vivent ossa ista?* Homem, ou filho de homem, que te parece, estas são as miseráveis reliquias do teu povo? parece-te, que poderão outra vez cobrar alento, e figura de vivos estes cadaveres tão vastos, e destroçados? Ora *Vaticinare de ossibus istis, et dices eis:* Que empresto por breve momento, e vendo tributaria ás tuas palavras a minha Omnipotencia grita, manda, impéra dispoticamente sobre elles: *Ossa arida audite Verbum Domini;* não estava ainda bem concluido o preceito, ex que impacientes para obedecerem, aquelles residuos de cadaveres fizeram uma bulha infinita: *Et ecce commotio: et accesserunt ossa ad ossa, unumquodque ad juncturam suam, etc., et super eam nervi, et carnes accesserunt,* 7. Eis em fim, em hum bater, não de pennas, mas em hum abrir de olhos armado diante do Profeta, com hum exercito de mortos resuscitados, hum novo teatro de nūca vistas maravilhas! E que queria significar a Magestade Divina, com a fabrica de tantos milagres, quantos erão vivos, ao seu Profeta? Muitos, e mui grandes mysterios: porém o principal, e mais pertencente ao nosso caso he, que como aquelles mortos ja despedaçados, se tinham com o braço da Omnipotencia traspassado a nova vida: assim da sua escravidão, se passarião com brevidade a florescer, e dominar na sua amada Jerusalem, aquellas reliquias encadeadas de Jacob, e de Judá.

«Torno a dizer, se assim remunéra a bondade infinita de Deos, o arrependimento dos servos, e servos tão rebeldes, e contumazes, como não deve esperar ao menos ventura não inferior, o arrependimento dos filhos? *Si filii, et hæredes; hæredes quidem Dei, cohæredes*<sup>48</sup> *autem Christi.* Antes não são palavras, não são seguros, não são convites do mesmo Christo a todos os peccadores, em qualquer genero de aflicção, e miseria constituidos! *Venite ad me omnes* (in Matth. 11, 28<sup>49</sup>) *qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos:* porém como podemos effectivamente chegarnos a estas Chagas, a

estas fontes, a estas entranhas tão misericordiosas, se não detestando, e expellindo as culpas, que nos afastão para mais longe do mesmo Senhor, do que dista do Occidente o Oriente, e a noite do dia? Oh assim visse eu tanta resolução, e fervor para esta penitencia, quanta vejo em armar barracas, e erigir habitaçoens, como se aquartelados no campo fóra das casas de pedra, e de telha, estivessemos fóra da jurisdicção do mesmo Senhor, e de toda a sombra de perigo! Oh vergonha certamente, e dureza nossa indisciplpavel! O mesmo Soberano infinito, ainda nos despenhos mayores da sua ira, olha para nós; e ainda com o flagello nas Mãos, pede paz: *Ego cogito cogitationes pacis, et non afflictionis*; e nós tão consternados, tão escarmentados, tão desenganados, tão abatidos, tão aterrados com o leve movimento da sua lança: (*In conspectu fulgurantis hastæ tuæ,*) parece que não queremos acabar de humilhar-nos, e render as armas: *Nunquam* (disse lá aquelle antigo) *ignorantia cum sapientia, imprudentia cum prudentia, imbecillitas cum fortitudine, temeritas cum consilio, impotentia cum potentia in conflictum sua sponte descendit*. E será bem<sup>50</sup>, que agora em tão horrenda consternação, vejamos em nós mesmos estes assombros de contumacia contra Deos, que tanto estranhariamos usar com outras creaturas? Ah não permita o mesmo Senhor, que tambem em abatimento tão universal, se hajão de ouvir aquellas sentidissimas queixas (registradas em Job, no cap. 19) do mesmo Senhor: *Servum meum vocavi, et non respondit; ore proprio deprecabar illum*.

«Mas como hão de humilharse, e buscar a Deos com a penitencia, se dão ouvidos a estas perniciosas doutrinas, de que todos os exterminios, que experimentamos, são effectos de causas naturaes, e não castigos de Deos pelas nossas culpas! Porém, deixadas já disputas, vejamos se podemos entendernos melhor na explicação dos termos. Quem póde duvidar, que tambem concorressem, ou pudessem concorrer as causas naturaes? O ponto he, se Deos se valeo, ou não

valeo dellas para castigo das nossas culpas, que já passavão a medida por elle determinada. Explicome com huma comparação bem clara; Eu, arrebatado da colera, desembainho a espada, e mato com effeito a quem me fez o agravo; se se pergunta a causa immediata desta morte, foi a espada; porém a mediata fui eu. Neste sentido, julgo eu, fallão os que appellão para as causas naturaes; porque de Catholicos não se póde suppor outra cousa.

«Disse, que pódem concorrer, e pódem não concorrer as causas naturaes; porque, como ensina a sólida, e inconcussa Theologia, sendo a essencia Divina infinita, e contendo em si toda a virtude das mais creaturas, pode allumiar sem o Sol, banhar sem a chuva, e abraçar sem o fogo; porém muitas, e muitas vezes obra com as causas naturaes; mas tudo dirigindo aos seus altissimos fins, e este he aquelle *Ministerium lucis*<sup>51</sup>, *et umbræ*, que tanto venerava Santo Agostinho nesta variedade de sucessos: com que demos a cada cousa o que lhe toca, e não tropeçemos na desordem, tão lamentada não de hum Santo Padre, mas de hum gentio, qual era Seneca: *Instrumenta ejus pro ipso habentes*.

«E haverá quem repare, que eu diga, e sustente, que só por castigo das nossas culpas nos visitou a Omnipotencia Divina, com semelhante flagello? Quaes eramos nós, Deos sagrado, antes deste castigo? Quaes eramos, senão aquelles mesmos, que vejo pintados, ou profetizados por S. Paulo na sua Epistola 2. 3. ad Timoth. *Homines se ipsos amantes, cupidi, elati, blasfemi, ingrati, scelesti, sine affectione, sine pace criminatores, incontinentes, immites, sine benignitate, proditores, protervi, tumidi, et voluptatum amatores, magis quam Dei*. Bem claramente o temos visto. Os theatros, as musicas, as danças mais immodestas, as comedias as mais obscenas, os divertimentos, as assistencias aos touros, sendo tanto o concurso, que enchião as praças, e as ruas todas; e nas Igrejas, nas festas Sagradas, nos Sermões, nas Missoens

Apostolicas, por mais fervorosas, que fossem, não apparecia huma alma! Era a maior lastima ver naquelles espectaculos profanos, ainda pessoas mais insignes em sciencia, eloquencia, e virtude!

«Quem diria hum Padre Segneri, tio, e sobrinho! Que hum Padre Cancellote! Que hum Pinamonti, hum Constanzo, hum Baldinucci, hum Francisco de Geronimo, o Padre Fontano, que chegou a ter entre os Suizos sessenta mil ouvintes, e todos em hum campo, soffrendo com inflexivel paciencia huma chuva insuportavel, e todos descalços, até os mesmos Senadores, e Regedores daquella tão populosa Republica, chamados em sua lingua Sculletos.

«He verdade, que ouço muitos *tolere usque in*<sup>52</sup> *Cælum* o Culto Divino, e a piedade desta Corte, e assentão, que por este respeito nos soffreo tanto a Misericordia Divina; porém oução do mesmo Apostolo, que piedade he, ou era esta nossa: *Habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes*; falsas apparencias, hipocrisias infinitas, e nada mais; monturos cobertos de neve para enganar com aquella fraudulenta superficie, que os faz parecer totalmente diversos, do que na realidade são: *Speciem quidem pietatis habentes, virtutem autem ejus abnegantes*.

«Mas ah! Que nem sequer este fraco exterior, esta leve tinta de piedade, e Culto Divino! Ver as Igrejas tão solitarias, e as casas de jogo, de conversa, tão frequentadas? Andar o Santissimo SACRAMENTO pelas ruas<sup>53</sup> aos enfermos, com acompanhamento pouco decente á Magestade Divina, ainda em algumas das Freguezias mais populosas? Que praças, que commercios, que gritos, que motins não se fazião, até nos coros de quasi todos os Conventos de Religiosas? De sorte, que achando-me hũa vez nestes conflictos, e tumultos tão estranhaveis, foi necessario chegarme a ellas, e estranharlhe publicamente hum tal desprezo de Deos, e de seu Culto: isto era nos dias Santos, e nas occasioens de ouvir Missa;

ã em outros tempos, e occasioens dos Officios Divinos: *Solitude, vastitas, silentium magnum factum erat in terra*; porque aonde havia duzentas, e trezentas Religiosas, apenas se achavão cinco, ou seis para atropelladamente mastigar aquella reza, que muitas vezes cessava totalmente; porque nem esse pequeno numero havia. Isto fazião as mulheres, e os homens, os Religiosos, os Beneficiados, as Collegiadas, as Sés, que havião de ser o ensino, o exemplo, e espelho de todas as mais! digão os seus mesmos aggregados as praticas, as rizadas, que reservavão aquelles illustres officiantes para o tempo das Missas, ainda mais solemnes, por divertir o enfado de tão elevados, e Divinos Mystérios. Vejamos, por reverencia de Deos, e compaixão de nós mesmos, os gravissimos castigos ameaçados de Deos para semelhantes insultos: *Maledictus, qui facit opus Dei negligenter*; vejam aquella: *Abominationem desolationis stantem in loco sancto*, registrada em São Matth. ao Cap. 25, abominação, que traz indispensavelmente não só ruinas, mas exterminios a toda a terra: tenham horror das queixas, e ameaços do mesmo Senhor em Ezech, no Cap. 8 *Vides abominationes magnas, quas domus Israel facit hic: hic na minha casa*. Ibid. vers. 6. 13. 9. *Abominationes magnas abominationes maiores, abominationes pessimas*. Não me poderão já negar, ao menos de Christo bem nosso, que fazendo beneficio a todos, ainda aos mais impios peccadores, nunca chegou a molestar, nem descompor, nem açoutar com suas mãos, senão os profanadores do Templo. E que profanadores, e que casta de Templos erão aquelles, em comparação da Santidade, e magestade dos nossos? *Cum fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo*. Não foi pelo desprezo do seu Templo, ã Deos mandou dous Anjos despedaçar com açoutes tão rigorosos a Eliodoro! Não foi pela vingança do seu Templo, que mandou do mesmo Sanctuario huma escolta de chammas a devorar Nadab, e a Biud, só pelo descuido de não observar

nos Sacrificios alguns ritos, como era queimar o incenso a Deos, com fogo<sup>54</sup> usual, e profano? Não foi por vingança semelhante do Templo, que encheo de lepra a ElRey Uzias! Por vingança do Templo exterminou do Trono a Manasses, e o mandou captivo com o seu Povo para Babilonia. Por vingança do Templo privou do Reyno, e da vida a Balthazar, na mesma noite, em que profanou com a intemperança do seu convite, os Vasos sagrados. Pela vingança do Templo castigou da mesma sorte a Senacheribe e<sup>55</sup> fez despedaçar com hum horrendo parricidio. Oução por reverencia de Deos, e dos seus Templos, o brado horroroso, que dá aos seus Anjos, com as palavras de Jeremias (no Cap. 51, 11), que faz tremer: *Acuite sagittas, implete pharetras, quoniam ultio Domini est, ultio templi sui*. Valha-me a Magestade Divina; pois se então era tão inexoravel em vingar as injurias do seu Culto, e daquelles Templos, nos quaes não se administravão tão grandes SACRAMENTOS, e Mysterios, pois não assistia nelles com a sua real presença, o Corpo, e Sangue de JESU Christo; como podiamos esperar, que passasse agora com tanta insensibilidade, e indiferença as mais sacrilegas irreverencias, e as mais detestaveis torpezas, que se praticavão nos Templos, ainda mais insignes desta Metropole de tantos Reynos?

«Porém meu Deos, e Senhor: *Loquar ad Dominum Deum meum, cum sim pulvis, et cinis*: perdoai, por quem sois, a minha grande ignorancia, e sentimento; que castigueis as Cidades, e profanadores dos vossos Templos, parece-me muito bem; mas que vireis a espada fulminante contra os vossos mesmos Templos! Que sejaes tão implacavel contra as vossas Casas, Tronos, e Altares, que apenas temos hum Templo para recorrer a Vós, para vos louvar, para vos offerecer á Trindade Santissima a Hostia propiciatoria do vosso Corpo sagrado! Oh estranha, e terrivel vingança! Oh força a mais luctuosa, a mais horrenda, a mais inaudita da indignação

Divina! Aonde se vio tão grande estrago, que depois que o mundo he mundo, e depois da Igreja santa no mundo: *Ultio Domini est ultio templi sui.*

«Ora, e he possivel, que hum caso destes, hum sinal tão claro, e manifesto da mais horrivel indignação de Deos contra nós, não nos mova a todos a fazer pedaços de nós mesmos, para darlhe sequer algum genero de satisfação, *et fugere à ventura peiori ira!* Ouço dizer, que nas Cidades visinhas, aonde a ruina não foi tão grãde, fizerão, e ainda fazem maravilhas, de penitencias, pés descalços, cruzes, açoutes, jejuns a pão, e agua, e outras mortificações infinitas, e cá, onde a perda, e o exterminio, he o que vemos, nada<sup>56</sup>, ou quasi nada vemos de tão justos, e indispensaveis disvellos; de sorte que se admirão as outras Cidades, de tão pouca demonstração, que fez a Corte de Lisboa, publica de penitencia; porém confesso ingenuamente, que eu absolveria toda esta Corte de tão louvavel tarefa de occulta, ou publica penitencia, com tanto que todos fizessem a Deos, para alguma satisfação, o Sacrificio de se retirarem, por seis dias sequer, na casa dos exercicios, para ponderar com melhor desafogo, e maior luz, o que he, e o que nos traz de infinitas miserias, hum peccado mortal contra tão grande Senhor. He certo, que toda a nossa ruina, e causa de precipitarnos, com tanta facilidade, nestes abysmos, he a falta de consideração: *Dessolatione dessolata est omnis terra; quia non est qui recogitet corde.* Concedo que ainda no reboição do Mundo, e das casas particulares, se pôde considerar nesta materia; mas recogitar, como he preciso, he reservado só para estas palestras Sagradas. Nem digão que são Christãos, e que já crem, e sabem, que há Deos, Inferno, e Eternidade; porque as obras não o mostram, e se o sabem, como tão pouco o temem! Outra cousa he huma sciencia de Santos, que se alcança com aquellas tres horas de Orações mentaes, não tendo mais trabalho, que attender ao padre Director, que propoem e explana toda a substancia

dellas, e outra cousa he ter huma sciencia de demonios, que só serve para nos fazermos nós mais impios, e obstinados: *Declaratio sermonum tuorum illuminat*, (diz o Santo Profeta Rey,) *et intellectum dat parvulis*. De que serve a hum Piloto, e Capitão de Navio, trazer em viagens difficultosas boas cartas de marear, se as traz ordinariamente sepultadas em o fundo de huma caixa?

«Não posso soffrer, o ver nos outros Reynos, Dominios, Naçoens, e Republicas Catholicas o como servem, e florem cada dia mais estes santos retiros, e exercicios, de modo, que há Cidades com quatro, ou seis casas de exercicios, todas necessarias pelo extraordinario concurso das gentes, que a ellas concorrem; e nesta dominante tão vasta, e tão Catholica, tanto aborrecimento a elles, que a Companhia, de quem o mesmo Deos fez propria esta administração, muito mais que as outras sciencias, e ministerios, tendo tantas outras Casas, não chegou ainda a poder ter<sup>57</sup> huma Casa bem estabelecida para este effeito. Quantas pessoas nobres, e illustres haverá, que não se sabem examinar! Quantas que não se sabem confessar! E quantas que não se sabem arrepender, e cuidão que toda esta fabrica he negocio de palavras, he bater no peito, he rezar o formulario do Acto de contrição, e nada mais, e quantos que não se pódem absolver; porque, ou não sabem, ou estão esquecidos, até dos mesmos Artigos da Fé! Prouvera a Deos, que isto fosse só hum caso singular, e que não tivesse achado, semelhante desamparo, ainda em pessoas muito conspicuas! Como se pódem facilitar, e capacitar estes a fazer huma confissão geral, canonica, verdadeira, e segura, senão nestes silencios, e solidos, á luz de tantas instrucções, e meditaçoens, onde ainda com assistencia de Mestres tão conspicuos, e tão idoneos para este fim, padecem suas duvidas, para socego da sua consciencia, para acertar os meyo, que hão de tomar, e o norte que hão de seguir para assegurar o negocio da sua salvação.

«Esta oh Lisboa, he a verdadeira causa do terremoto, e o juizo, que delle fórma, quem te deseja o maior bem, e o mais empenhado, em que a Corte se veja no seu antigo esplendor, para coroa immortal de Sua Magestade, augmento de toda a Monarchia, e sobre tudo para maior honra e gloria de Deos.»

As torturas decorridas desde a publicação deste opúsculo até ao afrontoso garrote, vê-las-á o leitor na biografia que vai ler.

## PROTESTAÇÃO DO AUTOR

Em conformidade com os decretos do papa Urbano VIII, declaramos que aos factos referidos neste livro ligamos apenas a autoridade puramente humana, e de nenhum modo queremos antecipar os juízos da Santa Sé Apostólica.



Trinta anos de apostolado no âmago das florestas do Novo Mundo, entre as povoações selváticas do Maranhão e nas vastas dioceses do Brasil; dez anos mais consumidos a pregar a cruz de Jesus Cristo ao povo e à corte de Lisboa; e, depois, como galardão desses quarenta anos de serviços aos interesses de Portugal e da Igreja, uma condenação iníqua pronunciada em nome de Portugal e da Igreja, por juízes sem consciência nem autoridade; e, finalmente, após três anos de incomportáveis angústias, nos húmidos subterrâneos da Torre de S. Julião, a morte do mártir na última fogueira da Inquisição portuguesa, acendida por ordem e sob as sugestões do marquês de Pombal: eis o resumo da existência de Malagrida.

Estas linhas biográficas decerto não correspondem à fantástica figura inventada pelos jansenistas e filósofos do século passado, e reproduzida, em nossos dias ainda, nas histórias mais celebradas de Portugal: é que a ignorância e a calúnia, se lançaram mão do pincel, foi para desfigurar as feições daqueles contra quem se assanhavam<sup>58</sup>, e o jesuíta Malagrida foi uma das suas mais prediletas vítimas!

O nosso intento, ao escrever este livro, é vingar, expondo singelamente os factos, a memória tanto tempo denegrida de um homem tão prestadio a Portugal e à Igreja. As particularidades de uma vida tão operosa auferímo-las em uma história manuscrita de Malagrida, composta em Roma, no ano de 1762, pelo padre

Matias Rodrigues, um dos seus companheiros de apostolado.\* Consoante o dizer deste padre na sua Dedicatória ao Geral da Companhia Lourenço Ricci: «tudo o que ele refere ou pessoalmente o viu, ou de testemunhas fidelíssimas o houve, as quais conheceram Malagrida, e o acompanharam nas suas romagens apostólicas, e se protestam a sigilarem com juramento a verdade de seus depoimentos.»

Não satisfeito desta protestaçaõ, o autor do manuscrito é primoroso na exatidão histórica a termos de citar, em seguida a cada facto que expende, o nome e a qualidade da testemunha que lho transmitiu de viva voz ou por escrita.

Afora este documento de autenticidade incontroversa, recolhemos cuidadosamente os pormenores da vida de Malagrida dispersos no *Diário Literário*, de Cristóvão de Murr<sup>59</sup>. É notório o zelo que este protestante empregou para salvar do olvido tudo que respeita à história da Companhia, depois que foi abolida.

Por derradeiro, subsidiaram-nos miudezas preciosas acerca do processo, cativo e extermínio de Malagrida a seguinte obra italiana: *Il buon raziocinio, o siano saggi critico-apologetici*<sup>60</sup> *sul famoso processo e tragico fine del fu padre Gabriele Malagrida* (MDCCLXXXII), e a<sup>61</sup> dissertação latina: *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis judiciis*.

Oxalá que possamos, com esta tentativa, comunicar ao leitor uma ideia verdadeira de quem haja sido esse jesuíta célebre que o soberano Pontífice Clemente XIII não se dedignava de denominar, em consistório pleno, UM NOVO MÁRTIR DA IGREJA DE JESUS CRISTO!

*Amiens, 21 de setembro de 1864.*

---

\* Este manuscrito pertence à biblioteca dos Bolandistas, por quem nos foi generosamente comunicado. Eis o título por inteiro: *De vita V. P. Malagridæ, natione Itali, patria Menasiensis, e Societate Jesu, Socii V. Provinciæ Maragnonensis insignis que Missionarium apostolicorum prototypi, libri quatuor, a quodam ex eadem societate ac V. Provincia Presbytero (Mathia Rodriguez) elucubrati, anno a partu Virginis MDCCLXII. — Roma.*

# HISTÓRIA DE GABRIEL MALAGRIDA



**Primeiros anos de Malagrida; sua entrada na Companhia de Jesus  
(1689-1711)**

Ao norte de Itália, na margem ocidental do Lago di Como, em pitoresco local, no meio de risonhos arrabaldes, está a vileta de Menaggio. Aí viviam, no fim do século XVIII, em doce enlace, um médico distinto, Diogo Malagrida e sua esposa Ângela Rusca. Por talento e mérito, granjeara o médico a confiança das mais ilustres famílias. O duque de Parma, Eduardo Farnésio, queria-lhe a extremos de se hospedar em sua casa quando negócios o levavam a Menaggio; o duque de Saboia, Vítor Amadeu, queria-o investir da cadeira de Medicina na universidade que recentemente fundara em Turim; o doutor, porém, tão sábio quanto modesto, recusou o brilhante emprego, e acabou pacificamente sua carreira na vila natal, exemplificando aos seus conterrâneos toda a sorte de virtude. Estremou-se principalmente em caridade com a pobreza. Muitas vezes fora visto percorrer grandes distâncias a fim de liberalizar benefícios afetuosos aos que ele considerava membros sofredores de Jesus Cristo. Com tão cristão proceder, atraiu as bênçãos do Senhor, e foi pai de onze filhos, quatro meninas e sete moços.\* O quarto foi Gabriel Malagrida cuja vida escrevemos.

---

\* Dos irmãos de Gabriel apenas conhecemos Carlos Ambrósio, professor de teologia em Roma, falecido em 13 de maio de 1734, aos 38 anos de idade; Miguel, cónego de Santo Estêvão em Menaggio; e outro Carlos, falecido em Alemanha, e uma irmã, Maria Guaita<sup>62</sup>.

Nasceu em Menaggio, aos 18 de setembro de 1689. Desde a mais tenra idade, revelou felizes tendências para a virtude e piedade. Graças aos desvelos e zelo de sua piedosa mãe, aqueles embriões desenvolveram-se rapidamente. Por afabilidade e submissão, Gabriel era o exemplo dos irmãos e irmãs mais velhos. Pelo que o pai o denominava<sup>63</sup> o «Anjo da sua família». Era raro intender com brinquedos próprios da idade. Era-lhe sobretudo grato recreio fazer altares, ante os quais convidava os seus companheiros a rezarem com ele.

Quando perfez os nove anos, cuidaram os pais em o encarrearrem nos estudos. Fervorosos em dar ao filho dileto mestres idóneos a formarem-lhe a um tempo o coração e o espírito, associando às ciências humanas os divinos preceitos da religião, confiaram-o aos esclarecidos cuidados dos religiosos Somascos, que então dirigiam na cidade de Como um florente colégio.

Ao princípio, o jovem aluno deu-se ao estudo com ardor que atingiu logo o grau de paixão. Desviado das puerícias de sua idade, passava as horas de recreio a manusear livros; e, se não levava consigo os autores prediletos, os passeios não lhe eram apazíveis. Durante férias, enquanto sua família se divertia, passava ele o tempo estudando para sentir o júbilo de comunicar aos mocinhos de sua amizade os conhecimentos que no colégio adquirira.

Tão aturada aplicação desenvolveu precocemente os talentos congénitos que tanto o enriqueciam. Exultaram seus pais quando o viram ganhar prémios nos brilhantes triunfos de sua carreira literária.

Quando era mister cumprimentar algum personagem de vulto, ou proferir discurso de abertura em secção literária, era sempre Gabriel o preferido dos professores; o jovem orador era sempre acolhido com entusiásticos louvores.

Costumavam os padres Somascos, nas grandes solenidades colegiais, dar representações de peças cujo assunto era bebido na história eclesiástica. Os alunos eram os atores. Certo dia, haviam de representar na presença de ouvintes da mais seleta sociedade. A principal personagem do drama era a imperatriz Santa Pulquéria, e o aluno encarregado do papel daquela santa e heroica princesa

caiu de repente enfermo. Em tal embaraço, o superior, fiando do talento do jovem Malagrida, deu-lhe o papel de Pulquéria, e o improvisado ator encheu-se tanto do seu encargo, deu tanta alma à expressão dos altos sentimentos da Santa Imperatriz, que toda a assembleia ficou maravilhada.

Todavia, de par com os êxitos literários, Gabriel esmerava-se em atos de virtude e piedade: era o modelo do colégio. Eis aqui o que um honrado sacerdote da diocese de Como, seu condiscípulo, escrevia: «Gabriel era exemplaríssimo no proceder: ganhou triunfos notáveis nos estudos; em todos os bancos escolares deu mostras de engenho verdadeiramente extraordinário, e sobre-excedeu a todos os seus émulos. Tão verde ainda, já intranhara na alma o pensamento do martírio: ele mesmo, um dia, mo confessou. Como eu fosse seu vizinho no banco das escolas, observei-o estar continuamente com a cabeça apoiada na mão, que ele em segredo mordida, até a fazer sangrar. Interroguei-o sobre tão estranho hábito, e ele ingenuamente me respondeu que assim se queria acostumar à dor, na perspectiva de alcançar um dia a palma do martírio.»

No colégio de Como foi que Malagrida se sentiu vencido da vocação à vida religiosa, ocasionando-se-lhe assim o propósito: Estava por acaso presente aos paroxismos de um virtuoso padre; um membro da comunidade, que intranhava um culpável queixume contra o moribundo, alheou-se a ponto de vociferar contra ele palavras ofensivas, capazes de aumentar a torção e as angústias daquele terrível momento. Mas o expirante recebeu as injúrias com inalterável peito, e contentou-se com sorrir suavemente, revelando no rosto imenso júbilo, como se já entresse o prémio no céu; e assim se adormeceu na paz do Senhor, murmurando a derradeira palavra de perdão.

Este comovente espetáculo impressionou profundamente o ânimo de Malagrida. Até àquele lance, a ideia de morrer horrorizava-o; que nem a palavra *morte* podia proferir sem estremecer; mas daí por diante julgou-a mui diversa, repetindo:

— Oh! uma boa morte! que doce e consolativo não é o morrer, ao cabo duma vida inteiramente consagrada em serviço de Deus!

Traspassado deste sentimento, fez propósito de entrar em alguma ordem religiosa. E, daí a pouco, a generosa resolução ganhou forças com um novo acidente.

Em novo drama, representado pelos colegiais, coube-lhe um papel de rei. Pelo que, trajando ricos hábitos, se ensaiava a ocultar do cenário, dando-se ares e meneios de monarca. De repente, dá de rosto com um crucifixo. A imagem do seu Salvador, nu, coroado de espinhos, com as mãos e pés traspassados de cravos, moveu-o até ao recôndito da alma. Em face do seu Deus, fazem-lhe enojo os prazeres mundanos. Sai à cena para cumprir o dever; mas nada atento a ganhar aplausos, que ainda assim foram muitos. Porém, aos pés daquela cruz de Jesus Cristo lhe ficara o coração: e desde aquela hora um só pensamento o obsidiou: consagrar-se sem tardança ao serviço de Deus morto por seu amor.

Neste desígnio, pediu aos mestres, antes de recolher-se ao seio da família, que o promovessem a minorista. Concederam-lho de boamente. E, desde então, a cada hora manifestava o zelo que lhe acrisolava o coração. Ajudar às missas, ensinar a doutrina cristã aos meninos e aos pobres, então eram as suas mais festivas ocupações. Já por vezes lhe concediam subir ao púlpito e pregar ao povo com muita inergia e unção. O arcepreste de Menaggio, Nicolau Tedeschi, que então o ouviu, deliciava-se em relembrar, aos oitenta e quatro anos, um sermão em que o juvenil pregador celebrara os louvores da Virgem Imaculada.

Preludiando desta arte as suas lides apostólicas, Gabriel passou a Milão com o fim de concluir os estudos teológicos. Progrediu rapidamente na ciência sagrada; mas mais rápido ainda na carreira da virtude. Cada dia se afastava mais das vãs preocupações do mundo. Conversava habitualmente com o Senhor, com os anjos e santos. Toda sua felicidade librava na oração e comunicação com Deus. Mais penetrativa e clara que nunca lhe soou então na alma a voz do Senhor. Resoluto a desatar os derradeiros vínculos que o prendiam ao mundo, Gabriel escreveu aos pais, pedindo-lhes licença para seguir sua propensão. Os pais, ardentemente religiosos, não

lhe empeceram à vocação; mas revelaram a dor grande de se verem apartados de filho tão amado. Oscilou Malagrida muito tempo na escolha da ordem: consultou Deus em oração, alumiou-se com os conselhos do seu confessor, homem pio e prudente; e, alfim, decidiu alistar-se sob a bandeira de Santo Inácio, na Companhia de Jesus.



## II

### Noviciado e primeiros empregos de Malagrida.

#### Sua saída para o Maranhão

(1711-1721)

Aos 27 de setembro de 1711, Malagrida, à volta dos vinte e dois anos, entrou no noviciado dos jesuítas em Génova. Por espaço de dois anos de suave e amável ermo, trabalhou indefesamente em adereçar seu espírito com todas as virtudes dum sincero companheiro de Jesus. Modulando-se pelos Estanislau e Luís de Gonzaga, pôs peito à luta com generoso ardor, e trilhou a passo acelerado<sup>64</sup> a estrada da perfeição. Com infantil simplicidade, desvoluntariando-se ao sabor de seus superiores, os mais íntimos arcanos de sua alma lhes descobria. Como estimulantes ao fervor, lia e relia as lides prodigiosas dos primeiros heróis da Companhia, e nunca deu de mão ao livro sem reacender em si o anelo de seguir aqueles grandes e nobres exemplos. No intuito de refrear a natureza, e similar-se quanto em si coubesse a Jesus crucificado, declarou guerra sem tréguas ao corpo, jejuando três vezes por semana, e disciplinando-se rijamente. E tanto era o excesso das macerações, que os superiores lhe reprimiram a mão. E, além disso, se a penitência exterior o deliciava, mais saborosa lhe era a mortificação interior de todos os afetos, a abnegação da vontade própria, sem a qual as mais austeras disciplinas não podiam ser para muito aos olhos de Deus.

Eis aqui o testemunho prestado ao piedoso noviço por um dos seus companheiros de noviciado, o padre Jerónimo Maria Dória, da província de Milão: «O irmão Gabriel — escreve ele em 22 de

dezembro de 1761 — revelou-se, desde o primeiro dia de sua vinda, cheio de fervor; ao diante, este fervor, longe de esfriar, cresceu de dia para dia. Uma vez, confidenciou-me uma tentação que o assaltara, a respeito de seus pais a quem ele muito queria. Tanto mais violenta havia sido a tentação, quanto mais o remédio que empregara em opugná-la. Por volver mais completa a vitória e o sacrifício mais agradável a Deus, deliberou impetrar dos superiores licença de se ir às missões da Índia, a fim de mais se distanciar dos pais. Todo tempo que convivemos no noviciado, posso sob juramento afirmar que observei nele uma virtude rara; pelo que, o nosso mestre de noviços no-lo propôs como exemplar.»

Transcorrendo assim a série de provas prescritas por Santo Inácio aos noviços da Companhia, Malagrida, volvidos dois anos, pronunciou o voto irrevogável de servir a Deus, até ao seu derradeiro alento, na Companhia de Jesus. Passado pouco tempo, foi-lhe força deixar o seu querido noviciado; levou, porém, consigo, como tesouro precioso que nunca devia perder, os fervores adquiridos no berço de sua vida religiosa. «Cada vez que eu revia o padre Malagrida — diz o padre Dória — ou dele ouvia novas, mais me confirmava na opinião de que estava ali um religioso consumado.»

Findo o noviciado, aplicou-se o irmão Malagrida, por algum tempo, ao estudo das boas-letas que tão prosperamente já cultivara. E com tanto afinco se empregou<sup>65</sup> no estudo, que de pronto granjeou o que lhe faltava para hábil professor. Porém, o ardor da ciência não fazia implicância às santas práticas do noviciado. Nenhum fervor lhe impedia as ocasiões de mortificar os sentidos. Pelo que, nos seus repastos, dava preferência aos mais grosseiros alimentos. Um dia, porém, como lhe servissem um prato de excelente peixe, que ele, segundo usava, deixou passar intacto, o superior advertido ordenou-lhe que comesse: obedeceu logo o moço religioso, porque, a seu parecer, a obediência valia mais que as privações.

Volvidos alguns anos no exercício daquela virtude sólida que Santo Inácio exige, foi enfim considerado digno do sacerdotício. Revestido do ministério sublime, Malagrida, associando-se ao

padre Mariani, foi missionar em uma aldeia da diocese de Como. Abençoou-lhe o céu os esforços; mas maiores labores almejava sua alma de apóstolo. Dizia ele muitas vezes: «Aos povos de Itália não cansam meios de chegar à salvação; além-mar, pelo contrário, inúmeras nações jazem ainda nas trevas da idolatria: vamos acudir a essas almas desamparadas.» O que mais o instava a executar esta nobre resolução era a promessa feita a Deus, quando noviciava, de se ir às missões indianas, tanto que os superiores lho facultassem. Escreveu, pois, ao Geral da Companhia, o padre Miguel Ângelo Tamburini, conjurando-o nos mais insinuantes termos a conceder-lhe o favor insigne de ir trabalhar nas missões do Novo Mundo na salvação dos infiéis. Louvou o padre Geral este santo fervor; e, dado que lhe não permitisse partir logo, deixou-lhe entrever o bom termo dos seus votos. No entanto, foi nomeado professor de humanidades no colégio de Bastia, Córsega.\* Desempenhou-se Malagrida deste novo cargo com tanto zelo como talento; todavia, de envolta com suas lides literárias, apertava-o de contínuo o pensamento das missões. Renovou instâncias ao padre Geral, e obteve enfim a tão desejada graça de ir juntar-se aos missionários do Maranhão. Embarcou em Génova para Lisboa, onde o esperava o navio de transporte para a América.

---

\* Enquanto ensinava humanidades em Bastia, Malagrida, concertado com os seus discípulos, compôs uma tragédia latina intitulada *Amans*. Já no cabo da vida, quis fazê-la representar em Setúbal, onde estava desterrado; porém, observando-lhe um dos seus amigos que o ministro Pombal poderia reconhecer-se no papel de Aman, desistiu do intento. Encontrou-se mais tarde esta tragédia entre os papéis que os quadrilheiros do ministro levaram quando prenderam Malagrida: talvez que a tragédia concorresse bastante para a perdição do autor (V. B. *Il Buon raziocinio*, pág. 12).



**A missão do Maranhão  
(1607-1621)**

Após uma longa e penosa viagem, desembarcou felizmente o padre Malagrida, por fim de 1721, no Porto de S. Luís, capital do Maranhão. Esta região, uma das maiores da América meridional, era então parte do Brasil, e abrangia todo o país que se distende do cabo de Santo Agostinho até ao rio de Oiapoque, situado hoje na Guiana francesa.

Na época em que o rei de Portugal, João III, repartiu as costas do Brasil em governos chamados capitânias, a do Maranhão pertenceu a João de Barros, célebre historiador das Índias. Mas nem ele nem seus filhos lograram a conquista do seu novo domínio. Luís de Melo da Silva, que veio depois deles, não foi melhormente sucedido. Finalmente, em 1612, chegou uma colónia de franceses que repeliram para os seus bosques os selvagens habitantes do litoral, e se estabeleceram no país conquistado. Passados três anos, foram desalojados pelos portugueses, que cederam a praça aos holandeses em 1641; mas em 1664, os holandeses, vencidos em muitos ataques, abandonaram o país, deixando o Maranhão exclusivamente aos portugueses.

Em duas grandes províncias se dividiu então aquele imenso território: à do norte, que conservou o nome de Maranhão, deu-se por capital S. Luís, situada em uma ilha na foz do rio Mearim, chamado Maranhão pelos primeiros exploradores. A segunda província houve nome de Pará, duma cidade situada pouco mais ou menos a duzentas léguas distantes de S. Luís, tornada capital de toda a província.

Eis a descrição que nos deixou deste país o padre Matias Rodrigues, um dos companheiros de Malagrida no seu apostolado:

«Toda a província do Maranhão», diz o missionário, «está posta na zona tórrida, e prolonga-se de ambos os lados da linha sobre um desenvolvimento de costa na extensão aproximada de 450 léguas. Se não fosse a brisa refrigerante que o oceano bafeja, o viver em tal região seria insuportável, motivo do excessivo calor. Não há aí cereais, nem vinho, nem azeite: exceto a cana do açúcar, e o cacauero, tudo o mais são frutos selváticos com pouquíssimo sabor.

«Em grande parte este país é colmado de florestas por tanta maneira espessas que não há penetrá-las sem grande fadiga; contudo topam-se aí a reveses bastas savanas cobertas de elevados arbustos, por entre os quais se remexem grandes rebanhos de búfalos selvagens. São tão prodigiosas em tamanho as árvores destes bosques, que os indígenas, socavando-lhe os troncos, formam largas canoas. Algumas árvores se tem visto com mais de vinte palmos de largura, e cem de altura.

«Quanto a bestas feras, este país compete com os desertos africanos. Acham-se aqui panteras, tigres e outros animais ferozes, que preiam o homem que por desgraça se desgarrou nesses matagais imensos. Há também aí serpentes de corpulência descompassada, com muitos metros de comprimento. Estes réptis devoram bois e cavalos inteiros: quem for deles mordido, morre infalivelmente.

«As esplainadas são golpeadas de lagos e rios consideráveis. O máximo entre todos é o rio Amazonas, que desde a origem até a foz percorre o trato de três mil léguas. No local em que se embebe no mar, mede oitenta léguas de largura; e por espaço de quarenta léguas conserva, oceano dentro, a doçura de suas águas.

«Estes lagos e rios geram animais tão ferozes como os da terra: tal é uma espécie de crocodilo que os selvagens chamam *jacaré*.

«Difícilmente se reconhece o tipo humano nos índios moradores destas regiões. Abrigam-se em cavernas como as feras, vivem dispersos nos matos, e alimentam-se unicamente da caça. Às vezes travam-se em cruéis pelejas, e então ai dos vencidos! Estes são

amarrados a postes e engordados algum tempo como sórdidos animais, e depois, em horríveis banquetes, acompanhados de danças e de frenética gritaria, são comidos pelos seus algozes.»

Os primeiros missionários que penetraram nestas regiões foram os padres Francisco Pinto e Luís Figueira, ambos da Companhia de Jesus. Saídos de Pernambuco em 1607 só aportaram ao Maranhão depois de andarem perdidos um ano inteiro por cerradas florestas, onde padeceram toda a espécie de sofrimento. Trataram de fundar uma cristandade nos vales de Ibiapaba; mas, no ano seguinte, o padre Pinto foi martirizado pelos selvagens. Com muita dificuldade pôde o companheiro evadir-se à ferocidade dos índios; fez todavia voto de tornar ao Maranhão no primeiro ensejo. E com efeito voltou em 1615, com dois jesuítas, e durante quinze anos prosseguiu a sua lide apostólica, com incríveis trabalhos. Como a ceifa se tornasse cada vez mais abundante, foi forçado de passar a Portugal em demanda de socorro. Voltou em 1643 com quatorze companheiros; mas esses intrépidos apóstolos, naufragando na barreta do Pará, quasi todos pereceram, uns afogados, outros devorados por canibais da tribo dos Aruans<sup>66</sup>: três somente se salvaram deste desastre.

O sangue destes mártires fecundou a terra até então estéril, e se dispôs a receber a boa nova da salvação da boca do padre António Vieira, ilustre pregador dos reis de Portugal, o mais eloquente homem do seu país. Este digno rival de Francisco Xavier, tão célebre por engenho quanto por virtude, preferira aos aplausos da corte a vida amargurada do missionário, sofrendo, alegre, trabalhos e perseguições para glória de Deus. Em 1652 embarcara ele com onze jesuítas para pregar a fé aos bárbaros do Maranhão. Longo tempo o seu nome foi abençoado pelos índios, que o conheciam somente pelo Grande Padre. Apesar, porém, dos seus imensos serviços e dos que lhe sucederam, havia ainda muito que desbastar quando Malagrída aproou a essas regiões remotas. Veremos nos seguintes capítulos com que zelo o novo apóstolo se encaminhou pelos vestígios do seu predecessor ilustre.



**Primeiros trabalhos de Malagrida na América  
(1721-1724)**

No Maranhão, parte dos missionários dedicava-se exclusivamente ao cuidado dos colonos europeus estabelecidos no litoral; outra parte penetrava no interior das terras à busca de selvagens, levando-lhes ao seio das florestas em que viviam errantes a luz do evangelho, e o conhecimento de Jesus Cristo. Esta missão era a mais laboriosa e arriscada, e por isso mesmo a mais desejada do padre Malagrida.

Ainda assim, os superiores não lha concederam logo. Como lhe reconhecessem engenho insigne para a prédica, mandaram-no anunciar a palavra divina aos habitantes do Maranhão, em companhia do padre Luís Maria Bucharelli, irmão do famigerado Francisco Maria Bucharelli, que sofreu o martírio em Tonkin<sup>67</sup> aos 11 de outubro de 1723; passado algum tempo nomearam-no pregador no colégio do Pará, cidade que demora a duzentas léguas pouco mais ou menos de S. Luís.

Malagrida tinha de atravessar, para atingir o seu novo destino, uma região afogada de florestas, rasgada por torrentes, infestada de bestas-feras e de selvagens que rivalizavam com os animais em ferocidade; mas o varão de Deus exultava em padecer pela glória do seu divino Mestre; com um cajado na mão, e com os ombros carregados dum alforje que continha o breviário e os utensílios necessários ao santo sacrifício, pôs-se a caminho a pé e, depois de uma viagem penosíssima, chegou ao Pará em 1722.

Convencido de que o meio mais eficaz de granjear almas para Deus é pregar com o exemplo mais ainda que palavras, Malagrida, na sua nova residência, traçou um plano de proceder que devia conduzi-lo rapidamente a perfeição grande. Encerrado no seu pobre cubículo, passava longas horas orando, ou estudando a língua bárbara dos índios, para poder operar com mais facilidade a sua conversão. Este recolhimento, a par com ardentíssimo zelo, conquistou-lhe para logo a confiança de toda a comunidade. Consultavam-no em todos os negócios embaraçosos; muitos irmãos seus o elegeram para confidente de seus mais íntimos segredos e direção das consciências. Foi ele enfim considerado o de maior capacidade para reger a congregação dos jovens alunos do colégio.

Esta formosa instituição, transplantada de Itália ao solo americano, desintranhava-se em frutos não menos consolativos que nos colégios da Europa; sobretudo prosperara a olhos vistos sob a prudente direção do padre Malagrida. Em dias determinados reunia os seus jovens congregados, e com palavras repassadas de unção, lhes inspirava vivo horror ao pecado, e inflamava aqueles tenros corações com abrasado amor à Santíssima Virgem. Ensinava-lhes a aliança da ciência com a virtude, expunha luminosa e sedutoramente as grandes verdades da religião, ensinava métodos fáceis para fazer quotidiano exame de consciência, exortava-os a obedecerem aos pais, a respeitarem os mestres, a serem caritativos uns com outros; finalmente, e primeiro que tudo lhes recomendava assistência aos sacramentos, e fugir de tudo que pudesse desbotar-lhes a belíssima flor da castidade. Dava-lhes como modelos Estanislau e Luís de Gonzaga, amáveis patrocinadores de sua mocidade, e assim lhes incutia nobre emulação, dizendo-lhes frequentemente que deviam assimilar-se àqueles santos juvenis pela virtude quanto lhes eram semelhantes na idade.

Todavia os cuidados que Malagrida exercitava na mocidade do colégio não bastavam a refrigerar-lhe o ardor. Logo que chegou ao Pará, observou a cada passo a corrupção profunda que empeçonhava a cidade e as aldeias suburbanas. Gemia-lhe o coração ao ver tantas

almas escravas da ignorância. Pelo que, de harmonia com o padre Arnolfine, varão de provada virtude, resolveu pôr diques à torrente do mal. À imitação do grande apóstolo das Índias, andou nas ruas da cidade convidando os moradores a ouvir a palavra de Deus, oito dias somente. Correu o povo em tropel atraído pela novidade do espetáculo. E o zeloso missionário, dado que não pronunciasse ainda facilmente a língua portuguesa, pintou com tão vivas cores o ultraje feito a Deus pelo pecado, e o perigo em que o pecador está de resvalar ao fogo eterno, que o auditório inteiro desde o primeiro dia rompeu em lágrimas e gemidos. Concluído o sermão, homens e mulheres tumultuosamente se prostraram aos pés do pregador, para confessarem suas culpas, com copiosas lágrimas de contrição. Renovou-se nos seguintes dias análogo espetáculo; e, ao cabo da semana, a cidade estava, digamo-lo assim, transfigurada: tamanho era o número das conversões operadas pelo homem de Deus.

Transferiu-se Malagrida, da cidade do Pará às aldeias vizinhas, onde a sua palavra produziu mudanças não menos maravilhosas. Estendeu suas excursões apostólicas até a cidade de Caiaté, distante do Pará umas cem léguas. Nem tormentos de fome e sede, nem caminhos intransitáveis, ao través de densas florestas, nem as torrentes que se lhe atravessavam vingaram arrefecer-lhe o ardor. Chegado a Caiaté, apenas achou para abrigo uma péssima cabana exposta a todas as ventanias, onde o esperavam todas as torturas da fome. «Com dificuldade», escrevia ele, «encontra o meu companheiro para si um bocadinho de pão mendigado de porta em porta; quanto a mim, passo dias inteiros sem ter nada que comer.»

A Providência quisera desta arte afazê-lo pouco e pouco às rijas lutas que ele ia travar, para glória de Deus, com os povos da Índia.



**Malagrida entre os selvagens Tobajaras, Caicaíses e Guanarés  
(1724-1726)**

Quando o padre Malagrida se esforçava em reanimar o fervor e a piedade no povo paraense, de repente recebeu dos superiores ordem de voltar a S. Luís. Logo que aí chegou, depois de borrascosa viagem, foi nomeado reitor da missão dos Tobajaras: era o encargo que o varão de Deus, em seu zelo santo, ambicionava desde muito. Cheio de júbilo, retomou nos ombros o fardelzinho, e abordoando-se ao seu cajado, foi sozinho e descalço em demanda dos neófitos confiados ao seu disvelo.

A missão dos Tobajaras estanciava a vinte léguas de S. Luís, e abarcava toda a margem esquerda do rio Itapicuru. Três povoações indianas, incluindo a mais conhecida — a dos Tupinambás — formavam o núcleo desta nova cristandade: havia aí que farte incentivo ao zelo apostólico do padre Malagrida.

Aposentado na sua choça, em meio daqueles bárbaros, pegou de cultivar com ternura paternal aquelas almas toscas e apagadas, que até então se haviam atascado desenfreadamente no enxurdeiro de suas paixões. Acercando-se dos neófitos, explicava-lhes o catecismo, ensinava-lhes as orações da Igreja, falava-lhes de recompensas e castigos da outra vida; e, sem esmorecer na lida com tamanha ignorância e bruteza, envidava todos os recursos da mais engenhosa caridade para lhes inspirar sentimentos cristãos. Mais de uma vez, remuneram-no com ingratidões e ultrajes; mas que lhe fazia isso? À semelhança do divino Mestre, voluntariamente vertera a última gota de sangue para arrancar essas almas das presas da brutalidade.

Em esta mesma orla de Itapicuru, perto da tribo dos Tobajaras, acampavam os Caicaies, gentio feroz, cuja conversão ao cristianismo opunha graves estorvos. Desde muito que esses bárbaros se haviam rendido aos portugueses; porém, menoscabando todos os tratados, devastavam as aldeias e plantações dos seus novos senhores. Os colonos portugueses deram sobre eles a ferro e fogo, e os forçaram a embrenhar-se no âmago de suas florestas. Mas, passado tempo, graças aos padres Tavares<sup>68</sup> e Francisco Cardoso, aqueles bárbaros, cansados da vida errante por matagais, e batidos por tribos hostis, renovaram o tratado e pediram instantemente<sup>69</sup> missionários que os educassem na religião do verdadeiro Deus. Condescendeu-se com eles. A sua tribo foi reunida à dos Tobajaras, e entregue aos cuidados do padre Malagrida.

Muitas penas e fadigas deviam custar estes novos neófitos ao fervoroso missionário! Os Caicaies, brutificados pelo fetichismo<sup>70</sup>, pareciam desconhecer redondamente a existência de Deus. A mais sórdida devassidão havia-lhes bestificado o intendmento e barbarizado a palavra. Nus, errantes, pobríssimos, assim viviam da caça ou da pesca, à mercê do acaso.

Malagrida, de primeiro, estudou-lhes a linguagem; depois, com palavras cariciosas e dádivas, curou de lhes ganhar a confiança. Visitava-os amiúdo em suas cabanas, medicava os enfermos, levava-lhes acepipes que mendigava, e até para os alimentar se privava de comer e sustentar as forças extenuadas. Mediante mil traças sugeridas por sua caridade imensa, logrou, em breve tempo, captar a estima e até o amor desses bárbaros que, a final, o escutavam aprazivelmente. A doutrina celestial amolgara-lhes a ferócia da índole. Renunciaram à vida de brutos. Em suma, o ardente missionário, que não cessara de implorar as bênçãos do céu sobre os seus trabalhos, logrou o prazer de regenerar nas águas do batismo a máxima parte desta tribo selvática. Mas já então lhe preluziam novas conquistas.

A quatorze dias de navegação de S. Luís, nas margens do córrego de Codo, que conflui no rio Itapicuru, demorava a ferocíssima tribo

dos Guaranés. Chamados pelo padre João Vilar, jesuíta português, haviam apoiado de seus bosques para assentarem vivenda em sítio menos áspero. Mas, como as bexigas os devastassem cruelmente, abandonaram o padre Vilar, incendiaram as choças, e retrocederam para os matagais. Como quer, porém, que houvessem saboreado as doçuras da vida mais humana, já os bosques lhe não quadravam tanto. Ao cabo, pois, dalguns anos, enviaram uma deputação ao governador do Maranhão, Bernardo Pereira de Berredo, para renovar a aliança desatada. Concluiu-se o tratado, sob condição de que eles dariam trinta índios armados de frechas que combatessem os Barbados, outra tribo bárbara que prejudicava grandemente os colonos portugueses. Os emissários dos Guaranés fingiram aceitar as condições, e prometeram tudo ao governador, a ponto de induzirem o padre Vilar a segui-los.

Ditoso com este ensejo de ganhar almas para Deus, o destemeroso missionário embarcou-se logo com alguns neófitos em direção àqueles selvagens. Seguiam-no alguns soldados bem armados, com destino de combater os Barbados.

Quando chegou, os selvagens acolheram-o com demonstrações de sincera alegria, incutindo-lhe rissonhas esperanças. Desgraçadamente, entre os enviados Guaranés que tinham ido a S. Luís, estava um desses Barbados que haviam de ser perseguidos. Na volta, o índio avisou os companheiros de que se tramava contra eles; e já se haviam entre si pactuado para a matança dos soldados portugueses. Quando estes menos o esperavam, viram crescer sobre si com medonho alarido a horda numerosa dos bárbaros, armados de flecha e maças. Intenta o padre Vilar falar-lhes; mas um deles o derruba morto duma pancada. A maior parte dos portugueses tem a mesma sorte; alguns, apenas, conseguiram evadir-se nos batéis.

Depois de haverem despojado o cadáver do santo mártir, os bárbaros arrojaram-o ao rio. Três dias depois, foi encontrado incorrupto sobre a orela da margem, em meio de outros cadáveres já em começo de putrefação. Lance maravilhoso! rodeavam-no aves de presa, e multidão de peixes vorazes que os índios chamam

*piranha* ou *peixes-diabos*; mas nenhum desses animais tocara nos despojos preciosos do mártir. Aureolavam-lhe a fronte resplendores, e o sangue rubro que lhe gotejava das feridas recendia grato aroma.

Sucumbiu o padre Vilar em 27 de agosto de 1719.\* O céu vingou depressa a morte do seu servo fiel. Uma epidemia terrível arrebatou todos os filhos dos Guaranés. O miserável, que tingira as mãos no sangue do missionário, foi devorado vivo por esquilidos insetos, e acabou a vida despedaçado de dores, por maneira que seus próprios parentes reconheceram nele a vingança divina. Temerosos da justa ira dos portugueses, os assassinos foram estabelecer-se mais longe, nas margens do rio Iguará. E daí não cessavam de guerrear cruel e implacavelmente os Caicaies, em meio dos quais deixámos o padre Malagrida.

A fim de pôr termo aos males dos seus queridos neófitos, resolveu o intrépido apóstolo penetrar em meio daquele bravo gentio, para o ganhar para Jesus Cristo. Tratou ao propósito de propiciar com presentes muitos Guaranés. Depois, convidado por eles, lá foi com vinte catecúmenos da tribo dos Caicaies. Foi recebido benignissimamente. Correram os selvagens ao seu encontro; e, saudando-o como pai, levaram-no triunfalmente a uma cabana de folhagem, onde o convidaram a repousar-se da fadiga da viagem. Bem longe estava Malagrida de suspeitar a perfídia dos seus hospedeiros. Chegada a noite, adormeceu pacificamente.

A desoras, os bárbaros reuniram a assembleia dos anciãos. O mais velho, erguendo-se, discorreu acerca das injúrias, minuciosamente relatadas, que eles haviam tragado dos Caicaies, seus inimigos.

— É chegado o momento da vingança! — disse ele em conclusão. — Amanhã, ao romper do dia, quando eles ainda estiverem sopitados no sono, matemo-los.

Foi aplaudido por unanimidade. Depois do que a assembleia dispersou-se silenciosa.

---

\* Vej. P. Franco, *Synopsis*, anno 1719, pág. 459.

Aos primeiros assomos da manhã, ouviu o padre Malagrida, a súbitas, uma voz misteriosa que lhe murmurava ao ouvido:

— Fugi depressa, que estais em grande perigo!

Desperto de sobressalto, olha em redor de si, e não vê ninguém; mas não duvida que o seu anjo da guarda o adverte. De feito, instantes depois, os catecúmenos Caicais se lhe precipitaram na choça, exclamando:

— O batismo! O batismo! Eis os Guaranés! Ouvis os seus gritos de morte!...

E mal clamaram isto logo os inimigos armados de frechas e clavas invadem a cabana, ululando horridamente; e, num relançar de olhos, o chão é juncado de agonizantes banhados de sangue. À vista de tal espetáculo, Malagrida, descuidoso do perigo so-branceiro, vai buscar um vaso cheio de água; depois, ajuntando os seus desgraçados companheiros prostrados por terra, expirantes e cortados de golpes, inclina-se sobre cada um deles, move-os ao pesar de suas culpas, e a todos pelo batismo franqueia as portas do céu. Acabava de batizar a última vítima, quando os bárbaros ruem infurecidos sobre ele, despem-lhe o hábito, e amarram-no com liames flexíveis ao tronco de uma árvore. Depois, entrando-lhe à cabana, saqueiam tudo que topam, e profanam o cálice e os mais objetos sagrados que Malagrida levara consigo para a celebração dos sagrados mistérios. Afinal, apoderando-se dos paramentos sacerdotais, disputam-lhe os pedaços com que se vestem; e assim cobertos, um com a casula, outro com um retalho da alva, vão dançar vertiginosamente à volta da vítima amarrada, vociferando estrídula berraria. Neste em meio, o virtuoso missionário, postos os olhos no céu, agradecia ao Senhor havê-lo julgado digno de sofrer em glória do seu santíssimo nome. Cansados de gritar e saltar, os bárbaros reuniram novo conselho para decidir da sorte do prisioneiro. Todos os chefes da tribo pediram à uma a sua morte; e logo foi escolhido o mais robusto para executar a sentença. E então, o bárbaro, nu e pintalgado de laivos vermelhos, empenachado à volta da cabeça, com uma clava enorme caída sobre a espádua, avança

arrogantemente contra o mártir, passeia mui de passo em roda dele, casquinando um grande ruído de tabuinhas que cingia nos cotovelos e calcanhares; e, de tempo a tempo, com um estridente berro, anunciava à vítima que era chegada a sua última hora.

Entretanto, com a vista posta no céu, e o aspecto esclarecido de santo júbilo, rendia Malagrida graças ao Senhor por poder, enfim, colher a palma de mártir, há tanto tempo suspirada. Nas preces ferventíssimas, pediu ao céu o perdão dos seus algozes, e que lampejasse nos olhos deles o clarão da verdadeira fé. Aproxima-se, finalmente, o bárbaro da vítima, e já brandia a formidanda maça, quando uma velha indiana se lança contra ele, e, retendo-lhe o braço, exclama:

— Suspende! Não ouses matar o enviado do Grande-Espírito! a sua morte ser-te-ia funesta! Eu conheci aquele que matou, há anos, o primeiro *roupeta-negra*<sup>71</sup> que aqui veio; vi-o morrer de horrível morte, comido de bichos, traspassado dos maiores sofrimentos!

A tais vozes, o selvagem deixou cair a clava. A indiana vai ter com o chefe da tribo e persuade-o a mandar embora sem tardança aquele homem, cuja morte lhes acarretaria enormes infortúnios.

E, sem detença, os Guaranés desatam Malagrida, e impelindo-o brutalmente diante deles, levam-o à margem do rio Itapicuru; depois, atirando-o para uma canoa que desatracaram da margem, abandonam-o impiedosamente à corrente das ondas.

Levado pela corrente, o devotado servo de Deus não podia desfitar os olhos da inóspita margem, onde estivera a ponto de derramar seu sangue por Jesus Cristo. Lágrimas pesarosas lhe inundavam as faces! De súbito, uma voz plangente soa d'entre o arvoredado da margem:

— Padre! Padre!

Com grande esforço, conseguiu avizinhar à margem, e através das ramarias pôde lobrigar uma forma humana que se levava de rastos para a ourela do rio. E, de pronto, reconheceu um menino Caicaise que o seguira para o ajudar à missa. Durante a carnificina dos neófitos<sup>72</sup>, a pobre criança fora ferida na cabeça e ficara como

morta; porém, voltando a si, pudera escapar-se na força do tumulto, e emboscar-se na floresta, donde entrevira o padre Malagrida na canoa, a derivar rio abaixo.

Gostoso por poder salvar esta querida criança que amava como filho, Malagrida recebeu-a no barco, pensou-lhe as feridas, e enfaixou-lhas com um pedaço da roupeta. Apesar de extremamente fraco, o moço índio, lançando mão de uma vara que serviu de remo, dirigiu tão acertadamente o batel que, ao fim de três dias, chegaram à aldeia dos Caicaíses. Iam lívidos e desfigurados, mais semelhantes a espectros que a homens. Malagrida apenas comera um pedaço de sola naqueles quatro dias; por tal modo os dentes se lhe haviam cerrado que foi mister abrir-lhe os queixos com instrumento de ferro. Quanto ao menino, esse não pôde vencer tamanhos sofrimentos: poucos dias depois, expirou.

Os Caicaíses, como soubessem da matança dos seus, romperam em gritos de desesperação; e, tumultuando à volta da choça de Malagrida, pediam, a brados dilacerantes, as vítimas que ele conduzira à morte:

— Restitui-nos nossos pais, nossos esposos, nossos irmãos, nossos filhos; tu é que os perdeste, tu é que os levaste a morrer!

Novas lástimas intercortavam estas acerbas vozes. O coração do missionário estalava de angústia. Por fim, à força de brandura e bondade, conseguiu consolar a dor dos neófitos e enxugar-lhes o pranto.\*\*

---

\*\* O biógrafo latino achou estas particularidades em uma relação escrita pelo próprio Malagrida.



**Malagrida entre os Barbados**  
(1726-1727)

Continuava o padre Malagrida a fertilizar com seus suores as cristandades nascentes dos Tobajaras e Caicais, suportando com paciência prodigiosa as fadigas de tão áspera missão, quando, em fins de 1725, se lhe ocasionou favorável lanço de passar à tribo dos Barbados, a quem, desde muito, ele desejava levar o verbo da salvação.

Os Barbados, assim chamados porque deixavam crescer as barbas, ao invés dos outros índios, haviam assentado as choupanas no meio duma vasta floresta, perto das margens do Meari, a nove ou dez dias de navegação da foz deste rio. Era a mais belicosa nação daquelas paragens. Tinham horror ao vestido, mais ainda que as outras tribos. À feição de enfeite, acolchetavam no beíço inferior, furando-o, um anel no qual penduravam<sup>73</sup> uma volumosa pedra redonda.

Fartas vezes os portugueses haviam tentado subjugar aqueles bárbaros; mas retraíam-se sempre repelidos. A caridade do padre João Tavares pôde mais com eles, resolvendo-os a desemboscar-se das matas e estabelecer-se às margens do Itapicuru. Aguilhoados da curiosidade, alguns chefes da tribo adiantaram-se, uma vez, até a aldeia dos Caicais, entre os quais estava Malagrida. Avisado da chegada, o missionário ajuntou, à pressa, as maças, facas e outros objetos desta natureza, que pudessem agradar aos bárbaros; e depois, carregado com tais presentes, foi ter-se com o chefe dos Barbados, e pôs em campo os recursos todos de sua eloquência a

fim de convencê-los a abjurarem a sua grosseira religião e seguirem a doutrina do Deus verdadeiro, à imitação das tribos vizinhas, de Caicais e Tobajaras.

Deram os Barbados mostras de acolherem favoravelmente as propostas do santo varão. Convidaram-o a ir à sua tribo, e prometeram sair-lhe ao caminho para o conduzirem.

Renovadas repetidamente as promessas, despediram-se de Malagrida de modo o mais cordial e esperançoso.

Confiando então a sua querida missão dos Tobajaras e Caicais de outro jesuíta, o apóstolo do Maranhão voltou ao colégio de S. Luís para receber instruções dos seus superiores, e aperceber-se para a próxima viagem aos Barbados. Reuniu provimento grande de maças, anzóis, facas e outros utensílios, com que esperava acarear a estima dos selvagens. Depois, destemido de perigos, partiu para Maracu, vinte léguas distante de S. Luís. Aí, escolheu quatro robustos índios da tribo dos Guajajaras para remadores; e, porque ignorava a língua dos Barbados, tomou como intérprete um moço selvagem da tribo, que havia sido batizado e ensinado no colégio do Maranhão. Um corajoso português disputou a honra de acompanhar o missionário na sua excursão apostólica.

Com este ranchinho, entrou Malagrida em uma pequena barca; e desviando na corrente do Pindaré até confluir com o rio Meari, remontou o segundo até à sua origem, em território já dos Barbados. Levava já nove dias navegados, sem encontrar os selvagens comprometidos a conduzi-lo; porém, ao décimo dia, viu surgir d'entre uma brenha à beira d'água alguns índios, que lhe espiavam a chegada. Depois que saudaram<sup>74</sup> o missionário com gritos de alegria, correram a dar aviso aos companheiros; e, daí a pouco, toda a tribo descia à margem, e rodeava Malagrida com mostras de sincera amizade.

Não obstante, sem esperar que o padre repartisse as dádivas, saltaram no batel e roubaram tudo, sem dispensa de um pouco de sal, que comiam deliciosamente. Com muito custo conseguiu Malagrida salvar do saque o cálice e outros objetos sagrados.

Longe de se descompor com esta primeira violência, rogou-lhes que o conduzissem às suas choças. Ao través de charnecas e matos, ao cabo de seis horas de jornada, chegaram ao acampamento. Rodearam-no logo muitos velhos, mulheres e crianças, com a mira posta em alguma dádiva; quando viram, porém, que o missionário já não tinha que distribuir, arredaram-se carrancudos; e, ao outro dia, de madrugada, toda a tribo abandonou o padre e os companheiros, indo acampar noutra local.

Que fazer no seio daquelas imensas florestas, sem provisões nem abrigo contra as inclemências do ar e ferocidade<sup>75</sup> das bestas-feras? Cheio de confiança em Deus, o valoroso missionário não se acovarda. Decidido a permanecer, a despeito de todos os impedimentos, no coração daquele selvagismo, que ele queria de força arrancar às presas do demónio, ordenou aos companheiros que construíssem com ramarias uma choupanazinha onde pudessem acoitar-se da chuva e do vento. Com suas mãos ergueu<sup>76</sup> o padre um altar, em que depois fruiu a consolação de imolar quotidianamente a vítima imaculada, pela salvação dos bárbaros. Na celebração dos santos mistérios hauria ele alento para sofrer jubiloso todas as angústias de sua nova vida no deserto.

Aos tormentos da fome ajuntavam-se as ferroadas dos mosquitos, que o não deixavam repousar noite e dia. Todo seu alimento era ervas ou raízes, molhadas em água. Algumas vezes, os companheiros lhe traziam alguma caça; mas este recurso acabou-se logo; que os quatro índios, fartos de vida tão molesta, desapareceram nas florestas, e não voltaram. Ficou Malagrida sozinho com o seu fiel português e o moço intérprete. Chegaram os extremos horrores da fome. Na ultima indigência, ia mendigar aos Barbados alguns frutos e raízes amargas; mas eles, pelo ordinário, ultrajavam-o.

Andando um dia no bosque em cata de raízes, topou um Barbado, que espostejava uma fera que matara à frecha. Malagrida abeirou-se dele, pedindo-lhe um bocadinho da sua presa, pois que havia dois dias que não comera nada; o selvagem, porém, sem lhe responder, chamou o cão, e atirou-lhe um pedaço de carne.

— Por que dás tu ao teu cão essa carne e ma não dás a mim? — perguntou Malagrida.

— É porque o meu cão — respondeu o bárbaro — ajuda-me a caçar; e tu, se te chegas a mim, é para comer.

Destarte apreciavam aqueles bárbaros a dedicação do santo missionário.

Nada, todavia, o desalentava. Gizando mil traças que o zelo lhe sugeria, foi procurar os índios nas cabanas, falou-lhes com santo entusiasmo das belezas do cristianismo, e insensivelmente os encaminhava ao conhecimento das sublimes verdades da religião. Teve a consolação de batizar, a ocultas dos pais, grande número de crianças moribundas, que dali partiram para os coros angélicos; o demónio, porém, raivando por ver fugirem-lhe as vítimas, aproveitou o incidente da morte delas para desencadear contra o missionário furiosa tempestade.

Havia na tribo feiticeiros influentíssimos nesses povos supersticiosos. O inimigo do género humano inspirou-lhes que arguissem o padre do Deus verdadeiro de matar as crianças mediante uma água misteriosa que lhes vertia na face. Esta acusação resultou o efeito esperado: os bárbaros cada vez suspeitavam mais de Malagrida.

Havia algum tempo que um menino dos Barbados fora batizado durante uma doença mortal, e ganhara ao padre tão vivo afeto que não havia separá-lo dele. Instigados pelos feiticeiros, os pais proibiram-o de estar com o missionário, ameaçando-o de matarem Malagrida se ele desobedecesse.

Quanto ao intérprete, obrigaram-o também a deixar o padre e ir-se para sua família. Não tinha pois Malagrida consigo senão o leal português, ditoso em aquinhoar dos sofrimentos do seu bom padre.

A perseguição dos feiticeiros não parou aqui. Estes enviados do inferno ajuntaram o conselho da tribo; e, sob sua proposta, deliberaram desfazer-se dos dois importunos hóspedes. Durante três noites, consoante o seu costume, prepararam os aprestos do atentado horrendo que meditavam. Com os corpos mascarrados

de preto e escarlate, a cabeça ornada de penas multicores, dançavam bailes frenéticos, e expediam clamores que repercutiam nas profundezas da floresta.

Não sabia Malagrida a que intentos atribuir aqueles transportes de júbilo feroz; todavia, não os agourava para bem. Com efeito, na madrugada do terceiro dia, viu os dois neófitos, que lhe haviam arrancado dos braços, correndo para a sua cabana, exclamando:

— Foge, depressa, padre, que te querem matar. Foge connosco; nós te salvaremos, ainda que nos matem!...

Não pôde Malagrida suster o pranto, vendo a dedicação e o terno apego dessas duas crianças; curou de convencê-las que fugissem à morte que as ameaçava, e voltassem escondidamente às cabanas de seus pais; porém, os mocinhos cristãos lhe suplicaram a chorar que os não despedisse.

— Ó querido padre!<sup>77</sup> — clamavam eles — nós queremos ir contigo ao céu; vem, foge, que ainda é tempo!

— Fugir para onde? Bem sabeis, meus filhos, que os nossos inimigos nos cercam para todos os lados; por onde quer que vamos, perseguir-nos-ão, e não poderemos escapar-lhes...

— Eis aqui o nosso guia — tornou um dos neófitos, pegando, subitamente inspirado, do crucifixo que pendia do pescoço do padre. — Pega da cruz, e leva-a diante de ti de modo que a face do Senhor fique voltada contra os inimigos; esta cruz os cegará, e eles deixar-nos-ão passar sem nos fazer mal.

Malagrida acreditou ouvir a voz de Deus nestas palavras proferidas por uma criança. Tomou pois o crucifixo, ergueu-o aos ares voltado para os inimigos, e pôs-se a caminho com o português e os dois jovens índios, seus guias. Assim marcharam silenciosos através das florestas, e se encaminharam à margem do Meari, donde esperavam poder facilmente passar às plantações dos europeus. Mas, passado tempo, os guias perderam a vereda, e de volta em volta intranharam-se tanto pela floresta que já desesperavam achar-lhe evasiva.

No entanto, à hora marcada, os bárbaros, sedentos de sangue, correm à choça de Malagrida para executar o horrído sacrifício.

Acham-a deserta. Fremem de raiva. Rompem na peugada dos fugitivos em todas as direções. A este tempo, Malagrida e os companheiros erravam à toa no bosque, traspassados de cruelíssimas agonias. A cada instante tremiam de cair nas mãos dos inimigos, cujos gritos ouviam ao longe misturados aos urros dos tigres e outras feras da mata. Não podiam dar passo que se não ensanguentassem nos espinhos dos sarçais. Os dois índios, bem que habituados ao giro daqueles bosques, desanimariam, se Malagrida os não alentasse com o exemplo e palavras consoladoras. Finalmente, depois de dois dias de inaudita tortura, dado que metessem por caminho diverso do que deviam<sup>78</sup> seguir, acharam-se de repente na ourela do Meari, que eles já não esperavam encontrar.

Mas, em tais ermos desconversáveis, onde achariam barco? Os dois índios cortaram arbustos tenros, e entretecendo vergõntees, fizeram duas informes jangadas, sobre as quais os quatro se confiaram à corrente que os levava com medonha celeridade. Vogando assim ao sabor das ondas, ouviram estralejar um grito na margem: eram os Barbados. Mais alguns instantes, e Malagrida com os companheiros lhes estariam nas presas. Contorcendo-se em raivosos trejeitos, os bárbaros avistaram ao longe a vítima cortando as ondas; seguiram longo tempo a frágil jangada com a vista: alfim, desapareceu na revolta do rio, e os bárbaros, desesperados de os empolgarem, voltaram à profundeza da floresta, amaldiçoando os nigromantes que não previram a fuga do missionário.

Livres deste iminente perigo, os quatro foragidos prosseguiram a sua navegação arriscada, rendendo graças ao Senhor que os livrou da fúria dos inimigos. Ainda assim, não estavam de todo livres<sup>79</sup>: as jangadas eram pessimamente feitas para resistirem muito tempo à violência da corrente. Arrebatadas pela rapidez, ao cair da noite, desfizeram-se contra um tronco de árvore que flutuava; e, no mesmo instante, se submergiram os quatro.

Felizmente os dois índios eram destros nadadores. Se não fossem eles, Malagrida pereceria infalivelmente. Pegaram dele, e lançaram-no são e salvo na margem. Sem poder enxugar a roupa,

o apóstolo intranhou-se alguns passos na floresta; e, ajoelhando à beira de uma árvore, orou; e, apesar de cansado, orou até ao romper da alva.

— Nunca — disse ele depois — o Senhor me locupletou de favores celestiais como naquela noite de saudosa memória! Enquanto eu me inlevava na contemplação de sua bondade, que de tantos perigos me defendera, cuidei ver um corcel, ricamente ajaezado, e preste a desferir carreira. Pensei reconhecer neste símbolo que Deus me chamava a excursões longínquas por países que missionários não trilharam ainda. E, ao mesmo tempo, ouvi uma voz certificar-me que os nossos trabalhos estavam no fim.

O futuro provou que a visão não era ilusória; um prodígio a confirmou no dia seguinte.

Um pouco<sup>80</sup> sobre a terra nua, e restaurando as forças desfalecidas com algumas raízes amargas, os companheiros de Malagrida teceram outra jangada, que abandonaram como a primeira ao capricho das ondas. Pouco tempo depois, encontraram em uma angra do rio um batel apercebido de tantos remos quantos eram os remadores. Espantados por acharem barco em lugar tão deserto, puseram pé em terra, e procuraram na areia as pegadas de quem trouxera o barco; e como não encontrassem vestígio que traísse a passagem de entes humanos, pegaram de gritar. Só o eco dos bosques lhes respondeu. E então, depois de esperarem ainda algum tempo, resolveram entrar no barco que a Providência quisera propiciar-lhes em lugares tão ermos. Fervorosos de gratidão em este novo benefício, remaram vigorosamente, e daí a pouco um dos moços índios, expedindo um grito de alegria, mostrou ao longe as plantações portuguesas nas margens do Meari. Logo que o barquinho embeçou com a praia, todos os colonos, que já carpam a morte de Malagrida, na convicção de que os Barbados o mataram, foram ao seu encontro e o receberam com alegres aclamações. Liberalizaram-lhe os mais solícitos cuidados; e logo que recobrou forças deram-lhe um barco mais cómodo que o transportasse ao colégio de S. Luís do Maranhão.



**Malagrida professor de literatura no colégio de S. Luís  
(1727-1728)**

Quando a sublime alma do apóstolo se abrasa em zelo da glória de Deus, não há fadigas nem dores capazes de extinguir esse fogo devorante: trabalhar para Deus é a sua vida; sofrer por Deus é a sua ventura. Tal era Malagrida.

Algumas semanas eram passadas depois que ele voltou ao grémio de seus irmãos, encantados de o verem; e já suspira por novos trabalhos e novas conquistas. Com olhos lagrimosos ajoelhou aos pés do superior, pedindo-lhe licença para voltar às povoações selvagens; mas o superior, insinuando-lhe a precisão que há de seus serviços no colégio maranhense, consegue que o apóstolo generosamente imole as suas mais caras tendências; e tão zeloso quanto fora em buscar índios nas suas florestas, encarregou-se de ensinar belas-letas aos moços religiosos da Companhia. Porém, do mesmo passo que iniciava os alunos nos segredos da eloquência sagrada e profana, aspirava também a constituí-los apóstolos idóneos para um dia lhe seguirem os traços e lidarem como ele na conversão dos selvagens. Não se baldaram tais esforços; que as suas palavras, como réstias de fogo, entraram ao íntimo dessas almas juvenis, e despertaram nelas o desejo de operar atos heroicos pela glória de Deus.

As ocupações do ensinamento não bastavam ao zelo de Malagrida: carecia de outras lutas; e mal podia entender-se como tantas fadigas o não prostravam. Já no confessionário, já no púlpito, já

à cabeceira dos enfermos e dos agonizantes, dia e noite e a servir quantos o procuravam. A cidade de S. Luís era estreita para tanta atividade. Todos os domingos ia a algumas aldeias vizinhas pregar a palavra de Deus aos camponeses. Sigamo-lo em uma dessas excursões<sup>81</sup>. No sábado à tarde, assim que saía da cadeira de literatura, punha-se a caminho, sempre descalço, com o único viático do breviário e bordão. Assim palmilhava quatro ou cinco léguas; e por distrair-se dos tédios da viagem recitava o ofício ou abismava-se em profundas meditações, por tal modo absorvido na prece, que nem dava tento que seus pés lacerados nas sarças deixavam após si longa esteira de sangue. Por chuva e sol, através charnecas<sup>82</sup> e torrentes, pisando um chão ardente e areento que se abatia debaixo dos pés, caminhava sempre; enfim, arquejante, coberto de suor e ensopado em chuva, chegava, depois de andar quatro ou seis horas, ao termo de sua viagem, ao cerrar da noite.

Imediatamente entrava na igreja, onde o esperava multidão de fiéis, portugueses e índios, confluentes dos arrabaldes. Sem mudar de roupa, subia ao púlpito, e com maviosos discursos movia o povo à penitência; depois, entrando no confessionário só daí saía dada a meia noite. Como lhe cumpria dizer missa no dia seguinte, não podia tomar algum alimento; e em jejum voltava a orar, e só interrompia a reza com alguns momentos de dormir, depois do que continuava a oração até romper a aurora. Logo que amanhecia, voltava ao confessionário, rodeado da turba dos penitentes, e só daí saía antes do meio dia para voltar ao púlpito e pregar um sermão que preparava os fiéis para a Santa Eucaristia. Findo o sermão, celebrava missa, distribuía a comunhão, dava em voz alta ação de graças com tal fervor e unção que todos os assistentes derramavam lágrimas. Por último, quando o povo saía, prolongava as suas rezas até que o arrancavam do altar para tomar algum alimento. Depois de ter comido o bastante para sustentar as quebrantadas forças, voltava para o colégio, onde chegava perto da noite, extenuado de cansaço. Ao outro dia, voltava à cadeira de literatura como se não houvesse saído do colégio.

O infatigável professor renovava estas excursões três ou quatro vezes por mês. Em tempo de férias, descansou das canseiras do ensino indo evangelizar as aldeias vizinhas de S. Luís, Tapuitapera, e Icatú<sup>83</sup>, e Itapicurú<sup>84</sup>, Najatuba<sup>85</sup>, Meari, ouviram sucessivamente sua voz. Também pregou em S. Luís, juntamente com os padres José Martins, e José Tavares.

Tais foram os trabalhos decorridos no ano de 1727.



## VIII

### Nova excursão aos Barbados e aos Gamelas (1728-1730)

Malagrida, quando tão fervorosamente se empenhava em formar futuros apóstolos e restabelecer a fé entre os colonos europeus moradores no Maranhão, não podia olvidar os seus queridos selvagens errantes nas selvas, e assim esperava impaciente ensejo favorável para voltar ao meio deles. A ocasião depressa chegou.

Vencidos pelos portugueses em combate decisivo, os Barbados imploraram paz, e como prova de sinceridade reclamaram missionários que lhes quisessem ensinar a religião do verdadeiro Deus. Malagrida, esquecendo quanto padecera em meio daquela tribo feroz, deu-se pressa em oferecer-se para tão perigosa missão, e tanto puderam suas instâncias que os superiores o elegeram. Rapidamente reuniu boa provisão de facas, agulhas, e outros objetos de ferro e aço; e seguido do padre Jerónimo Pereira, e de uma diminuta escolta de portugueses e índios, incluindo o moço intérprete que já na primeira viagem o seguira, embarcou-se de novo no Pindaré, e dirigiu-se à força de remos a Meari. Chegado ao confluente dos dois rios, passou alguns dias em casa do capitão deste distrito, Pinheiro de Meireles, que o recebeu em sua casa com a veneração digna de um santo, e lhe opulentou o seu tesourozinho com cópia grande de coisas que deviam ajudá-lo a captar a afeição dos bárbaros; e até lhe ofereceu seu filho, na flor dos anos, para o acompanhar na sua excursão.

— Como! — lhe respondeu Malagrida. — Pois um menino assim poderia resistir às fadigas e provações desses matagais, onde não há outro alimento senão frutos silvestres, que nem sempre aparecem? Não, eu não consentiria que ele fosse à terra desses ferozes bárbaros, e culpar-me-ia se expusesse vida tão juvenil e tão belamente esperançosa.

Porém o capitão generoso, superando todas as fragilidades da natureza, exclamou que seria ditoso se visse seu filho aquinhoar as calamidades do santo missionário. Por sua parte, o menino, que se chamava José, lançou-se aos joelhos de Malagrida, e exclamou:

— Meu padre, rogo-lhe que me leve consigo aos Barbados; comerei do que eles comem, e se me matarem não temo a morte por Jesus Cristo.

Dobrou-se Malagrida a tal nobreza de alma, e recebeu o menino no barco; depois, submetendo-se à proteção de Maria, estrela dos mares, entregou-se à corrente desse mesmo rio, onde dois anos antes tantos perigos correu.

Quando chegou, estavam os bárbaros reunidos em grande número nas margens do rio.

À vista do barco, fizeram grande gritaria em prova do seu contentamento; porém maiores transportes estrondearam quando Malagrida começou a distribuir liberalmente as dádivas que levava. O missionário sorria a esses bárbaros que se acotovelavam à volta dele com os braços estendidos; depois, quando um recebia uma faca, outro uma clava, retiravam-se saltando de gosto e floreando no ar, com roucos gritos, o objeto que lhe coubera. Aproveitou Malagrida pressurosamente as boas disposições dos Barbados. Com auxílio de dois companheiros, construiu duas cabanas de ramagens, uma para oratório, e outra para habitação. Em seguida, mandou a barca e os remadores para o Maranhão, ficando com seis companheiros e o moço intérprete.

Instalado bem ou mal nessa pobre cabana, pôs peito à obra de suavizar e corrigir os ferozes costumes dos seus bárbaros hóspedes. Graças à sua ardente caridade, tornou-se em breve objeto

de admiração e amor de toda a tribo. As crianças principalmente folgavam de reunirem-se à volta dele, e suspensas de seus lábios escutavam anelantes as grandes verdades que lhes expunha. Era tão admirável a paciência com que cem vezes repetia as mesmas coisas para as imprimir na memória ingrata dos seus ouvintes, como o engenho com que lhes fazia entender os mistérios da fé, mediante comparações ajustadas ao génio da nação, e à rudeza dessas inteligências broncas. Não foram estéreis estes trabalhos: o santo missionário teve o prazer de batizar grande número de adultos, e com sua diligência nessas regiões, até ali tão infrutíferas, formou uma fervorosa cristandade.

Mas, tão bela colheita custou ao obreiro evangélico muito suor derramado naquela terra ingrata, e muitos perigos iminentes. Aventurando-se um dia a um caminho arriscadíssimo, cortado a espaços por grandes lagos e torrentes impetuosas acardumadas de caimões, não tinha para atravessar as torrentes senão umas redouças suspensas sobre o abismo de uma à outra margem, e presas aos galhos das árvores. Quando passava uma destas pontes aéreas, ou porque lhe faltasse o pé, ou as redouças se rompessem, o missionário caiu ao rio, e foi salvo por um bravo neófito que se lançou a nado.

Não foi este o único perigo desta excursão. Saíra com dois índios e dois soldados portugueses; e, a meio caminho, os índios desapareceram. Quasi ao mesmo tempo, veio um neófito anunciar-lhe que os pagãos de uma tribo vizinha queriam matá-lo e aos seus companheiros. Tratam de fugir; mas por desgraça, chegam às margens de um lago e não acham ponte que os passasse. Com pouca hesitação lançam-se os dois soldados a nado, pegam do missionário entre eles e o sustentam cada um com sua mão à flor das ondas. «Custa a compreender», diz o biógrafo latino que nos conservou este pormenor, «como puderam escapar ao perigo; porque a cada instante roçavam com o pé em crocodilos e serpentes, e apesar disso chegaram sãos e salvos à outra margem.» Outra vez que Malagrida havia de atravessar um lago semelhante, dois índios que

o acompanhavam o tomaram sobre os ombros; mas não achando bastante cómoda esta maneira de o levar, ataram-no de pés e mãos e pela cintura a um longo esgalho do qual cada um deles pôs sobre o ombro uma ponta. Foram assim indo até ao meio do lago; mas aí, cansados de caminhar no lodo, onde às vezes se enterravam até ao pescoço, ameaçaram o padre de o deixar assim no meio da água se lhe não dobrasse o salário. Que remédio teria o pobre missionário senão ceder-lhes!

Enquanto assim trabalhava na conversão dos Barbados, travou-se guerra cruel entre esta povoação e a tribo vizinha dos Acroás. Eram os mais ferozes indígenas de todo o Maranhão. Os portugueses os designavam geralmente com o nome de Gamelas, por causa duma espécie de vasozinho circular que eles metem à laia de enfeite no lábio inferior. Era-lhes delicioso comer carne humana; e na satisfação deste feroz apetite, caçavam os seus semelhantes dentro das florestas, e quantos desgraçados lhes caíam nas mãos eram implacavelmente assados e comidos. Muitos Barbados eram já mortos, vítimas de tanta ferocidade. E a fim de exterminarem tão monstruosas cruezas, toda a tribo pegou em armas, e com o socorro de uma manga de portugueses, avançaram sobre o inimigo em número de seiscentos homens. Malagrida ajuntou-se àquele pequeno exército. E prevendo que o combate seria encarniçado, e as vítimas de ambos os lados seriam muitas sem batismo, envidou todos os esforços da sua eloquência em persuadir aos caudilhos dos Barbados de tentar conciliação antes de romper a batalha. Prometeram-lhe que sim. Passados três dias de marcha difícil e perigosa, descobriram enfim as choupanas dos Gamelas. Já eles tinham visto de longe o exército inimigo, e vinham correndo a encontrá-los com pavorosos berros. Malagrida então, hasteando um crucifixo, adiantou-se sozinho com o intérprete para a frente deles, e lhes ofereceu a paz em nome dos Barbados e dos portugueses, e mostrando-lhes Jesus crucificado, dizia:

— Este Deus, cuja imagem vedes, deu por nós seu sangue e vida, baixando do céu para trazer a paz ao mundo. Conhecei-o,

e adorai-o; deixai as florestas onde errais quais bestas-feras, vivendo miserável vida; vinde ao aprisco de Jesus onde achareis abundante pasto.

À palavra *paz* os Gamelas responderam com uma saraivada de frechas, e grande número de portugueses e Barbados foram a terra. Por pouco que Malagrida não foi vítima desta infame traição. Uma frecha vibrante no ar lhe bateu na cabeça; mas resvalando-lhe no chapéu foi ferir um índio a quem o bom padre fazia trincheira com o seu corpo.

Os Gamelas, aproveitando a turbação do exército, precipitaram-se com furor sobre o inimigo; mas os portugueses, assestando-lhe um rijo fogo de mosquetes, mataram grande número. Os bárbaros, que nunca tinham visto nem ouvido armas de fogo, recuaram assombrados primeiramente; mas, passada a surpresa, voltaram à carga com as suas terríveis clavas. Então o padre Malagrida, vendo quão difícil seria resistir a tamanha multidão, aconselhou aos portugueses que batessem em retirada, o que eles logo fizeram. Quanto aos Barbados, muito a seu pesar abandonaram o campo; e como consolação do desastre levaram consigo o cadáver de um dos inimigos, que desfizeram em bocadinhos, depois de o ultrajarem indignamente. A poucos passos desta cena horrenda, Malagrida ocupava-se a cravar um espeque em que pendurou um cesto cheio de instrumentos de ferro: queria dar com isto a perceber aos bárbaros que os portugueses eram ali vindos com intenções pacíficas. Na volta da expedição, os bárbaros, furiosos com o revés, expulsaram todos os portugueses a quem imputavam a derrota. Malagrida muito a custo conseguiu consolar os seus queridos selvagens; porém, alumiado por luzes celestiais, em nome de Deus lhes anunciou que desde aquela hora em diante não teriam que temer dos seus cruéis inimigos. Esta predição confirmaram-na os sucessos. Ao cabo de alguns anos, os Acroás, já menos ferozes, saíram das suas florestas espontaneamente, pedindo aliança aos portugueses, e um missionário que lhes ensinasse a religião do verdadeiro Deus.

Foi-lhes enviado o padre António Machado, que passou com eles seis anos (1751-1757), sofrendo com heroica paciência todas as penas desta laboriosa missão.

Por sua parte, Malagrida permaneceu ainda dois anos entre os Barbados. O seu biógrafo, que teve grande parte em seus trabalhos, nos descreve a vida que ele passava entre aqueles bárbaros, dizendo: «Renuncio em contar pelo miúdo tudo o que este venerando religioso sofreu enquanto residiu entre os Barbados. Quer-me parecer que ele viveria vida mais sossegada em meio de bestas-feras do que com tal gentio, corrompido e perverso quanto é possível. A sua vivenda era uma choça miserável, exposta a todos os ventos, e infestada de multidão de mosquitos, que lhe não deixavam hora de descanso. Havia entre esses insetos notavelmente um, chamado *pium*, quasi invisível a olho desarmado, mas cuja ferroadada causa dores atrozes. Não obstante, o padre Malagrida suportava todas estas incomodidades com santa alegria:

— Que quereis vós? — dizia ele aos que se lastimavam dos mosquitos — Esses bichinhos foram postos no mundo para exercitar a nossa paciência, e incutir-nos no ânimo, a pesar nosso, a ideia de Deus!

De envolta com estes padecimentos, o Senhor concedeu ao seu servo uma doce consolação; quero falar da morte edificante daqueles dois selvagens que deixaram família e tribo para seguir o santo missionário. Morreram, ambos na flor da idade, em sentimentos de terníssima piedade. Um, chamado Gabriel, como seu pai adotivo, em poucos dias foi arrebatado por uma febre maligna: no auge do fogo que o consumia, denotava júbilo grande por ir unir-se ao seu Deus com os anjos e santos do paraíso. Expirou suavemente com o sorriso nos lábios, nos braços de Malagrida, que não pôde ter as lágrimas vendo este anjo alar-se para o céu. Chamava-se o outro Paulo Oliva. Chegara ao colégio de S. Luís na véspera da festividade de S. João Batista. Os meninos, consoante a usança que ainda hoje dura em certas províncias, tinham acendido uma grande fogueira no meio do pátio, e saltavam à competência por

cima das brasas a ver quem o faria mais alto. Esta brincadeira era muito predileta do nosso juvenil selvagem; pois como era muito expedito aceitou logo o desafio. E para logo deu alor aos braços, e arrojou-se intrepidamente às chamas; mas, no mesmo instante, outro menino, correndo com toda a força, chega do lado oposto, e em resultado de embate os dois infelizes caem derrubados sobre o brasido. Um deles safou-se pouco molestado; porém não sucedeu o mesmo ao selvagenzinho: quando o tiraram do lume, estava coberto de horríveis queimaduras e vomitava golfos de sangue. Levaram-no para a cama, onde ele, descurando as feridas, mandou chamar o padre Jerónimo Pereira, seu confessor, a fim de preparar-se para chegar ao tribunal de Deus. Nos oito dias que ainda viveu, deu provas de paciência verdadeiramente admiráveis.

— Com certeza — repetia ele — sou indigno de possuir a felicidade do céu, e apesar disso anseio ardentemente gozá-la cedo.

Momentos antes da sua morte, como ele se mostrasse turbado de grande terror, o confessor lhe perguntou o que tinha.

— Não vedes este monstro prestes a devorar-me?

O confessor aquietou-o fazendo-lhe pronunciar os doces nomes de Jesus e Maria, suas derradeiras palavras. O padre Malagrída, quando lhe contaram esta formosa morte, exclamou:

— Tudo o que tenho sofrido até agora, me é recompensado pela entrada desses dois anjos no céu.

Palavras sublimes do apóstolo que nenhuma conta faz de suas dores quando se trata da salvação de uma só alma.



**Malagrida professor de teologia e de literatura simultaneamente  
(1730-1735)**

No princípio do ano de 1730 foi Malagrida outra vez chamado pelos superiores para ensinar teologia no colégio do Maranhão. Era custoso ao fervente apóstolo arrancar-se à sua cara missão: assaz o revelou nas lágrimas choradas, quando abençoava pela derradeira vez os seus amados neófitos: mas, digno filho de Santo Inácio, a sua missão era obedecer sem delongas nem réplica ao menor aceno de seus superiores.

Depositou a nascente cristandade dos Barbados nas mãos do padre João Tavares, e retomou a pé o caminho de S. Luís. Logo que chegou, este infatigável missionário, há pouco ainda ocupado em balbuciar em língua bárbara os primeiros elementos em língua cristã, começou um curso público de teologia, que continuou por espaço de cinco anos consecutivos, com reputação sempre aumentada de santidade e ciência. Ao mesmo tempo dedicava longas horas em iniciar os meninos do colégio nos segredos da poesia e eloquência. Verdadeiramente havia aí muito que satisfizesse um homem ativo e laborioso, mas não bastava a Malagrida. Ensinava promiscuamente a teologia e a literatura, exercia o cargo de prefeito<sup>86</sup> dos estudos, de consultor do colégio, e de toda a vice-província, enfim dirigia como pai espiritual a consciência de seus irmãos que fiavam tudo dele. Ninguém mais a ponto sabia sanear escrúpulos, e consolar aqueles que as tentações apresavam. Porém, uma das suas obras privilegiadas era dirigir a congregação da Virgem Santa, à qual

pertenciam os alunos do colégio mais distintos em aplicação e piedade. Com tal diretor, aqueles meninos volviam-se verdadeiros apóstolos, que com o exemplo e com a palavra recendiam a suavíssima fragrância de Jesus Cristo. Todos os domingos e dias santificados ajuntavam-se os congregados na capela do colégio, e guiados pelo próprio padre Malagrida, saíam procissionalmente, com o estandarte erguido, e percorriam devagar, com os cantares das litânias, as ruas principais da cidade. Chegados a qualquer praça, paravam, e dispunham-se em círculo à volta de Malagrida; e quando o povo, atraído por este espetáculo, se agrupava à volta deles, começava o padre a explicação do catecismo, e em presença das multidões interrogava os meninos, que timbravam em responder com acerto diante de assembleia tão numerosa; depois concluía com o sermão sobre assunto já tratado em forma de catecismo, e impressionava vivamente o espírito dos ouvintes.

Eram estas as ocupações de Malagrida durante o ano escolar. Chegadas as férias, afadigava-se em outros encargos, levando às aldeias dos arredores os *exercícios* de Santo Inácio.

Ressoava-lhe constantemente aos ouvidos aquela voz misteriosa que ouvira pela primeira vez no côncavo da floresta onde o naufrágio o arrojara, quando fugia aos Barbados pelo rio Meari: «Vai», repetia-lhe aquela voz: «vai trabalhar na salvação das almas!<sup>87</sup>»

Mais de uma vez pedira aos superiores autorização para unicamente curar das missões: era-lhe porém estorvo a falta de homem que o substituísse. Tentou enfim o último recurso perante o Geral da Companhia, escrevendo-lhe uma carta na qual, em nome da glória de Deus, o conjurava a deferir-lhe.

Enquanto esperava resposta de Roma, continuou ardentemente os seus labores do costume nos subúrbios do Maranhão. Atendeu mormente a extirpar discórdias e ódios que reinavam entre esses povos de índole arrebatada e vingativa. Se sabia que dois cristãos nutriam recíprocos sentimentos de ódio, ia ter com eles e com enérgicas palavras lhes arrancava a promessa de se reconciliarem

publicamente na igreja, dando-se o ósculo de paz, diante da imagem do Salvador crucificado, como caução de sincera e cordial amizade.

Pregava ele um dia na cidade do Maranhão acerca do perdão das injúrias. Muitos ouvintes seus, tocados pelas palavras do santo varão, ergueram-se de golpe em meio da assembleia, pedindo reconciliação aos inimigos. Entre estes havia um que recebera de seus parentes injúria mortal; e, dado que fosse ele o ofendido, abeirou-se do inimigo e propôs-lhe pública reconciliação; mas ele desabridamente o recebeu. À vista disso, Malagrida, indignado e transportado em zelo santo, apostrofou o culpado do alto púlpito:

— Pois quê! meu irmão: — lhe diz ele — não quereis perdoar ao vosso próximo para que o Senhor vos perdoe?

Repetiu estas palavras muitas vezes; e como aquele homem obdurado insistia na recusa, exclamou com voz atoadora:

— Pecador, recusas escutar o teu Deus que te convida a perdoar, enquanto ainda é tempo; mas não tardará que prestes conta ao teu juiz da tua dureza, e sofrerás então o castigo merecido.

No dia seguinte aquele desgraçado morreu de um tiro desfechado por mão desconhecida. Toda a gente reconheceu naquela súbita morte um castigo do céu, e desde então, o missionário foi considerado como santo que lia no futuro os juízos de Deus.



**Malagrida evangeliza a província do Maranhão, e passa à Baía  
(1735-1736)**

Fora dos grandes centros de população, como S. Luís e Pará, havia na basta diocese do Maranhão, além dos selvagens vagabundos, grupos de habitantes, dispersos, nos interiores das terras, compostos de gente ignóbil que se refugiara nesses desertos para esquivar-se ao rigor das leis. Eram negros, mestiços, escravos foragidos, ladrões de estrada, apóstatas infames de péssimos costumes, empegados<sup>88</sup> no lodaçal de todos os vícios, e quasi totalmente privados dos socorros da religião.

Malagrida esperava desde muito a ventura de levar os cuidados da sua caridade àquelas almas desamparadas. Realizou-se-lhe a vontade.

Após longos meses de espera, recebeu de Roma carta em que o padre Geral Francisco Retz lhe concedia que reatasse as suas excursões apostólicas, e admoestava os superiores a que o auxiliassem naquela obra eminentemente útil à gloria de Deus e à salvação das almas.

Remanesciam ainda duas dificuldades graves: por falta de sujeitos idóneos não sabiam os superiores onde encontrar professor de teologia que substituísse Malagrida; e afora isso, não podiam dar-lhe companheiro, sem o qual, todavia, meter-se em empresa<sup>89</sup> tão eriçada de perigos seria temeridade. Acudiu a tudo a Providência. O padre Manuel da Silva, que ensinava teologia de concerto com Malagrida, ofereceu-se a reunir os alunos dos dois cursos, e João

Rodrigues Cavete, administrador da diocese do Maranhão, durante a vacatura da sé episcopal quis ser o companheiro do fervoroso missionário, cuja eminente virtude apreciava.

Eis aberta carreira nova ao nosso herói, na qual entrou sob os auspícios do seu bem-aventurado Padre, aos 31 de julho de 1735, quando se festeja Santo Inácio de Loiola.

Embarcado em um ligeiro bote, subiu a remos a corrente do Itapicurú, saudou de passagem as cristandades novas que fundara nas margens deste rio, e, após quinze dias de ruim navegação, aportou enfim à aldeia, onde viviam, por ele associados, os Guanarés, entre os quais estivera no gume de colher a palma do martírio.

Foi esta a última aldeia que topou antes de embrenhar-se nas regiões incultas e desertas que separam S. Luís da Baía. Desde esse ponto, em extensão de 450 léguas, é tudo serras alcantiladas, hirtas de matos, através dos quais só o machado pode abrir vereda; ou então esplainadas imensas, queimadas no estio pelo ardor do sol, e alagadas no inverno por torrentes sem número. Nestes infinitos desertos, não há mais criaturas vivas que bestas-feras e alguns índios ferozes que espreitam d'entre os sarçais o caminheiro desgarrado para o cravarem com suas azagaias ervadas, e lhe comerem as carnes, assadas em fogueiras.

Tamanhos perigos não estremecem a coragem do intrépido apóstolo: sempre tranquilo e sereno, caminha afoitamente, distraído em Deus, e suavizando na oração as fadigas do caminho. Depois de ter seguido a corrente do Maratoan<sup>90</sup>, um dos confluente do Parnaíba, voltou para Cerobis, daí passou à Piracuruca, país dos índios Aroás, e chegou enfim até Moicha<sup>91</sup>, aldeia mais importante que se topa nestas bastas savanas.

Desde muito que a sua reputação o precedera nesses lugares selváticos. Alguns habitantes, perdidos por esses bosques, e maravilhados dos prodígios que se contavam do padre, disseram:

— Vamos ver este santo homem.

E afrontando os incómodos de uma longa viagem, chegaram até Moicha a visitar Malagrida.

— Não, eu não sou santo — lhes diz ele sorrindo docemente, saudando-os mui afável. Por estas palavras os habitantes da floresta perceberam que o homem de Deus lhes entrara ao recôndito da alma, e confirmados plenamente no alto conceito que formaram de Malagrida, volveram-se às suas cabanas, bendizendo o Senhor que lhes fizera conhecer um *santo*!

Graças à veneração que inspirava, o santo varão colheu copiosos frutos das suas pregações. Depois que evangelizou as duas províncias mais remotas do Maranhão, a de Piauí e a de Paraíba, pensava em retroceder, quando lhe chegou uma deputação com bandeira à frente, enviada pelos habitantes das margens de S. Francisco. O caudilho do pequeno rancho conjura Malagrida, em nome de Jesus Cristo, a ter piedade dos povos da província da Baía, e a ir repartir com eles também o pão da palavra divina.

Se o digno apóstolo escutasse somente os impulsos do seu coração, partira logo, correspondendo a tão honroso convite; mas ele ignorava<sup>92</sup> se os superiores tencionavam que transpusesse os limites da diocese do Maranhão; e filho verdadeiro da obediência, nada queria operar sem o consenso daqueles que lhe eram representantes de Deus.

Por grande ventura encontrara em caminho o padre Francisco Camelo, que seguia para S. Luís: deu-lhe uma carta para os superiores, na qual relacionava os seus primeiros atos, falava dos seus novos projetos, e pedia licença para alongar as suas excursões apostólicas. Depois, enquanto a resposta não ia, dirigiu-se a pé às margens de S. Francisco, e, como outrora S. João Batista nas margens do Jordão, pregou a penitência aos fiéis que encontrou. Neste intervalo, voltou de S. Luís o padre Camelo, e entregou a Malagrida a licença desejada. No galarim dos seus votos, partiu logo o apóstolo a pregar nas muitas paróquias, cujos vigários, ao rumor da sua chegada, lhe<sup>93</sup> reclamaram a presença nos termos mais urgentes. Seguido do padre Camelo, visitou sucessivamente Jacobina, Tucos, Água Fria, Tucan<sup>94</sup>, e as outras aldeias dispersas na província da Baía. Ao mesmo tempo avisou da sua chegada<sup>95</sup> o

padre Miguel da Costa, visitador geral do Brasil, que estava então no seminário de Belém, perto da Baía. Em uma carta delicadíssima dizia ao novo superior que lhe era apazível ter lugar entre os seus filhos mais devotados e submissos. O padre Costa, que o conhecia desde muito pela fama, deu-se pressa em lhe sair ao encontro com os padres Manuel Franco e Vicente Gomes, e o recebeu com ternura paternal; ao passo que Manuel de Cerqueira, reitor do colégio de Belém, o convidou a descansar em sua casa, do cansaço da longa viagem. Dezessete meses eram passados depois que Malagrida deixara S. Luís do Maranhão.

Grato nos seria segui-lo passo por passo nesse longo trajeto, e vê-lo trilhar descalço pedregosos caminhos, exposto às inclemências do ar, passando noites inteiras por florestas, desabrigado, deitado no chão estreme, com as roupas molhadas da chuva; e, neste viver assim, pregando, confessando, catequizando, por entre tamanhos desconfortos, mostrando sempre alegria e resignação inalteráveis: porém, estas miudezas ficaram como sepultadas nas solidões que as presenciaram: dois factos apenas se resgataram do esquecimento. O primeiro foi propriamente referido por Malagrida ao padre Caetano Dias. Na expansão de uma prática íntima, o padre Dias, observando que o apóstolo tinha a barba toda branca e os cabelos louros, perguntou-lhe como se fizera aquela mudança. O santo varão respondeu com a seguinte narrativa:

— Divagava eu em uma vasta floresta, pensando no meu Deus, quando, repentinamente, vi surgir ante mim, sob forma humana, uma pobre alma do purgatório, soluçando lamentáveis gemidos, e pedindo-me que me apiedasse dela e a consolasse com as minhas orações: «Rogo-vos» ajuntou ela «que só cesseis de implorar para mim a clemência de Deus, quando as vossas barbas encanecerem: esse será o sinal de que estou redimida...» E, dito isto, desapareceu. Fiz o que ela me recomendara; e, pouco tempo depois, com grande espanto meu, a minha barba, que era loura como os cabelos, tornou-se branca. Convencido de que Deus aliviara aquela alma atormentada, mudei as minhas orações em cântico de ações de graça.

Outro prodígio assinalou a viagem de S. Luís à Baía. Um dia que o sol meridiano dardejava seus raios escaldantes sobre toda a região, Malagrida ajoelhara à sombra de uma árvore a recitar o ofício. De súbito, ouve um gritar de bárbaros; e, erguendo os olhos, vê caminhando para ele um rancho de homens conduzindo um possesso cuja fúria dificilmente reprimiam:

— Vimos pedir-vos que livres este desgraçado — disseram eles ao missionário.

E no entanto o energúmeno, espumecendo de raiva e ringindo os dentes, rolava os olhos pavorosos, remetendo contra Malagrida, mas sentindo que mão invisível o refreava. Então, o homem de Deus ordena ao demónio que solte a presa; e mal proferida a frase, Satã pegou de gritar pela boca da vítima:

— Basta! basta! quero sair!

— És o pai da mentira — replicou Malagrida — Só te acreditarei quando me deres caução da tua promessa.

— A caução que te dou — urrou o demónio enfuriado — é que não cessarei de te perseguir até à morte.

E, proferidas estas vozes, sumiu-se.

No decurso desta história veremos que o inimigo dos homens cumpriu a ameaça<sup>96</sup>, desquitando-se da palavra dada quando pôs Malagrida sobre uma fogueira infamadora, e aí morreu estrangulado por mão do algoz! Pelo que, o pintor que nos deixou os traços deste santo homem, querendo em pouco resumir a sua vida de angústia, gravou na orla do retrato estas palavras da<sup>97</sup> Escritura: «*Quanta malignatus est inimicus in sancto!*»\* Que de protérvias o inimigo não praticou com aquele santo!

---

\* Ps. LXXIII, 3.



**Trabalhos apostólicos de Malagrida na Baía e seus arredores  
(1736-1741)**

Nos confins das duas províncias de Maranhão e Baía, na extremidade oriental de uma enseada magnífica, medindo oito léguas longitudinais e seis de largura, ergue-se a opulenta cidade de S. Salvador, comumente chamada Baía, nome derivado da baía à entrada da qual está situada. Esta cidade, outrora capital de todo o Brasil, era, em virtude da sua posição, o núcleo de comércio florentíssimo; porém aí, onde regurgitava abundância de bens terrenos, buscaram em vão os olhos contristados do apóstolo o tesouro mais precioso da virtude e piedade. Durante cinco anos, não obstante, esforçar-se-á santamente em restaurar o reino de Jesus Cristo nas almas desses mercadores, mais preocupados dos interesses transitórios desta vida que da sua eterna salvação.

No princípio de dezembro de 1736, entrou o apóstolo na Baía. Ao primeiro boato da sua chegada, o povo foi esperá-lo e recebê-lo com jubilosas aclamações. Não se cansavam de contemplar o rosto daquele homem extraordinário, cujos cabelos brancos e barba ruiva<sup>98</sup> imprimiam certa majestade que impunha respeito e veneração.

Levava Malagrida consigo uma imagem da Santíssima Virgem, que o acompanhara em suas peregrinações. À vista daquela sagrada imagem, formou-se improvisa e espontaneamente uma procissão; a estátua foi colocada em um andor enfeitado de folhas e flores, e

conduzida em triunfo ao colégio dos jesuítas. Era para Malagrida dulcíssimo gozo ver as honras com que era recebida aquela que ele tão do coração chamava sua Senhora e Mãe!

Antes, porém, de pregar a esse povo tão bem intencionado, o apóstolo quis brunir, como ele dizia, as suas armas espirituais. Encerrou-se no seu cenóbio, e aí, por espaço de dez dias, retemperou sua alma nos santos exercícios da oração e penitência. Depois, cheio de divino espírito, inaugurou na igreja do colégio a série das suas pregações. Tomando como texto as palavras do apóstolo: «Eis o momento favorável, eis os dias da salvação», rogou aos ouvintes que não descurassem os preciosos momentos da graça; e, em seguida, mostrando a imagem de Maria, ainda exposta no andor em que a levaram ao colégio:

— Vede aí Nossa Senhora! — exclamou ele. — Das afastadas regiões do Maranhão dignou-se vir até à vossa cidade para vos<sup>99</sup> reconciliar com seu Filho ofendido, e fazer ouvir palavras de perdão aos pecadores contritos: ouviu-a, e fazei o que Ela vos disser!

Em seguida ao primeiro sermão, Malagrida mandou a venerável imagem para a Catedral. À frente da procissão ia ele com um crucifixo; seguiam-o longa fila de padres e fiéis, cantando louvores à Virgem Santíssima. Na catedral, subiu ao púlpito, e comentou as palavras de S. Paulo:

— Somos embaixadores do Altíssimo, vindos a exortar-vos que não recebais em vão a graça de Deus!

A multidão compacta sob o púlpito não foi menos assídua nos dias seguintes, pois que logo estrondeou a pujança apostólica do santo missionário. A descrição que fez do pecado e da sua iniquidade produziu tal comoção, que algumas pessoas do auditório desmaiaram; enquanto outras, gemendo e batendo nos peitos, se lançavam depois aos pés do apóstolo confessando pecados ocultos desde muitos anos. Homens inimistados por velhos ódios deram entre si publicamente o ósculo da paz; ricos mercadores esvaziaram seus cofres em restituições valiosas; o pompear derivou a modesta simplicidade — e não foi este o somenos triunfo de Malagrida;

porque era aí tão fora de vila e termo o luxo que certas damas, porque não podiam esquipar-se com brilhantes adornos, já deixavam de ir às igrejas em dias de festividade. O santo homem remediou tamanhas desordens com as suas pregações. Entre as conversões que operou, apenas temos lembranças de duas.

Um homem, enxurdado no lamaçal do vício, resistira a todas as solicitações da graça. Sermões, exortações, rogos, nada vingara desprendê-lo de seus ignóbeis costumes. Tentou Malagrida, por sua vez, amolentar aquele empedernido coração; e, como, também a ele, se lhe baldassem os esforços, no fim de um sermão, açoitou-se publicamente por tão áspero modo, que o sangue lhe espirrava das espáduas ao pavimento da igreja. A tal espetáculo o pecador não se conteve: desfeito em lágrimas, correu a prostrar-se aos pés do santo, implorando com gemidos o perdão de seus crimes.

Vivia uma mulher separada do marido, havia muito tempo. O marido, abalado pelos sermões de Malagrida, resolveu pôr termo ao escândalo, e rogou ao padre que movesse reconciliação. Foi o jesuíta a casa da mulher, que se recusou a cumprir seu dever, e nem sequer se dignou responder-lhe. Ele então, pegando do crucifixo, admoestou-a a cuidar em sua salvação, e nas penas eternas que a ameaçavam. Nem assim. Desesperado de vencer a teimosia desta desgraçada criatura, ergueu-se para sair, mas ao abrir a porta, exclamou:

— Bem-aventurada Virgem Maria, refúgio dos pecadores! vinde em socorro desta infeliz, que tão rápida resvala à perdição.

A mulher ouvira, sem compreendê-las, aquelas palavras; e quis saber o que o padre dissera.

— Eu disse — respondeu ele em tom de inspirado — que, se não mudais de vida, vos despenhareis infalivelmente na eterna condenação!

— Oh! eu quero salvar-me! — exclamou então a dispavorida mulher: — quero converter-me! perdão! perdão! meu padre! — E com o rosto coberto de lágrimas prometeu d'ora em diante observar fielmente os seus deveres de esposa cristã.

Estabeleceu Malagrida na capela do Bom-Jesus a confraria do Sagrado-Coração, a fim de fortalecer o bem que operara nas almas. Nenhuma devoção lhe pareceu mais consentânea a conservar nos espíritos a luz da caridade que a devoção ao coração adorável do Salvador; pelo que, em todas as suas missões a recomendava principalmente às almas pias.

Entre as pessoas desatadas do jugo do demónio por seus sermões, havia número grande de moças infelizes que tinham vivido no maior desregramento<sup>100</sup>. A fim de abrigar estas almas à sedução, planeou edificar-lhes asilo de refúgio onde pudessem solitárias chorar as passadas culpas, e delir com a penitência as máculas da vida pecaminosa. Comunicou este desígnio ao superior, que aprovou a excelente obra; observou-lhe, todavia, que, não dispondo de rendimentos certos para alimentar as pobres mulheres, era de recear que a empresa, aliás utilíssima à glória de Deus, não surtisse bom resultado. Respondeu o santo à objeção que fiava tudo da Providência divina, e citou o exemplo de Santa Teresa, a qual, com medianos recursos, construía muitos asilos florescentes. Convieram os dois que se submetessem à decisão do Geral da Companhia. Não se demorou resposta de Roma. Em sua carta, o padre Francisco Retz felicitava Malagrida pela dedicação com que trabalhava na conversão das pobres pecadoras, — obra tanto do agrado de Santo Inácio. «Aprovo grandemente» ajuntava ele «o vosso projeto de edificar asilo para essas mulheres abandonadas; mas, antes disso, fundai um convento onde sejam recebidas donzelas dotadas; e, com os socorros desta casa, mais fácil vos será realizar o primeiro projeto.»

Esta resposta do Geral foi para Malagrida a expressão da vontade divina. Pôs logo mãos à obra. Graças às avultadas esmolas, espontaneamente oferecidas por pessoas dadas, parte do convento depressa se construiu. Mais de vinte donzelas das principais famílias da Baía disputaram ao mesmo tempo a distinção de consagrar-se ao Senhor no mosteiro novo. No dia em que tomaram posse da sua santa morada, foi dia festejado em toda a cidade. As mesmas

distintas pessoas acompanharam-as até aos umbrais do convento; e, aí, Malagrida lhes falou algumas frases calorosas, felicitando-as por sua boa sorte. E, depois, cerraram-se as gradarias das novas esposas de Jesus Cristo. Deu-lhes Malagrida a Regra das Ursulinas; e, para logo, o aroma de suas virtudes rescendeu por toda a cidade, e todos bem-diziam o apóstolo e suas obras. Os padres, escrevendo ao seu bispo, aplicaram ao santo varão as palavras do Apocalipse: «Eu vi o anjo do esforço, Gabriel» ou o texto de S. Lucas: «O anjo Gabriel foi enviado à cidade.»

Os desvelos de Malagrida com esta fundação não interromperam o curso dos seus sermões. Todas as cidades, e aldeias vizinhas da Baía, Maragogipe, Cachoeira, Água Fria, Inhambupe, Vila Nova e outras ouviram revezadamente a sua voz, e por toda a parte numerosas conversões lhe assinalaram a passagem. Quasi sempre o homem de Deus era forçado a pregar ao ar livre, pois que as igrejas eram pequeníssimas para conter as multidões ávidas de ouvi-lo. De muitas léguas em roda, confluíam os habitantes dos bosques para o ver, e lhe seguiam os passos de aldeia em aldeia. O inferno remugiu mais de uma vez, enraivecido pelas conquistas do padre. Na cidade de Maragogipe, uma das primeiras em que pregou, ouviram-se durante a noite horrendos gritos de envolta com lamentações, como se o demónio quisesse assim testemunhar quanto lhe doía o arrancarem-lhe as suas vítimas.

Esta incrível eficácia da palavra de Malagrida devia-se à sua santa vida e ao assombroso número de prodígios com que Deus se comprazia em glorificar o seu servo. Assim foi que, em meio de um sermão que pregava na igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Maragogipe, viram-no de súbito aureolado de celestial resplendor, e de sua capa, semelhante à que trajava o apóstolo das Índias, espargiam-se raios luminosos. Na paróquia d'Água-Fria, um dia que ele pregava da paixão do Salvador, e, debilhado em lágrimas, mostrava ao povo a imagem de Jesus Crucificado, elevou-se um globo luminoso de sua frente e esvaeceu-se no ar, deixando após si uma réstia de fogo.

Quando falava do inferno e de suas chamas, às vezes punha a mão sobre um círio aceso, e após tempo considerável, a retirava ilesa. Outra vez, em Cairu, um incrédulo, querendo mostrar que não havia nada espantoso naquele ato, também pôs um dedo na chama de uma tocha; mas, com grande confusão sua, tirou-a rapidamente, e tão queimada, que até esteve a pique de perder o braço.

Malagrida, além do dom dos milagres, tinha o de ler no recôndito das consciências, e antever o futuro. Em Maragogipe descobriu a um pecador, que se lhe confessava, todos os pecados que uma viciosa vergonha lhe não deixara confessar. Tal foi o pavor do penitente que não pôde proferir mais palavra; e, indo dali para outro padre pressurosamente, referiu-lhe o que passara e confessou todos os seus pecados.

Muitas vezes, em suas viagens, sucedeu saudar por seus nomes pessoas que nunca vira nem conhecera.

Quando falava acerca da morte, designava, às vezes, o número dos ouvintes que deviam morrer dentro de um ano, e este número realizou-se sempre exatamente.

Na aldeia de Vila-Nova, perto da Baía, nas margens de S. Francisco, suspendeu-se em meio do sermão e, com intonação profética, exclamou:

— Pecadores! fazei penitência! Dentro de quatro anos a morte devastará muitos d'entre vós. Nesta igreja em que vos estou pregando não achareis onde enterrar os cadáveres.

Era em 1738. Em 1742, no tempo predito pelo santo varão, o rio de S. Francisco, desbordando dos diques, alagou todo o país; e as águas na ressaca deixaram um gérmen de epidemia que empestou três quartos da população. Oxalá que, menos dada às delícias, aproveitasse das advertências do apóstolo.

Não menos assombroso era o poder que Malagrida exercia sobre o espírito das trevas. Na ilha de Itaparica, situada na enseada que dá seu nome à Baía, havia um negro possesso de três demónios e tão furioso que espedaçava as correntes de ferro, e abalava desde os cimentos a casa onde o prenderam. Com uma palavra Malagrida livrou este desgraçado.

Na Baía, levaram-lhe uma mulher pactuária de Satanás; tornara-se ludíbrio dele e sofria em todos os membros tormentos cruelíssimos. Bastou-lhe lançar no pescoço desta infeliz uma relíquia de S. Francisco Xavier, e logo o demónio a desapossou, praguejando em horrendos urros.

Durante uma missão em Água Fria, uma moça fez, por desgraça, uma confissão sacrílega. Duas vezes a Virgem Santíssima lhe apareceu e disse:

— Confessa todos os teus pecados ao *meu* missionário; senão serás terrivelmente punida.

Depois da segunda admoestação, a moça voltou à igreja para desoprimir sua consciência do<sup>101</sup> peso opressor; mas uma falsa vergonha lhe paralisou ainda a língua. À terceira vez, a Mãe de Deus dignou-se aparecer a esta desditosa; e, incriminando-lhe a infidelidade, enviou-a a outro padre; mas nem assim ousou confessar o pecado. Em castigo deste crime, o demónio senhoreou-se<sup>102</sup> dela na própria igreja, e tanto a atormentou que, dentro em pouco, a reduziu às últimas. Os pais, julgando-a eivada de doença de consumpção, conduziram-a a Malagrida, para que a livrasse do mal. Ao primeiro volver de olhos, Malagrida conheceu a causa do padecimento.

— Quem te permitiu — disse ele diretamente ao demónio — entrar no corpo desta menina?

— Aquela que preside às tuas missões — casquinou o demónio pela boca da enferma.

E então Malagrida pôs-se em joelhos; e feita breve oração, declarou à menina que, posto a não pudesse completamente livrar dos seus padecimentos, teria ela quando menos a consolação de poder aproximar-se em paz dos sacramentos. E sucedeu o que o homem de Deus lhe dissera.

Não curava somente enfermos de alma, que também os enfermos de corpo. Muitos doentes, condenados pela medicina, recuperaram a saúde simplesmente com o contacto de qualquer objeto que pertencesse ao religioso.

Na Baía um oficial real agonizava rodeado da aflita família. Chama-se Malagrida, que põe as mãos no moribundo, recita algumas orações, e o volve cheio de saúde à esposa e aos filhos.

Na mesma cidade curou por igual teor outro homem já nos cancelos do sepulcro. Movido de gratidão, cai o homem aos pés do benfeitor para lhe agradecer.

— Não fui eu — disse Malagrida. — Foi a tua fé que te salvou.

Em sua humildade o santo varão nada temia tanto como passar por taumaturgo. Não obstante, as maravilhas multiplicavam-se sob suas mãos. Em Inhambupe deu saúde a um enfermo, dando-lhe a beber um copo d'água, sobre a qual fizera o sinal da cruz. Nem outra medicina lhe foi mister para a si mesmo se curar, quando quebrou uma perna, da queda de um cavalo. Sem perder o mínimo do seu sossego, como outrora S. Francisco Régis em lance análogo, cruzou uma bênção sobre o membro fraturado, depois ergueu-se sem dificuldade, deixou a cavalgada, e continuou desfadigadamente a pé o seu caminho.

Exercia Deus terríveis castigos sobre aqueles que recusavam render-se aos saltares avisos do padre Malagrida, para assim dar maior poder à palavra do seu ministro. Em Iguaripe, uma mulher que vivia há muito desordenadamente, fora convidada por uma de suas amigas a ouvir o santo padre.

— Tenho amanhã muito tempo — respondeu a desventurada.

Ah! não devia ela ter *amanhã*: a morte colheu-a de sobresalto naquela mesma noite, e assim foi ela onerada de crimes ao tribunal Divino! Chorava Malagrida a perda desta alma, quando Deus o indemnizou consoladoramente. Entrando Inhambupe, viu o apóstolo chegar perante ele um venerando ancião, que lhe rogou com risonho aspeito que se hospedasse em sua modesta casa. Não pôde Malagrida recusar-se. Ao outro dia, aquele bom velho, chamado Pedro Dias, expirava santamente nos braços do seu hóspede, que parecera ali conduzido por Deus para expressamente assistir tão digno cristão aos seus derradeiros momentos.

Ligam-se a este período da vida de Malagrida outros prodígios mais, que não são somenos dos que se contam mais maravilhosos de S. Francisco de Assis, e de Anchieta.

Pregava na Baía o sermão final de uma missão. De repente uma pomba de brilhante alvura paira por sobre sua cabeça; e depois de fazer três círculos no ar, voeja, e vai pousar sobre a estátua de Santo Inácio; depois vem segunda vez esvoaçar em volta da cabeça do pregador, e desaparece. Ao mesmo tempo uma esplendorosa luz refulge por todo o auditório e vai sumir-se no oriente.

Em Boipeba, trinta léguas afastada da Baía, enquanto ele pregava na praça à multidão imensa, uma reboada de pássaros esvoaçou sobre o auditório, trinando agradáveis cantares, como se a seu modo celebrassem o Deus anunciado pelo apóstolo.

Falando ao ar livre diante de muito povo, em Seregipe d'el Rei, de repente estrugiu um violento furacão, e grossas nuvens, sobranceiras aos ouvintes, ameaçavam fundir-se em água. Já os assistentes se remexiam em cata de abrigo; mas Malagrida fez-lhes sinal que sossegassem. Lance maravilhoso! Enquanto que a chuva caía a torrentes, nem uma só gota molhou o auditório. Foi mais além o prodígio. Na extrema da esplanada em que se juntaram os fiéis, alteava-se um outeiro, donde ruíam em grossas ondas as águas da chuva; já iam tocar no auditório, quando de repente, desviadas por mão invisível, seguem outra direção, com grande espanto do povo.

Em presença de tantas maravilhas, o povo entusiasmado aclamava Malagrida um grande santo. Quando saía à rua, pessoas de todas as condições e idades lhe beijavam respeitosa e as mãos, o hábito e até os vestígios dos pés; outras, menos discretas, cortavam-lhe pedacinhos da loba para conservá-los como relíquias de preço. O humilde religioso era o primeiro a reprovar tais excessos. A rubidez que lhe inflamava o aspecto assaz dizia quanto estas honras molestavam sua modéstia. Mas por mais que fizesse, os mais grados personagens eram também os mais fervorosos em lhe prestarem tais testemunhos de veneração. O vizo-rei do Brasil,

D. André de Melo, galardoava-se em o assentar, algumas vezes, à sua mesa e lhe escrevia frequentes cartas em que demonstrava a mais sincera estima.

O arcebispo da Baía, D. José Fialho, da ordem de Cister, eleito em 1738, repetia a quem lho queria ouvir que todo o bem praticado em sua vasta diocese era devido ao zelo apostólico de Malagrida.

Contudo, para acrisolar a virtude de seu servo, Deus lhe proporcionava às vezes acerbas humilhações. Andava ele evangelizando nas aldeias vizinhas da Cachoeira, quando o vice-provincial lhe enviou carta a mandá-lo sem detença recolher à Baía. O tempo necessário era passado, e Malagrida não chegava. O superior, que estava certo de haver remetido a carta, duvidou da submissão e virtude do missionário. Um ou dois meses depois, chegou Malagrida ao colégio e demandou logo o superior para lhe dar conta dos seus trabalhos; este, porém, recebeu-o com rosto carregado, e lhe perguntou porque não obedecera às suas ordens. A tal pergunta, o santo varão, abaixando modestamente os olhos, respondeu respeitosamente que não recebera carta; depois, prostrado aos pés do superior, prestou-se a sofrer qualquer penitência que lhe fosse, não obstante, imposta. O superior despediu-o, sem ficar isento de suspeitas; mas, passados dias, achou, entre uns papéis, uma carta fechada: era a que devia enviar a Malagrida. Reconheceu então seu erro, e se repreendeu amargamente por ter duvidado, um momento, da virtude do santo missionário.

Vai Malagrida a Pernambuco. — Suas missões nesta cidade  
(1741-1746)

A voga das maravilhas operadas por Malagrida na diocese da Baía chegara aos ouvidos de D. Luís de Santa Teresa, da ordem dos carmelitas descalços, bispo de Pernambuco. Este prelado, como quisesse dar aos fiéis, confiados ao seu zelo, o prazer de ouvir um tal apóstolo, convidou-o em termos muito persuasivos a ir evangelizar o seu rebanho.

Medeiam mais de cem léguas da Baía a Pernambuco. Sem se afrontar com a distância, Malagrida, armado com o seu crucifixo, saiu no fim de 1741, e sempre a pé, consoante o costume, por ardentes areais, lá foi à conquista de novas almas. Por onde quer que transitava ia anunciando aos povos a palavra divina.

Em outubro chegou a Penedo, nas margens de S. Francisco. Aí encontrou muitíssima gente procedente das terras circumpostas. Durante quinze dias fez os exercícios de Santo Inácio e operou bastantes conversões. Por preservar do vício duas moças que a miséria expunha no cairel do abismo, sacrificou duzentos escudos, que mendigara no caminho para acabar o convento da Baía. «A Providência mos restituirá» — dizia ele. Não lhe mentiu a sua confiança. Um dia que, nesta intenção, acabava de oferecer o santo sacrifício da missa, ouviu bater à porta de sua cela; abriu e viu um mancebo que, depois de o saudar cortesmente, lhe entregou um rolo de dinheiro em oiro, pedindo-lhe que o empregasse em alguma obra de piedade. Malagrida, passados momentos de

hesitação, recebeu o dinheiro e depô-lo sobre a mesa; voltando, depois, a agradecê-lo ao portador, não achou ninguém: o mancebo desaparecera. Sobressaltado com tal aventura, contou Malagrida o dinheiro, e achou pontualmente os duzentos escudos. Não pôde já duvidar que Deus lhe enviara aquela esmola como em aprovação da sua liberalidade com as duas raparigas arrancadas por ele à miséria e ao crime.

De Penedo dirigiu-se Malagrida à aldeia de Poxim, situada na raia da diocese de Pernambuco. Que dor foi a sua quando viu a igreja daquela terra quasi abandonada e em ruínas! Sem intermissão de tempo, pôs-se ele mesmo à obra. Viram-no pasmados os camponeses a carregar às costas grandes calhaus das pedreiras vizinhas. Incitados pelo exemplo, que sua própria inércia condenava, trabalharam com afã, e daí a pouco estava a igreja de todo restaurada. Malagrida provou o prazer de aí celebrar o santo sacrifício e pregar a numeroso auditório com muito aproveitamento. De Poxim passou à vila das Alagoas o ardente missionário. O alcaide desta vila, José Gregório, divulgou de antemão a chegada do santo; pelo que foi tal a afluência de povo que já se receiava carestia<sup>103</sup> de víveres; mas, por visível proteção da Providência, as feiras foram abundantemente fornecidas, durante a missão.

Malagrida, como visse quanto aquela multidão ansiava ouvi-lo, deu-se todo, sem ressalva, ao seu ministério; depressa, porém, lhe decaíram as forças, e caiu doente com febre. Então se viu quanto os povos lhe queriam. De toda a parte se faziam votos ao céu pela sua cura. Deus escutou as ferventes súplicas; e o apóstolo, convalescido, prosseguiu em sua missão.

Logo que voltou ao púlpito, o digno émulo de S. Francisco Xavier se assinalou com prodígios novos. Havia na vila das Alagoas um energúmeno que resistira aos exorcismos: intimado a sair do corpo do desgraçado, o demónio zombava das ameaças.

— Uma só coisa poderá expulsar-me — dizia ele — e essa coisa existe em tal casa.

Alguém correu logo à casa indicada, e levou relíquias de santo: nada produziram. Afinal, procurados todos os cantos e desvãos da casa, encontrou-se um frasco de água benzida por Malagrida. Levaram-na no mesmo instante, e o demônio, estorcendo-se horrentemente, pegou de fugir, e não voltou.

Porém, mais celebrado prodígio, atestado por testemunhas presenciais, e cuja fama estrondeou no Brasil e em Portugal, fez realçar na vila das Alagoas o poder de Malagrida. Construía-se no estaleiro do porto uma embarcação de alto bordo. Quando a quiseram lançar ao mar, caiu sobre um flanco, e enterrou-se fundamente na vasa, sem que, apesar de todos os esforços, pudessem levantá-la e arrastá-la à tona d'água. O armador desesperava-se pensando na perda que sofria. Exauridos todos os recursos, resolveu recorrer ao santo varão, já conhecido por outros prodígios. Foi ter-se com Malagrida, expôs-lhe sua desgraça, e suplicou-lhe que fosse abençoar com a sua imagem da Virgem o navio encalhado. Recebeu-o bondosamente o padre, e condoído do seu infortúnio, fez tudo que pôde para consolá-lo; suspeitando, porém, e discretamente, que se tratava de operar um milagre, recusou constantemente ir ao sítio indicado, alegando que era um pecador indigno de graças extraordinárias.

Para vencer a humildade do santo homem, recorreu o armador a uma pia fraude. Malagrida, antes de sair da vila, devia, segundo o uso, levar processionalmente pelas ruas principais a sua querida imagem de Nossa Senhora.

Sabedor do intento, o dono do navio conchavou-se com os que deviam dirigir a procissão para que ela passasse à vista do estaleiro onde a embarcação encalhara. Graças a este inocente artifício, Malagrida, despercebidamente chegou à vista do navio. E então, toda a matalotagem, com o capitão<sup>104</sup> à frente, lhe saiu ao encontro, e de joelhos rogaram que subisse com a imagem da Senhora à coberta do navio.

Este inesperado espetáculo apiedou o coração do jesuíta: subiu a bordo, recitou em voz alta uma breve mas fervorosa prece, que

todo o povo repetiu; depois, abençoou o navio com a imagem, e ordenou aos marinheiros que fizessem um derradeiro esforço, ajuntando que a misericordiosa rainha do céu os ajudaria infalivelmente. Cheios de confiança, os marujos amarram os cabos; mas, ainda antes de eles acabarem este preparativo, aquela pesada mole, estremecendo-se por si mesma, endireita-se e resvala descendo até ao mar. À vista disto, o povo entusiasmado exclama: «Milagre!» e, rodeando Malagrida, o proclama a brados o novo taumaturgo do Brasil!

Eram decorridos oito meses depois que o santo apóstolo saíra da Baía: atingia o termo da viagem. Algumas léguas além de Alagoas encontrou o governador de Pernambuco António Ribeiro Leite. Este honrado magistrado, que ia em correição à província, suspendeu a visita para acompanhar o venerando missionário à capital. Este passo foi para ele de muita bênção; que, mais tarde, subjugado pela graça, deixou o mundo, e entrou em um convento de franciscanos a servir Senhor mais poderoso que os reis da terra.

Entrou Malagrida em Pernambuco em princípios de março de 1742. Ao outro dia da chegada foi cumprimentar o bispo, que o convidara; mas o prelado, antecipando-se, foi pessoalmente ao colégio dos jesuítas, e assim que avistou o padre abraçou-o com vivíssima ternura, não podendo cabalmente exprimir-lhe quanto era feliz em possuí-lo na sua diocese.

Passados os primeiros transportes de júbilo que lhe causava tão amorável encontro, falou magoadamente do penoso estado em que se achavam os seus diocesanos, quanto a religião. Em consequência de uma funesta contenda suscitada entre ele e o governador geral da província, numeroso partido se arvorara contra ele em Pernambuco; recusavam reconhecê-lo por bispo; propalavam contra ele odiosas calúnias, por tal modo que ainda não ousara mostrar-se em alguns dos principais bairros da cidade. Exposto difusamente o triste estado das coisas, terminou pedindo a Malagrida, que, com os seus sermões, fizesse entrar no dever aquele pobre povo iludido por intrigantes. O santo apóstolo prometeu-lhe que sim.

A grande cidade de Pernambuco compreende duas partes distintas, designadas com os nomes de Olinda e Vila do Recife. Por esta última foi que Malagrida principiou a obra da conversão. A sua chegada era o assunto geral das conversações na cidade.

O clero, com as ordens religiosas e muita gente de todas as classes, foram cumprimentá-lo ao colégio, e beijando-lhe as mãos e o hábito o conduziram em procissão à catedral.

Esperava-o o bispo no limiar do templo; e depois de o conduzir ao coro, subiu ao púlpito e, com um sentido discurso, exortou os fiéis a aproveitarem-se da mercê que o céu lhes fazia, enviando-lhes ministro tão poderoso em palavras e obras. Depois, voltando-se para Malagrida, ajoelhado no meio do santuário, apresentou-lhe um crucifixo, e disse:

— Eis aqui, meu padre, o símbolo da salvação; pregai Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado.

Então o ardente missionário avançou até aos penetrais da igreja, a fim de ser ouvido da multidão que ficara fora, e com aquela eloquência que lhe era própria, exortou o povo a ser assíduo nos exercícios da missão.

No dia seguinte foi o próprio bispo quem inaugurou na igreja dos padres oratorianos com um sermão acerca dos últimos fins do homem. Na tarde desse mesmo dia, Malagrida pregou do mesmo assunto na igreja dos Jesuítas, em presença do prelado.

Durante vinte dias sucessivos, bispo e missionário desenvolveram de comum acordo as mesmas verdades, um de manhã, e outro de tarde, e em todo o tempo mostrou o povo constante empenho em escutar a palavra divina. Notou-se com assombro que Malagrida, tratando as mesmas verdades e diante do mesmo auditório, avantajando-se ao bispo, sabia apresentá-las com formas novas, sem nunca repetir o que o prelado dissera (engenho que revelava no pregador dons extraordinários).

E, de feito, Malagrida era eminentemente orador; no dizer dos que o ouviram, tudo nele se concertava à maravilha para impressionar penetrantemente o auditório: exterior grave que inspirava

respeito e veneração; palavra enérgica e cálida, facilidade grande de frasear, meneios expressivos, acentuação sonora, enfim, dulcíssima unção; por modo que o ouvi-lo era prazer insaciável; às vezes, porém, a sua voz acentuava-se tão estridente que fazia arrepios, e estrugia no recôndito da alma. Aqui vem de molde esboçar o método que o venerável jesuíta adotou nas suas missões. Nos primeiros dias, quer na igreja, quer nas praças, quando a igreja era pequena, desenvolvia fogosamente as terríveis verdades da fé: pecado, morte, inferno, juízo final, etc. Como se não lhe bastasse aterrar o espírito dos fiéis com estes abrasados discursos, o santo pregador, assim que acabava um sermão, pegava duma corrente de ferro, e flagelava-se com ela publicamente da maneira mais cruel, deixando só de lacerar os ombros ensanguentados, quando caía esvaído de forças. Cada golpe que abria naquela inocente carne pungia no fundo dos corações, e era então que se operavam, como já acima referimos com exemplos, as prodigiosas conversões.

O hábil missionário, sabendo que o povo é mui caroável das grandes pompas espetaculosas, empregava muitos dias em cerimónias religiosas, às quais dava a máxima solenidade e magnificência.

A primeira festividade era consagrada a uma confissão pública ao Santíssimo Sacramento do altar. Em reparação dos sacrilégios e crimes cometidos contra a pessoa adorável de Nosso Senhor, presente no tabernáculo, cantava uma missa solene, seguida de sermão, em que exortava os fiéis a nutrir-se frequentes vezes do pão da vida. À noite saía uma grande procissão, em que o Santíssimo Sacramento era levado em triunfo pelas ruas da cidade, com imenso concurso de povo, ao compasso dos hinos e cânticos sagrados.

Em outro dia, era a festa da Virgem Santa. Depois de um panegírico ardentemente amoroso, organizava em honra da mãe de Deus uma magnífica procissão, em que a Virgem era levada pela cidade, com cânticos e litanias.

Depois, era o dia consagrado aos mortos. Pintava em pungente discurso os tormentos das almas do purgatório; movendo os fiéis a consolá-las com a oração, fazia conduzir pelas ruas da cidade um

andor encimado de uma caveira exposta a todas as vistas. O fúnebre saimento marchava vagorosamente, ao compasso do lúgubre dobrar dos sinos, de envolta com o gemer e soluçar da multidão; quando chegavam a alguma praça, o missionário fazia parar o catafalco, e subindo ao lugar mais iminente, falava da morte, lembrando a fatal sentença:

— Estão condenados a morrer todos os homens. É certo que dentro em pouco se farão assim os funerais de mais de um desses que a esta hora me escutam: e então, riquezas, honras, prazeres, vaidades de que servem?

Estas palavras produziam comoção tão viva que diríeis serem verdadeiros os funerais!

Terminava finalmente a missão pela chamada procissão da penitência. Era esta a ordem: à frente ia a cruz, depois muito povo em duas filas, submetendo-se por expiação de pecados a toda a espécie de maceração. Uns rojavam gramalheiras de ferro, outros atavam apertadamente as mãos sobre o dorso, outros verberavam as espáduas com sanguinolentas disciplinas, outros cravejavam coroas de espinhos na testa, alguns amarravam os braços em forma de cruz numa barra de ferro. Aqueles, finalmente, carregavam enormes pedras ou enormes cruces, caminhando todos descalços e recitando os salmos da penitência. No remate, ia Malagrida, descalço, fronte coroada de espinhos, corda ao pescoço, crucifixo na mão.

E assim corriam toda a cidade, parando a espaços, para ouvir algumas palavras da boca do santo homem.

Em cada missão havia um dia especialmente destinado à reconciliação de inimigos. Mediante a palavra do apóstolo, os homens desavindos longos anos, iam ao pé da cruz, e publicamente se perdoavam as ofensas mútuas, sigilando a reconciliação, com um ósculo de paz.

Fácil é de ver que tais missões transformariam cidades ainda as mais corrompidas. A vila do Recife, onde deixámos Malagrida, não se excetuou do movimento geral. Cooperou mormente na sua conversão o exemplo do chefe militar que, à frente de sua família, ajoelhou publicamente à mesa da Comunhão, que ele não frequentava desde muitos anos.

Não foi menor o êxito do Santo Apóstolo, na parte de Pernambuco, chamada Olinda. Entre as conversões operadas, realçam as de um pecador empedernido, que odiava mortalmente um morador da mesma cidade. Alumiado pela graça a renunciando à satisfação da vingança, aquele homem prometera ao missionário que, em remédio ao escândalo que dera até então, pediria publicamente perdão ao seu inimigo, em plena igreja, no fim do próximo sermão; vencido, porém, de respeitos humanos, no dia marcado não se lembrou da promessa. Duas ou três vezes, Malagrida o interpelou do alto do púlpito: sempre a mesma recusa. Então o apóstolo, arrebatado do transporte santo, estende a mão sobre um círio aceso, e com uma voz retumbante, exclama:

— Onde é que te escondes, ó mais desgraçado dos homens? Podes fugir aos olhares do teu próximo; mas fugirás aos de Deus, que lê nos corações? Escaparás à sua mão vingadora? Quem te impele a violar assim a fé jurada a teu Mestre e Senhor? Não temes que sobre ti desça o gládio da justiça divina, suspenso e pendente sobre tua cabeça? Ah! teme o raio, que te fulminará quando menos o pensares! Esconde-te, esconde-te! Assopra a brasa do teu ódio! Minha mão arderá neste fogo enquanto o teu ódio arder.

A tais palavras, o pecador aterrado, pálido e trémulo, sai da multidão, vai ao pé do púlpito, confessa o pecado, e pede publicamente perdão ao seu inimigo, com grande edificação de todos os assistentes, não menos abalados do arrependimento deste homem quanto atônitos de verem a mão do santo missionário perfeitamente ileisa depois de ter tão longo tempo estado sobre a chama.

Outra particularidade desta missão em Pernambuco foi conservada pelo próprio Malagrida em uma relação escrita em português, e trasladada em latim pelo biógrafo de quem colhemos o essencial desta narrativa. Folgamos de poder oferecer ao leitor este documento interessante em que a alma de Malagrida toda se revela.

O titulo é o seguinte:

*Notícia<sup>105</sup> da cura miraculosa de um mudo, que recuperou instantaneamente a palavra por intercessão da Santíssima*

*Virgem, protetora das missões, pelo intento de apressar a beatificação do venerável padre José de Anchieta, nesta sexta-feira 31 de agosto de 1742, no colégio do Recife.*

«Tudo o que vou contar, em verdade o certifico, e se preciso for estou pronto a jurá-lo sobre os santos Evangelhos. No principio desta semana, o padre provincial, Manuel Sequeira, há pouco desembarcado neste porto, me entregou carta do reverendíssimo padre Geral, na qual entre outras coisas escritas por seu punho, S. paternidade me recomendava instantemente que exortasse o povo em meus sermões a confiar nos merecimentos e proteção do venerável padre José Anchieta; que talvez assim faria Deus luzir sua misericórdia com algum assinalado benefício ou milagre que pudesse lustrar o processo da beatificação do glorioso taumaturgo. Pelo que de mim é, há muitos dias que eu almejava o momento em que me fosse permitido ver no altar aquele insigne servo de Deus; doía-me ver, depois de tantos prodígios que o santo operara em vida lhe escasseasse ainda um milagre. Cheio deste sentir, não cessei de recomendar o êxito, em minhas súplicas ao Senhor. Confessá-lo-ei? saindo ontem, quinta-feira, ao entardecer, com destino a casa do tesoureiro-mor, em companhia do irmão Manuel Lopes, encontrei na praça, ao pé do palácio, um menino tolhido dos membros, que se arrastava por terra como vil animal. Tocou-me a inspiração de evocar para este desgraçado a proteção do venerável padre; mas acobardou-me o pejo, e não o fiz.

«Hoje de manhã, recomendei novamente a Deus esta empresa, e um quarto de hora depois do fim da meditação, enquanto eu recitava o breviário, o irmão Manuel bateu à porta da minha cela, para me dizer que ali estava um homem que me queria falar. Saí logo, e perguntei ao homem o que queria. Não me respondeu, nem o podia fazer porque era mudo. O menino que o acompanhava

falou por ele, e me disse que se queria recomendar a Nossa Senhora das Missões. E certo é que o homem avistando na minha cela a imagem da Virgem Santa, foi de corrida ajoelhar-se-lhe. E eu também me ajoelhei, invocando o taumaturgo do Brasil; porém como eu não tivesse imagem nem relíquias suas, dirigi-me a Nossa Senhora, rogando-lhe que fizesse o milagre, para assim manifestar quanto lhe era agradável, que o seu servo fosse honrado como santo. Foi esta a súplica que eu fiz: Vós sabeis, ó Maria, com quanto<sup>106</sup> amor o venerável padre exercitou todas as potências de sua alma em glorificar-vos, não só com suas virtudes, senão ainda com os seus poemas; dignai-vos pois glorificá-lo também; operai este prodígio em seu favor, dai fala a este mudo.

«Neste momento, doces lágrimas me resvalavam nas faces, e eu dizia dentro em mim: se este mudo recobrasse a palavra subitamente, seria manifesto o milagre, e todos os meus votos preenchidos. Eis que, no mesmo instante, o mudo exclama: *Jesus!* E eu repeti: *Jesus!* dize outra vez: *Jesus!* E ele repetiu o doce nome<sup>107</sup>, eu acrescentei: por intercessão do santo e glorioso José de Anchieta, socorrei-me, Rainha dos Céus, quebrai as prisões da minha língua. E o pobre mudo repetiu distintamente as palavras todas. O menino (que decerto era seu filho) chorava de alegria, e eu chorei também. Chamei o padre reitor Domingos Gomes, para que fosse testemunha deste espetáculo. Informámo-nos do nome deste homem, da terra em que nascera, da casa que habitava, dos parentes e conhecidos, e a tudo respondeu satisfatoriamente. Enquanto o padre reitor se dispunha a sair para proceder à averiguação legal, conduzi o nosso homem à câmara do reverendo padre Provincial, que muito tempo conversou com ele, e lhe perguntou há quanto tempo era mudo, que remédios empregara, e como viera ali. A todas as perguntas respondeu distintamente, afirmando que

ficara assim caindo de um cavalo, e que tinha desbaratado inutilmente com médicos e remédios o pouco dinheiro de que podia dispor.»

Tal é em sua afetuosa simplicidade a narrativa de Malagrida. Ninguém faria melhor do que essas linhas, a pintura da<sup>108</sup> sua confiança inabalável e filial, na Mãe de Deus, que ele tanto folgava de chamar a Protetora e Augusta Senhora das suas<sup>109</sup> Missões.



**Missões de Malagrida na província de Pernambuco  
(1742-1746)**

Depois de ter restaurado a prática das virtudes cristãs na grande cidade de Pernambuco, resolveu Malagrida distender até aos campos vizinhos o benefício de suas pregações. Não o seguiremos passo a passo no seu peregrinar. Respiremos aqui e ali os factos mais interessantes ao intento.

Perto do promontório Santo Agostinho, na aldeia de Nossa Senhora do Lago, o céu parecia de bronze, e a secura esterilizava toda a terra. Os lavradores tremiam de ver perdido o fruto de seus labores. Malagrida, compadecido, qual anjo de paz, sobe ao púlpito, e, em nome da Santíssima Virgem, anuncia que o flagelo se aplacará antes de três dias. No tempo marcado pelo apóstolo, caiu chuva copiosa que salvou as sementeiras.

Em Iguarassu, convertera Malagrida muitíssimas públicas pecadoras; e, para evitar reincidências, resolveu construir-lhes segundo asilo. Auxiliou-o neste pio intento um virtuoso padre, chamado Miguel de Sepúlveda, e uma senhora de relevante porte, D. Antónia<sup>110</sup> Maria de Jesus. Graças às suas generosas esmolas, pôde ele, antes de sair de Iguarassu, assentar os alicerces do novo asilo, apesar de vivas e poderosas oposições.

Na povoação de Afogados viram-o os moradores labutar, como o último dos alvenéis, na reedificação da igreja arruinada.

Em Goiana, três factos maravilhosos assinalaram a sua presença. Uma pecadora, movida pela graça e pela voz de Malagrida, desdera

os laços que a prendiam ao crime, e refugiara-se em casa de uma amiga. Furioso pela perda do objeto de sua pecaminosa paixão, o cúmplice daquela infeliz usou de meios violentos para arrancá-la do seu refúgio e levá-la para si. Soou logo o escândalo na terra, e Malagrida consternou-se intimamente.

No dia imediato, subiu ao púlpito, e, abruptamente, interrompendo o sermão, exclamou:

— Meus irmãos, o lobo que arrebatou a ovelha de Cristo, a esta hora, já recebeu o castigo merecido.

Ao sair da igreja, o auditório soube horrorizado que, no mesmo instante em que o homem de Deus proferira aquelas palavras, o miserável raptor caíra fulminado de morte súbita.

Em outro sermão que pregou na mesma vila de Goiana, falava Malagrida das penas do purgatório. Eis que de repente se interrompe para recomendar aos fiéis a alma de certa pessoa que nomeou e que morria em uma aldeia bastante longe dali. No mesmo dia se soube que aquela pessoa expirara à hora em que o missionário pedira os sufrágios dos fiéis.

Ainda em Goiana, como quer que encontrasse em uma igreja o enterro de um padre, mostrou-se exuberante de insólita alegria, e disse em alta voz, de modo que todos o ouviram, que aquele padre ia muito cedo gozar da posse do seu Deus; depois, relatou uma por uma todas as virtudes que decoravam aquele padre, com tanta exatidão como se fosse seu íntimo confidente, sendo certo que nunca em sua vida o vira.

Passou Malagrida de Goiana a Paraíba, evangelizando de passagem em muitas aldeias, de concerto com o capuchinho António Maria, de Modines. É Paraíba uma cidade assaz importante, situada a trinta léguas distante de Pernambuco, junto da embocadura do rio que lhe dá o nome. Só em barca pode ali aportar-se, motivo das lagoas que a circunvalam. Malagrida achou uma canoa, que lhe enviou o governador da terra. Era este um homem de carácter ativo e desconversável. Com providências vexatórias perdera a estima dos seus subordinados; até com os padres jesuítas inter-

rompera completamente relações. De boa mente, quisera ele captar Malagrida, para o fazer instrumento contra os outros padres; mas ia mal por aí. Debalde se apresentou a Malagrida com o cortejo das autoridades da terra para lhe oferecer pousada em seu palácio. O humilde religioso recusou urbanamente, defendendo-se com a regra do seu instituto. Esta recusa, embora justíssima, feriu o governador, que dissimulando moléstia, amanhou traças de não assistir a algum sermão do apóstolo.

E, no entanto, o jesuíta alvorojava a cidade com o seu verbo eloquente. Desde o fundo dos seus cárceres, os forçados ouviam falar do santo varão, e lhe escreveram pedindo-lhe encarecidamente que lhes fosse falar também a eles da misericórdia de Deus. Comovido, deu-se Malagrida pressa em ir; passou três dias com eles, e os dispôs todos a receber o Senhor em santa comunhão.

Daqui transferiu-se à aldeia de Varge Nova<sup>111</sup>. Estava em ruínas a igreja: faz-se pedreiro para a restaurar. Um dia, quando carregava uma grande pedra, passou rente de um carro, puxado a bois. Um deles, até então mansíssimo, assoma-se de repente, e dá-lhe um coice que o derribou atordoado. Levaram-o a uma casa vizinha, onde esteve quatro dias sofrendo imensas dores. Aos que o iam consolar, respondia que o causador daquele mal fora o demónio, e que não tardaria a estar curado. Assim se verificou.

Passados anos, aquele santo homem, falando deste acidente em uma carta dirigida a um de seus irmãos, confessava que no meio de seus sofrimentos corporais saboreava consolações inefáveis; depois, concluindo com um piedoso gracejo, escrevia: «Se o bom Deus nos consola assim de um coice, que será quando nos deliciarmos com as suas carícias?»

Nesta aldeia da Varge Nova vivia um mulato abismado na lama dos vícios mais sórdidos. Informado Malagrida do viver deplorável deste homem, foi procurá-lo, e empregando a revezes súplicas e ameaças, instou-o a escutar-lhe as suas instruções. Mas o pecador contumaz recusou render-se. Um ou dois dias depois, Malagrida recomendou desde o púlpito aos fiéis que pedissem para

um pecador que, antes de vinte e quatro horas, se despenharia no inferno, se não fizesse penitência. Estas palavras gelaram de terror o auditório. No dia seguinte, indo o padre para a igreja, foi de passagem à casa do mulato, instando-o a ir ao sermão. Não o achou. Assoberbado de amargura, dirige-se o jesuíta ao templo. E, apenas principiou o sermão, que aquele desgraçado, entrando em casa, se sentiu de repente mal da cabeça, e morre de súbito nos braços da criminosa barregã.

Com o coração retalhado por não poder salvar aquela alma, voltava Malagrida ao colégio de Paraíba. Diante da porta encontra um negro que tinha na perna uma chaga asquerosa. Quando avistou o padre, lançou-se-lhe o negro aos pés, rogando-lhe que se apiedasse dele. Malagrida, condoído, levantou-o brandamente e o conduziu ao seu quarto, e ai lhe disse que ajoelhasse à imagem da Virgem, e pedisse a cura àquela que era a saúde dos enfermos. Obedeceu o negro. Depois, fez-lhe Malagrida o sinal da cruz sobre a perna, e exortou-o a esperar socorro da Virgem Santa. Alguns dias depois, a perna curou-se completamente, caso que não podia dar-se sem verdadeiro milagre, segundo o certificado do cirurgião Manuel Pereira.

Confiadíssimos<sup>112</sup> neste homem dileto do Senhor, os paraibenses valeram-se dele para, com sua intercessão, alcançarem alguma reforma nas medidas despóticas do governador de quem acima falámos. Destemido da ira de tão poderoso homem, Malagrida conjurou-o em nome de Deus a ser justiceiro com seu povo. Inúteis rogos! O corajoso missionário foi repulso afrontosamente. Insistiu o missionário; mas o governador declarou-lhe arrogantemente que não mudava nada no seu regímen; que para as medidas que ordenara escrevera a el-rei para lhas aprovar.

— Pois sabei — replicou Malagrida abrasado em lume profético — que antes que a vossa carta entre no paço do rei, tereis vós transposto os umbrais da eternidade.

Poucos dias decorridos, o governador morreu impenitente, recusando absolutamente receber as consolações da religião.

Revelou-se ainda o espírito profético de Malagrida em outra ocasião. Em certa aldeia chamada Bom Jardim, estava o santo varão na igreja, absorto em meditação e com o rosto rutilante. Ergue-se de salto, e abeirando-se de certo homem que ali estava, lhe perguntou:

— Amais Nossa Senhora?

— Sem dúvida — respondeu o homem enleiado.

— Vede lá! — replicou Malagrida. — Sois sincero?

— Com certeza sou; e não há coisa que eu não faça pela Virgem Maria.

Então Malagrida, com severo aspecto, tornou:

— Se pretendeis ser um devotado filho de Maria, porque tendes, há tantos anos, oculto este pecado? — E nomeou-lho. — Porque não vos depurais pela penitência das manchas de vossa alma? Que esperais?

Ferido por tais vozes, como se o ferisse uma faísca, e intrado de profundíssimo arrependimento, aquele pecador sacrílego confessou-se logo, e expôs as culpas que sonegara, havia muitos anos.

Tão favorecido do céu, ainda assim Malagrida não abatia um ponto de sua humildade. Eis aqui uma prova relevante<sup>113</sup>: Em uma vasta assembleia, sustentava contra um teólogo uma questão delicadíssima. Expôs modestamente a sua doutrina; porém, como ela desautorava a opinião do adversário, este assomou-se a termos de lhe remessar palavras injuriosas. E, logo, o padre, humílimo como se fosse o agressor, lança-se aos pés do teólogo a pedir-lhe perdão: espetáculo penetrante que encheu de admiração os assistentes!

Antes de retomar o caminho de Pernambuco, coroou Malagrida a sua obra em Paraíba com o último bem-fazer: a fundação de um semináriozinho para educação da mocidade destinada ao sacerdócio. Assentou a primeira pedra em fins de 1745, sendo presentes o governador António Borges da Fonseca e o reverendo padre António Soares, vigário da cidade. Entre os benfeitores desta casa está em primeira plana Teodoro Álvares de Sousa, que deu a Malagrida um valioso rendimento. Com tais fundações assegurou no porvir aquele excelso varão o bem começado por sua palavra apostólica.



**Torna Malagrida a S. Luís — Parte para Lisboa  
(1747-1749)**

Havia 12 anos (1735-1747) que Malagrida peregrinava apostolicamente as vastas dioceses do Brasil. Em vista dos trabalhos prodigiosos, empreendidos por este sublime operário durante esse lapso de tempo, a imaginação espanta-se! E, todavia, a tamanhas fadigas, aquele vero discípulo de Jesus Crucificado ajuntava ainda inacreditáveis austeridades! Tão certo é, que aos santos só na cruz se depara a felicidade!

Conquanto fossem mui laboriosas estas missões, Malagrida jejuava tão rigorosamente que o seu alimento não excedia quatro onças por dia, e muitas vezes menos; não comia carne nem peixe: alguns legumes mal adubados, um bocado de pão e queijo, alguma fruta, eram o seu sustento. Vinho só o bebia quando estava doente, por obediência. Dormia pouquíssimo, erguia-se de noite para orar, e algumas vezes para ouvir as confissões prolongava as vigílias muitas noites a fio. Ordinariamente, só concedia ao corpo cansado duas horas de dormir; e dormia vestido, deitado no chão da cela, ou sobre um banco com o breviário por travesseiro, ou então em uma cadeira com a cabeça encostada às mãos. Nas suas viagens, raramente se servia de carro ou cavalgadura; a maior parte das suas jornadas fê-las a pé e descalço por areais ardentes. Além disto usava de contínuo cilício dobrado e eriçado de puas: à noite e de manhã flagelava-se asperamente com uma cadeia de ferro armada de agulhões, que ele aguçava de tempo a tempo; e

talvez este santo ódio ao corpo fosse a mais, se os superiores lhe não enfriassem o seu amor ao padecer. Bem pudera ele dizer de si como o grande apóstolo das nações: «Levo a cruz de Jesus Cristo impressa no meu corpo.»

Sigamo-lo agora em suas novas excursões apostólicas.

Depois que saiu de S. Luís, o novo bispo D. Manuel da Cruz, da ordem de Cister, ocupara a sé episcopal daquela cidade. Este prelado, como ouvisse narrar os grandes feitos operados por Malagrida no Brasil, desejou possuir também o célebre missionário; e assim rogou aos superiores que o chamassem ao Maranhão.

À voz daquele que para si fazia as vezes de Jesus Cristo, Malagrida saiu sem demora de Pernambuco, e, seguindo o caminho da costa, se dirigiu à vila de S. Luís apressadamente. Chegado a um lugar que se dizia Magu<sup>114</sup>, encontrou o irmão José Pereira, que o reitor do colégio de S. Luís, padre João Ferreira, lhe enviara ao encontro. Debalde o irmão, compungido pela vista dos pés macecados e queimados do pobre missionário, lhe instou que montasse a cavalo dali até ao rio onde o esperava a embarcação: o valoroso apóstolo recusou-se, e concluiu sua jornada sempre descalço e demorando-se em todas as aldeias para anunciar a palavra divina.

Chegou enfim a S. Luís aos 11 de maio de 1747. Apesar da longa ausência, a memória de suas primeiras pregações não desbotara ainda na lembrança dos moradores daquela cidade.

Divulgada a notícia da sua chegada, saiu o povo a encontrá-lo, e o conduziu triunfalmente ao palácio do bispo, que lhe deu o mais afetuoso acolhimento, e o felicitou por tudo o que fizera até então em glória de Deus, recomendando-lhe ao seu zelo aquele rebanho ocupadíssimo infelizmente nos interesses temporais, tão avessos da eternidade.

Bastaram a Malagrida seis dias para se restaurar das fadigas duma viagem superior a duzentas léguas: logo no dia 17 foi missionar oito dias à povoação de Tapuitapera ou Alcântara.

Neste entremeio, D. Manuel da Cruz, transferido para a Sé de Mariana, entregou a diocese a D. Francisco de S. Tiago, da ordem

dos mínimos. Malagrida interrompeu então suas lides para se apresentar ao novo bispo e renovar os poderes. Recebeu-o benevolamente D. Francisco, e logo o encarregou de fazer uma missão geral na mais ampla igreja da sua cidade episcopal.

No dia aprazado para a abertura desta missão, o próprio prelado, em um discurso muito eficaz, exortou o seu novo rebanho a assistir com frequência às instruções do venerando missionário; depois, dirigindo-se a Malagrida, diante de quem se ajoelhou, fez-lhe entrega de um crucifixo com estas palavras de Esaías<sup>115</sup>: *Clama, ne cesses*<sup>116</sup>, *et quasi tuba, exalta vocem tuam et annuntia populo meo*<sup>117</sup> *sclera eorum*; eleva tua voz incessante como trompa e anuncia ao meu povo suas iniquidades.

Malagrida, com o crucifixo na mão, subiu ao púlpito, e fiel à recomendação do bispo, mostrou aos seus numerosos ouvintes a necessidade da penitência. Não foi estéril sua voz; que, finda a missão, viu-se multidão de pessoas, com a fronte coroada de espinhos, seguir a procissão expiatória com que Malagrida, segundo seu costume, terminava a estação.

De S. Luís foi o infatigável apóstolo enviado ao Pará, distante daí 160 léguas. Quando aí estava, chegou de Portugal o novo bispo desta cidade, Miguel Bulhões, frade dominicano. Foi logo Malagrida apresentar-lhe suas homenagens. Mostrou-se o prelado muito seu afeto, e lhe deu pleno poder para exercitar seu ministério em toda a extensão da diocese do Pará. Aproveitou-se logo dele o santo homem, fazendo os exercícios de Santo Inácio nas principais igrejas do Pará, produzindo como sempre notáveis conversões.

Uma pecadora pública era desde muito o escândalo da cidade. Assim que ouviu Malagrida trovejar no púlpito contra o vício da impudicícia, entrou-se de tão viva compunção, que desejando renovar a penitência de Madalena, veio a público, vestida de saco e coberta de lágrimas, pronta a confessar-se publicamente em presença da multidão abalada e enternecida com o espetáculo.

No entanto, a mais valiosa obra do apóstolo no Pará foi a fundação de um seminário.

Atravessaram-se-lhe muitos obstáculos, como sucede a todas as obras de Deus. O bispo Bulhões não denegava licença; mas as condições eram tão pesadas, que Malagrida entendeu recusá-las. Graças à intervenção do padre Alexis António, a quem ele muito queria, Bulhões desceu-se algum tanto de suas exigências. Fundou-se pois o seminário, e aos 16 de junho de 1749 celebrou-se a instalação solene dos novos alunos. Dignou-se o bispo presidir à festividade, vindo ao cair da tarde, seguido de grande multidão, à igreja do colégio; e logo que o prelado se assentou em um trono pomposamente ornado de colgaduras, cercado dos jovens alunos, Malagrida desenvolveu pungentemente aquelas palavras do Salvador: «Deixai que as criancinhas venham para mim.» Feito o discurso, seguiu para o novo seminário uma procissão: todos admiravam o recolhimento e modéstia dos moços seminaristas, os quais, chegados à santa vivenda, ajoelharam diante da estátua da Santa Virgem, e cantaram em dois coros o *salve, Regina*, em saudação d'Aquela que consentia ser-lhes mãe. E brevemente outros alunos abasteceram suas fileiras, e teve Malagrida a glória de ver prosperada uma obra que ele sabia ser utilíssima àquelas povoações.

Desonerado dos cuidados que empregara na fundação do seminário, passou o apóstolo a fazer os exercícios de Santo Inácio. Quis o bispo Bulhões fazê-los também sob sua direção, deixando temporariamente o seu paço para habitar uma cela humilde do seminário recentemente edificado; e aí muito de coração se deu à penitência e aos atos contemplativos, com grande edificação dos que tiveram a honra de ser com ele.

Cuidou Malagrida que era aquele o favorável momento de propor ao prelado outra obra que o seu zelo desde muito meditava para glória de Deus. Vinha a ser a construção, no Pará, de um convento semelhante ao da Baía, servindo, a um tempo, para as almas a mais perfeita vida, e refúgio às pecadoras conversas. Porém o bispo disse ao padre que não podia subscrever a tal projeto:

— Quem nos dará neste país — dizia ele — bastantes rendimentos para alimentar essas pobres mulheres? E depois, quem

quererá dirigi-las? Vós, os jesuítas, tendes regra que vos coíbe de aceitar administração tão cortada de dificuldades: será portanto essa administração incumbida ao bispo, e bem sabeis que semelhantes conventos de mulheres, ordinariamente lhe causam mais aborrecimentos e impeços que o resto da diocese.

Malagrida não ousou redarguir a tais objeções; mas, consultando Deus em suas preces, resolveu dirigir-se ao rei de Portugal, D. João V, e a sua esposa, a piedosa rainha Mariana de Áustria.

E fiado que sua majestade fidelíssima se houvesse com ele tão liberalmente, que a existência das casas projetadas se realizasse, dispôs-se a partir rapidamente para Portugal.



**Malagrida em Lisboa**  
(1749-1751)

Aos 7 de dezembro de 1749, embarcou-se Malagrida em um navio do Porto, prestes a fazer-se de vela para Lisboa. Apenas o navio saiu do porto, que um pegão de vento o arrojou para a costa, em risco de ir a pique; mas o capitão, confiadíssimo na santidade de Malagrida, creu que nada tinha a temer com tal companheiro de viagem, e continuou sua rota, sem ao menos se precaver amainando as velas para dar menor presa à tempestade. Os marinheiros que o viam da praia, espantavam-se de tal temeridade:

— Aquele bravo galego — diziam eles — desde que meteu em seu navio o padre Malagrida, pensa que é o senhor dos mares, e não deixa de ter razão.

Todavia quis Deus que a fé do fiel português passasse por terríveis provas. À tempestade, que tivera o navio no fundo, sucedeu calma não menos desastrosa. Estavam ainda mui longe do continente, e a provisão de água era quasi exaurida. Para que ela durasse algum tempo mais, ordenou o capitão que se fosse diminuindo a ração ordinária dos passageiros. Ao princípio sofreram corajosos a dura privação; mas depois, minguando-lhes as forças, resolveram dirigir-se ao santo que levavam consigo, para obterem por seu intermédio consolação a tantos males. Malagrida recebeu-os ternamente, e empenhou-se em lhes reanimar a coragem com palavras; mas depois de orar fervidamente, foi ter-se com o capitão, pedindo-lhe que fosse

menos mesquinho com os passageiros, e lhes desse água em maior quantidade. O capitão desculpou-se que era grande imprudência fazê-lo, pois que havia apenas uma pipa de água.

— Vamos ver — disse Malagrida.

E seguidos de outros passageiros, desceram ambos ao porão. Aí, recolhendo-se Malagrida um momento, e fazendo depois o sinal da cruz sobre a pipa, disse ao capitão:

— Creia-me que temos água de sobra: seja mais generoso.

Teve o capitão fé naquela palavra, e fez distribuir água a granel: tamanha era a confiança que o santo homem lhe inspirava!

Alguns dias se passaram em que adiantaram pouquíssimo: afinal, soprou brisa assaz rija, que em pouco se tornou furacão violento; cabos e velas, tudo foi espedaçado, o leme partido, e o navio metendo água por toda a parte, ameaçava a cada instante afundir-se no abismo. Neste supremo perigo, correm os passageiros ao santo missionário, que os tranquiliza e persuade a que façam voto em honra da Virgem Santa de se confessarem e comungarem em um de seus santuários privilegiados, se escaparem àquele perigo iminente. Apenas a equipagem pronunciou o voto, aplacou-se a tempestade, e o navio avariado pôde seguir sua derrota até à foz do Tejo.

Já a marinhagem e passageiros saudavam com transportes de alegria o termo desejado de sua longa e desastrosa navegação, quando os gritos de júbilo se mudaram em brados de angústia. O navio que, à mingua de leme, não podia ser norteadado, batera contra um rochedo à flor d'água. Desde a praia, os moradores da costa viam aflitos submergir-se o navio, sem que eles pudessem socorrê-lo. Na sua desesperação lembram-se os naufragos que já duas vezes Malagrida os tinha salvado da morte: rodeiam-no, e conjuram-no com lágrimas, que os socorra. Então, o homem de Deus, pegando do véu que cobria a imagem da Virgem Santa, companheira e protetora das suas missões, sobe à coberta, e abençoa o navio. Neste momento, a embarcação, safando-se por si própria, deriva à corrente, e como se a propulsasse mão invisível, entra

barra dentro, com aplausos e aclamações da multidão, testemunha do manifesto milagre.

Divulgou-se por toda Lisboa o prodígio operado pelo apóstolo do Brasil, à sua chegada a Portugal. El-rei D. João V enviou-lhe um dos seus batéis para o trazer a terra, e conduzir até ao seu palácio. À vista do venerável servo de Deus, o rei, apesar de uma dolorosa paralisia, que lhe tolhia quasi o uso dos membros, ajoelha e pede-lhe a bênção. O humilde religioso, em tal conjuntura, desfez-se em lágrimas. Confundido ao ver a seus pés tão poderoso monarca, debalde procura retrain-se; o rei pega-lhe da mão e a leva ao rosto. Com a voz cortada de soluços, Malagrida pronuncia então a oração da Igreja: *Respice quæsumus, Domine, super hunc famulum tuum Regem*; Senhor, nós te pedimos que olheis para o rei vosso servo.

— Não, meu padre — exclamou o monarca interrompendo-o — não digais *rei*; dizei *pecador*.

Palavras dignas do príncipe fidelíssimo, que nos recordam as belas respostas do glorioso S. Luís!

Animado por tão agraciada recepção, expôs Malagrida ao rei os motivos que o trouxeram à Europa. Disse que viera subpor à proteção de sua majestade os conventos e seminários que fundara na América, e que ficavam sujeitos às agressões de numerosos adversários; implorava para tais fundações o socorro de suas liberalidades; e pedia ao mesmo tempo autorização para fundar outros estabelecimentos de tal género, tão salutares às almas. O rei agradeceu a Malagrida o zelo empregado em trabalhos úteis aos seus vassallos, e prometeu-lhe protegê-lo, a ele e as suas obras. Antes de o despedir, perguntou-lhe se trouxera consigo aquela imagem da Virgem Santa, mediante a qual operava tão grandes prodígios; e respondendo-lhe Malagrida que a imagem estava ainda no navio, ordenou el-rei que se fosse buscar com grande pompa, para a casa dos jesuítas.

Passados dois dias, uma flotilha de botes, com os mastros empavesados de bandeiras e galhardetes, foi em demanda da venerada

imagem, e a conduziu até ao paço, onde a esperavam os alunos dos jesuítas, com imensa multidão de povo. Logo que a estátua desembarcou, começou a procissão a caminhar: à frente, em duas filas, iam os meninos do colégio cada um com sua bandeira; depois, seguiam-se os mestres de sobrepeliz; quatro destes levavam a imagem miraculosa sobre um magnífico andor; Malagrida ia após eles, descalço, com o crucifixo na mão, e seguido dos marinheiros, que, por sua intercessão, se salvaram do naufrágio; por fim fechava o cortejo a multidão compacta. O próprio rei assistiu a esta maviosa cerimónia, de uma janela do seu palácio. Quando a estátua foi posta no belo altar que se lhe preparou na igreja do colégio, Malagrida subiu ao púlpito, e dirigiu algumas frases calorosas, ditadas por seu coração de apóstolo, ao auditório. Desta arte inaugurou os seus sermões na capital de Portugal.

Poucas semanas bastaram para adquirir a estima e veneração de todos os habitantes. Um homem distinto, que havia muitos anos pedia a Deus a mercê de ver em sua vida um daqueles santos, cujas heroicas virtudes descrevem os anais da Igreja, depois de conversar com Malagrida, não pôde deixar de exclamar:

— Agora estou satisfeito, que vi um santo!

Penetrada de igual veneração pelo apóstolo, a piedosa rainha Maria Ana de Áustria quis fazer, dirigida por ele, a direção dos exercícios de Santo Inácio, com todas as damas do seu serviço. Porém, cresceu de ponto a sua fama com uma cura miraculosa, atribuída às orações do jesuíta.

D. António do Amaral Sarmiento, antigo governador das Índias Orientais, tinha uma filha chamada Rita, que uma longa doença pusera às portas da morte. Já a medicina a tinha desamparado. No auge do desespero, a mãe de Rita corre à casa do *santo* e roga-lhe que alcance do Senhor a cura da sua amada filha. Malagrida vai ao leito da jovem enferma, pede um pouco de pão, e diz-lhe:

— Tome, minha filha, este pão e coma-o; depois levante-se e venha ao colégio agradecer a S. Francisco Xavier que a vai curar.

A menina pegou do pão, comeu, e, caso maravilhoso! sentiu renascer-lhe a vida em todos os membros já atrofiados. Nesse mesmo dia foi ao colégio a pé, agradecer a S. Francisco Xavier, consoante Malagrida lhe recomendara, a mercê de sua cura.

O modesto religioso, quando interpôs S. Francisco Xavier neste milagre, quis esquivar-se à fama de taumaturgo, mas ninguém deixou de lhe atribuir aquela milagrosa cura.

Multiplicava-se, digamo-lo assim, no serviço das almas, revigorizando a devoção nas comunidades religiosas, fazendo, em todas as igrejas da cidade, exercícios de Santo Inácio, confessando, pregando, catequizando, e por toda a parte enceleirando ótimos frutos de penitência. Não podia propriamente esconder de si estes sucessos; mas tão humilde era que tudo imputava à proteção da Santa Virgem. «O demorar-me em Lisboa», escrevia ele, «parece convir a Nossa Senhora do Maranhão; porque não sou eu (e com efeito eu que sou?) mas sim esta Augusta protetora dos meus trabalhos, que merece todas as considerações com que aqui me honram.» Maior consolação ainda aguardava o santo apóstolo.

Por esse tempo, el-rei D. João V, no aperto de cruéis sofrimentos, tentou cobrar forças nos socorros da religião, e resolveu recolher-se espiritualmente sob a direção de Malagrida. O augusto penitente começou por transformar o seu paço em verdadeira solidão: todo absorto em Deus, depôs as insígnias da realeza aos pés da devota imagem de Nossa Senhora das Missões, que mandou colocar no seu oratório, e revestir de preciosos estofos recamados de ouro e pedras; depois, entregou-se todo à direção do seu guia espiritual. O ministro de Deus não se acanhou de expor ao monarca as grandes verdades da salvação com a máxima energia; e o rei ouvia as austeras lições com admirável docilidade. Um dia, abalado no imo d'alma por aquela palavra penetrativa, exclamou:

— Diga, meu padre, diga o que devo fazer para aquietar plenamente a minha consciência.

Em meio destas felizes disposições feriu a morte aquele bom príncipe, no dia 31 de julho de 1750, no mesmo dia em que a Igreja celebra a festa de Santo Inácio, cujos salutares exercícios tão dignamente o aperceberam para comparecer no tribunal divino.

Foi Malagrida quem recebeu o último suspiro do príncipe agonizante!

— Ditoso, — exclamou o papa Bento XIV, em pleno consistório (23 de setembro de 1750)<sup>118</sup> quando anunciou aos cardeais a morte do rei de Portugal. — Feliz aquele nosso fidelíssimo filho, que teve Malagrida por diretor, e que em seus braços expirou!

A história, falando de D. João V, compraz-se em recordar a sabedoria do seu governo, a proteção esclarecida que deu às letras, às ciências e artes, e sobretudo o zelo verdadeiramente admirável que exercitou na dilatação progressiva das fronteiras do império cristão! Sucedeu-lhe seu filho, José I; mas este jovem príncipe, inerte demais para poder reinar por si, caiu sob a tutela do celeberrimo marquês de Pombal, cujo ódio devia ser tão funesto a Malagrida.

Antes de expirar, D. João V concedera ao santo varão tudo o que ele requerera para as suas fundações americanas. Além de lhe conceder inteiro poder na edificação de conventos e seminários, onde quer que os julgasse proveitosos à salvação dos fiéis, entregou-lhe o rei uma valiosa quantia para custear as primeiras despesas de suas fundações, e consignou, a cada uma das casas que estabelecesse, uma renda de oitocentos cruzados do seu bolsinho particular.

Opulentado pela liberalidade do piedoso monarca, deu-se pressa o apóstolo em despender aquelas munificências no proveito das suas queridas cristandades do Brasil. Dispôs-se pois a partir. Quando se despediu da rainha mãe, esta princesa, afligida com a perda de diretor tão douto e prudente, exprimiu-lhe o desejo de que ficasse em Portugal, para assistir à morte dela também, que não podia estar longe. Malagrida, com firmíssima voz, que não podia deixar dúvida, afirmou à rainha, que tornaria a tempo para consolá-la em sua última doença.

— Consinto em vossa partida, com essa condição; e não me olvideis em vossas orações — disse a rainha.

A ponto de transpor pela terceira vez o vasto oceano, lembrou-se o apóstolo da pátria, e dos irmãos que ali deixara.

Moveu-lhe o coração esta saudade, e pegando da pena lhes dirigiu, em 25 de julho de 1751, este afetuoso adeus, do qual escrupulosamente conservamos o texto:<sup>119</sup>

«O padre Gabriel Malagrida — depois de 29 anos vividos na felicidade e alegria de sua alma, ao través de variadíssimos trabalhos, entre povos do Brasil, portugueses e bárbaros, no cumprimento de seu ministério apostólico e serviço do seu tão bom Mestre — achando-se neste momento, sem saber como, nesta cidade e corte de Lisboa, à conta de gravíssimos interesses daquele Soberano Senhor, isto é, para fazer autorizar pelo rei de Portugal diferentes fundações de conventos, casas de retiro e seminários, antes de voltar segunda vez às costas de Itália, e repassar o oceano, aproveita esta ocasião para enviar a sua mais viva saudade, e os seus mais ternos abraços a todos os padres que conheceu, especialmente aos PP. Cadolini, Cazati, Andiberti, Brusati, Altogradi, Inurea, Brizio, Carolino; e do mais íntimo da sua alma lhes pede que recomendem, *se et sua omnia* ao adorável Salvador Jesus e a sua Mãe Santíssima, esperança e protetora das suas missões.

«*Illa invenit tantam gratiam in oculis Regis et Principum*, ela foi agraciada nos olhos dos reis e dos príncipes; pelo que todos os socorros e favores consegui<sup>120</sup>, e afora isso, copiosas esmolas para fundação de seminários me há prometido a grandiosa munificência do rei. Verdade é que os conselheiros não estão todos por igual *bene affecti in causam*, bem dispostos nesta empresa; por quanto dispender muito lhes custa sempre muito. Aquele digno e caro padre Carboni recebera ordem de sua majestade para procurar o efeito

de sua piedosa liberalidade; mas a perda, tão prematura e chorada por todo o reino, daquela grande coluna da nossa companhia, veio agorentar estas formosas esperanças.

«Dai-me a vossa santa bênção, e adeus até ao paraíso.

«O mais indigno servo de todos no Senhor

*Gabriel Malagrida*

«Colégio de Santo Antão, Lisboa, 25 de julho de 1751.

«PS. Eu quisera escrever a cada um em particular; não o faço porque estou ocupadíssimo em fazer os exercícios às senhoras desta corte, e também porque, depois de dois longos anos, não sei quem é vivo, nem quem é morto.»\*

Não é tão sensibilizador ver aquele venerando missionário, encanecido na tarefa de vinte e nove anos de apostolado, pedir humildemente a bênção de seus irmãos, repetir com aprazimento seus nomes, que tão longa ausência lhe não deliu da memória, e dulcificar os pesares do apartamento com o pensamento do paraíso, para onde lhes marca a todos o supremo encontro? É doce achar tamanha ternura no coração de homens heroicos, que por amor de Deus sacrificam o que mais caro lhe é na vida, mas com a meiga esperança de tornar a ver em melhor pátria todos aqueles de que se apartaram.

---

\* Christoph von Murr, *Diario zur Kunstgeschichte* <sup>121</sup>, T. X, p. 195.

Última visita de Malagrida à América  
(1751-1754)

Malagrida queria transportar-se em um navio mercantil em que se achavam já quatro missionários da Companhia; mas a rainha, em prova de muito afeto, fê-lo embarcar a bordo da nau do estado que devia conduzir à América o novo governador do Brasil, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho. Desta arte, por disposição secreta da Providência, se encontraram na mesma embarcação o maior esteio das missões americanas, e o mais implacável inimigo delas.

La largar-se o pano quando um enviado do rei foi a toda pressa levar a Malagrida uma carta autógrafa de D. José I, em que este príncipe o nomeava no honroso cargo de conselheiro real nas possessões de além-mar. Deste modo, o sucessor de D. João V quis, antes da partida do apóstolo, dar-lhe o final testemunho de sua estima e afeição.

Durante a viagem, Malagrida não descurou ensejo algum de lembrar à equipagem os deveres da vida cristã. Um dia, em conversação de que ele era parte, algum dos oficiais ousou dizer que a religião católica era estorvo ao progresso temporal dos estados, e como exemplo citou Inglaterra, que se tornara, depois do cisma de Henrique VIII, a primeira entre as nações. O virtuoso jesuíta não deixou passar semelhante proposição<sup>122</sup>, e o oficial, confundido, foi forçado a dizer que não tinha falado seriamente.

Abicaram em S. Luís aos 26 de julho de 1751. Agradecendo à Virgem Santa a proteção de tão próspera viagem, o governador Mendonça (que ainda não tinha desafivelado a máscara) e mais três grandes dignitários do estado, quiseram pessoalmente conduzir ao colégio dos jesuítas a milagrosa imagem de Nossa Senhora das Missões, que Malagrida não deixara em Lisboa.

Concorreu muita gente àquele brilhante préstito, e com festivas aclamações, misturadas ao ribombo da artilheria, assim saudavam a boa vinda do novo governador, e do santo apóstolo.

Mas, ninguém foi mais alegre daquela vinda que os padres do colégio. A volta de Malagrida foi-lhes gratíssima surpresa, porque eles não esperavam mais vê-lo. Os seus antigos discípulos não sabiam como testemunhar-lhe seu contentamento. Perguntou-lhe um deles como pudera tão cedo voltar às plagas americanas, e ele, sorrindo, respondeu com o verso de Virgílio:

*Matre Dea monstrante viam...*

Mal repousado ainda das fadigas da viagem, começou o apóstolo ativamente a realizar enfim os projetos que tanto o preocupavam. Queria principiar com a fundação de um seminário a S. Luís; porém o bispo D. Francisco de S. Tiago, alegando que, segundo o Concílio de Trento, a ele só competia fundar tal estabelecimento, recusou-lhe a licença.

Malagrida, por essa ocasião, não insistiu, e aplicou-se exclusivamente a pregar.

A festividade da gloriosa assunção da Rainha dos Céus devia celebrar-se por aqueles dias. O santo missionário, predispondo o povo para aquela solenidade, reuniu-o três dias a fio na igreja do colégio, onde pregou. No propósito de lhe falar tanto aos olhos como à inteligência, colocou a imagem de Nossa Senhora das Missões, revestida com os magníficos enfeites que lhe deram os príncipes de Portugal, sobre um leito de flores, em meio de lírios e rosas.

Este insólito espetáculo atraiu muitíssima gente e deu de si feliz influência. No dia da festa, foi o bispo quem fez pontifical no altar, e presidiu à grande procissão em que a imagem milagrosa foi levada pela cidade.

Feita esta salutar missão, Malagrida tornou ao Pará, e achou aí o seminário, que anos antes fundara, em florentíssimo estado. Confiava poder enfim edificar a casa de asilo em que tanto pensara; mas mal conhecia ele a malícia de seus inimigos. A fim de indispor contra o homem de Deus os paraenses, alguns caluniadores propalaram falsas atoardas à conta dele, dizendo: «Que ele fora a Portugal para advogar a causa dos escravos; que, abusando de sua influência sobre o rei, lhe extorquira ordens secretas, emancipando todos os escravos.»

Os portugueses, temerosos de se verem esbulhados dos seus haveres, perdendo os escravos, facilmente acreditaram aqueles boatos mentirosos, e a Malagrida força lhe foi sair da cidade a toda a pressa para não ser vítima do ódio.

Voltou pois a S. Luís pelo mar. Já tinha entrado no estreito canal que conduz ao porto, quando de súbito uma ventania furiosa impola as vagas; a barca, arfando sobre o abismo, está a pique de ser engolida pela voragem. Na maior angústia do perigo, os remadores ajoelharam aos pés de Malagrida, que rezava serenamente.

— Salvai-nos! — exclamavam eles.

Mantendo todo o seu sossego, ergueu-se o apóstolo, fez o sinal da cruz, e no mesmo instante caíram os ventos, serenaram as ondas, e a barca pojou felizmente no porto.

Imediatamente o incansável obreiro do evangelho se entregou aos seus trabalhos comuns. Pregou as grandes verdades da fé; mas tais verdades não penetram a seu talante nas inteligências brancas.

Que fez ele para as tornar mais sensíveis? À imitação do padre Anchieta, compôs dramas religiosos onde pôs em cena os principais personagens do evangelho: o nascimento do Salvador, a Paixão, o juízo final, foram representados aos olhos do povo, movido até ao

pranto por aquele espetáculo novo. Muita gente, saindo daquele teatro, entrava em sua casa mais comovida e melhormente convertida, do que tinha sido nos mais eloquentes sermões.

Não se esquecia, no entanto, Malagrida da sua obra principal. Pois que não pôde obter o seminário, quis ao menos estabelecer um asilo igual ao da Baía.

Não o contradisse de modo algum o bispo de S. Luís; e portanto, a primeira pedra foi lançada com grandes festas.

Eram 9 de julho de 1752. Todos os habitantes da cidade, com o bispo e governador à frente, assistiram à pia cerimónia.

Malagrida tivera o cuidado de fazer elevar, à beira do fosso cavado para os alicerces, um tablado ricamente ornamentado, em que foi exposta a imagem de Nossa Senhora das Missões. E, orando entusiasticamente, excitou o ardor do povo, por maneira que desde logo os trabalhos se adiantaram aceleradamente.

Nunca visto espetáculo! Os mais grados personagens da terra se dirigiam, diariamente, conduzidos por Malagrida, para os alpendres da construção, e aí se misturavam aos alvenéis e pedreiros, para adiantar a obra. Uns carregavam pedra, outros rodavam padiolas carregadas de terra, outros amassavam o cimento; mas não podia contemplar-se friamente aquele bom velho de sessenta e três anos, encanecido na milícia do apostolado, curvando os ombros extenuados debaixo de enormes pesos, ofegante e coberto de suor, socorrendo os demais, e aliviá-los de suas cargas, e depois dar-lhes o agradecimento em nome de Deus, e abençoá-los com efusão! Ditosos os povos que viram tais exemplos.

O convento, principiado no mês de julho, concluiu-se no fim de agosto. Quinze meninas requereram entrar ali no serviço de Deus. Foi uma comovente festa a das virgens consagradas ao Senhor, trocando as vãs frivolidades do mundo pelo hábito de burel. Toda a cidade assistiu a esta cerimónia. As mais qualificadas senhoras se nobilitaram acompanhando as servas de Cristo até à sua nova vivenda. À frente ia Malagrida empunhando o crucifixo. Foram

parte no cortejo todos os religiosos da cidade, e os soldados em forma contribuíram com a sua assistência, a dar realce ao esplendor da festa.

Já Malagrida premeditava outra fundação. Entre os meios de que usava para conquistar almas a Deus, o mais poderoso, a seu ver, eram os exercícios de Santo Inácio. Dizia ele que os seus raios invencíveis, o seu gládio, eram os exercícios.

— Quando eu floreio esta espada — acrescentava ele com santa ênfase —, e vibro estes raios, todo o inferno freme e treme.

E para poder mais comodamente fazer os exercícios, mandou edificar uma casa de retiro a meia légua do Maranhão, em local arborizado e fresco das brisas agradáveis do mar. Este ermo encantador era uma como Tebaida, e não havia ver sem comoção, o fervor dos penitentes que ali iam chorar suas culpas, e trabalhar na reforma de sua vida, dirigidos pelo virtuoso missionário.

O biógrafo latino de Malagrida descreve pelo miúdo o método que ele seguia em seus santos exercícios. «Na véspera do retiro», diz ele, «reunia o apóstolo todos os que desejavam ter parte nesses exercícios salutares, e lhes recomendava que se abstivessem, durante esse tempo solene, de qualquer negócio capaz de os distrair.

«Na manhã do dia seguinte, depois de uma leitura de piedade, proferia em voz alta a meditação, na qual dava livre curso aos sentimentos devotos que exuberavam de sua alma. Ao terminar da oração, pegava do crucifixo, e com penetrante voz pintava, de um lado o amor de Jesus Cristo aos pecadores, e do outro a ingratidão do pecador para com Deus morto na cruz por seu amor: estas palavras tiravam lágrimas dos corações mais de pedra.

«Após a meditação, subia ao altar a celebrar os santos mistérios; depois, fazia uma sólida instrução sobre qualquer ponto de moral, insistindo particularmente na preparação que era mister fazer-se para a receção dos sacramentos. O meio eficaz que sugeria para extirpar da alma os mais inveterados vícios, era o exame de consciência, para o qual traçava métodos assim fáceis quanto seguros.

«Duas outras meditações santificavam ainda aqueles dias tão santamente preenchidos; e ao cair da noite, todos os exercícios terminavam pela reza do Rosário em comum. Sentindo-se obrigados a expiar suas culpas, os penitentes recorriam logo a rigorosas flagelações; de dia, cintavam-se com ásperos cilícios, e de noite, antes de adormecerem, açoitavam-se até fazer gotejar o sangue. Depurados pela penitência, chegavam com fervor à Mesa Sagrada, e assim consolados e fortalecidos, reentravam corajosos por entre as provações e combates da vida.»

Acabada a casa do retiro, faltava o seminário.

Malagrida esperara pacientemente até então. A morte do bispo que lhe impugnara o projeto, removeu todas as dificuldades.

Em 8 de setembro de 1753, teve o varão de Deus o prazer de introduzir em um novo estabelecimento muitos alunos destinados a serem o esteio e ornamento das igrejas do Maranhão.

Uma carta da rainha Maria Ana de Áustria, arrancou Malagrida àquelas ocupações tão queridas do seu coração de apóstolo. De seu próprio punho, lhe escreveu a mãe de D. José I para que voltasse a Portugal. Dizia ela que via com pavor avizinhar-se o momento da morte, e havia mister dos conselhos e orações de um homem tão versado na ciência dos santos. Não ousou Malagrida recusar-se ao pedido da rainha, lembrando-se da promessa feita, antes de sair de Lisboa. Dispôs-se pois a atravessar o oceano pela quarta vez.

E, deixando para sempre a plaga remota que regara com seu suor e até com o sangue, aí deixava o apóstolo monumentos do seu zelo, que só puderam ser destruídos pelo ódio dos inimigos da Igreja, e da Companhia de Jesus.

Uma casa de retiro em S. Luís, três seminários, quatro conventos de mulheres, muitos asilos, oito igrejas restauradas: tais são os estabelecimentos com que dotara o Brasil, e para tantas fundações, empecidas por mil estorvos, as mais das vezes não tinha ele recursos senão a sua inabalável confiança no auxílio da Providência divina.

Que há pois que admirar na veneração dos povos por aquele santo apóstolo? Por toda a parte, tanto na América como na Europa,

ressoava em honra dele um concerto unânime de louvores, decerto beneméritos, e bastantes a soterrar a impostura e os embustes que tentaram denegrir vida tão pura e santa.

Os padres capuchinhos da cidade da Baía escreviam deste teor ao Geral da sua ordem em Roma: «Vão bem os nossos negócios, mercê dos muitos milagres do padre jesuíta Gabriel Malagrida. É um santo poderoso em obras e palavras: é o Xavier do nosso tempo.

«Bem que a corte de Lisboa, o reino de Portugal, e todas as suas colónias formem sublime conceito deste ardente apóstolo, fique vossa Paternidade certo que esta reputação está longe de corresponder ao seu imenso mérito, e à sua heroica virtude. Temos sido e somos, testemunhas oculares. Cada dia temos que admirar-lhe a austeridade da vida, o zelo ardente, e o espírito de oração; cada dia lhe descobrimos novas virtudes e favores que o céu concede somente aos seus maiores servos. Quando for preciso para a glória de Deus e honra da douta Companhia a que ele pertence, prontos estamos a confirmar com juramentos tudo o que deixamos dito.»

Não menos glorioso era o juízo que formava do santo apóstolo o primeiro superior da Companhia:

— Eu não creio — dizia Francisco Retz — que a sociedade toda hoje possua missionário comparável ao padre Malagrida!

Elogio assaz significativo para que recordemos aquela falange de heróis, cuja voz então repercutia nas quatro extremidades do mundo. — Nas plagas da China e do Japão, nas do Paraguai e do Canadá, nos torrados desertos de África e nos gelos do Setentrião.



**Volta Malagrida a Lisboa**  
(1754-1756)

Com viagem mais feliz que a passada, saiu do Maranhão o padre Malagrida no princípio de janeiro de 1754, e entrou no porto de Lisboa no princípio de fevereiro. No mesmo dia do desembarque, foi apresentar-se à rainha, a quem falou assim:

— Senhora, fiel à promessa que fiz a vossa majestade, há três anos, antes de sair para a América, venho consagrar ao serviço de vossa majestade o restante dos meus dias.

Desde logo começou entre a piedosa princesa e o exemplaríssimo missionário afetuosa convivência quasi quotidiana. Era dulcíssimo gozo para a rainha confiar suas mágoas a um homem que se lhe figurava tão favorecido das graças celestiais.

Porém, tão grande influência na corte, por força, devia granjear a Malagrida o ódio do ministro de estado, o ambicioso Sebastião José de Carvalho. De feito, por esse tempo, estalou entre esses dois homens terrível antagonismo: — luta, sem dúvida, muito desigual, na qual, um pelejava com a onnipotência que lhe dava o primeiro cargo do reino; enquanto o outro, velho, alquebrado por austeridades e canseiras de trinta e três anos de apostolado, nas florestas americanas, combatia tão somente com as armas inflexíveis da virtude e da paciência. Fácil era prever, desde o começo, o resultado da luta.

Antes de entrar nos pormenores deste duelo, se não antes desta perseguição atroz à inocência — onde veremos em campo

tudo quanto a tirania dispôs extraordinariamente de brutalidade e crueza — cumpre dar ao leitor notícia daquele famoso estadista, por tantas maneiras preconizado pelos turibulários da civilização moderna.

Sebastião José de Carvalho, marquês de Pombal depois, havia sido, como estreia da sua carreira política, embaixador de Portugal nas cortes de Londres e Viena. Nesta segunda cidade desposou em segundas núpcias uma senhora da ilustre casa de Daun. Repartriado a Lisboa, habilitou-se a ocupar o lugar vago de secretário de estado; mas el-rei D. João V, que o conhecia de fundamento, jamais consentiu em confiar-lhe o ministério. Implorou Carvalho e Melo a proteção da rainha, a qual encarregou o jesuíta João Batista Carbone de instar com el-rei, que o ouvia com muita atenção; mas não logrou melhor êxito este meio. Cada vez que lhe falavam em Sebastião José de Carvalho, o soberano respondia:

— Conheço cabalmente o espírito turbulento, hipócrita e audacioso de Carvalho; descende de uma família vingativa, cruel, e furiosa.

Só depois da morte de D. João V atingiu Sebastião de Carvalho o galarim dos seus desejos. O jovem monarca José I, em prova de respeito à mãe, confiou logo ao seu protegido as funções de secretário de estado. O primeiro ato do novo ministro foi incutir-se na estima do jesuíta José Moreira, confessor do rei e da rainha sua esposa, a fim de captar, mediante o jesuíta, o valimento do soberano. O padre deixou-se embair pelo secretário de estado, e assim se fez causa involuntária do predomínio despótico que o ávido ministro exerceu sobre o fraco ânimo de José I.

Tal era a posição que o ministro ganhara à força de intrigas, quando chegou à corte o antigo apóstolo do Brasil, chamado pela rainha. Viu o ministro com olhos invejosos a progressiva influência do jesuíta, e já fomentava no secreto do coração os meios de preparar-lhe a queda, quando um incidente, pouco valioso de si, lhe esbraseou no peito ódio implacável a Malagrida — ódio que o sangue do santo ancião devia apagar!...

Poucos dias eram passados depois que Malagrida chegara a Lisboa.\* Saía ele, uma manhã, de longa prática com a rainha, quando nas escadas do paço encontrou o ministro. Como o não conhecesse, passou avante. Ferido no seu orgulho, Sebastião José de Carvalho reteve-o, e perguntou-lhe se o não conhecia:

— Não tenho essa honra — respondeu simplesmente Malagrida.

— Oh! que mortal tão ditoso! — exclamou o valido — como! o padre vive na corte, e não conhece o secretário de estado!

A tais palavras, Malagrida, confuso de sua ignorância, lançou-se aos pés de Carvalho, desculpando-se que apenas acabava de entrar em Portugal, e lhe rogou humildosamente que lhe perdoasse a descortesia involuntária; depois, prosseguiu em tom respeitoso:

— Agora que tenho a honra de conhecer e falar a V. Ex.<sup>a</sup>, permita-me, senhor, que lhe faça um pedido; e é de retirar do Maranhão seu irmão, o sr. Mendonça; porque é tanto o ódio que seus processos administrativos lá lhe têm granjeado, que eu lhe futuro alguma desgraça, se ele se não evade depressa à vingança de seus inimigos.

— Hei de pensar nisso — respondeu secamente Carvalho. E voltou-lhe as costas.

Porém, desde aquele lance, irritado em dobro, já pela ignorância do missionário quanto à sua pessoa, já pela audácia com que lhe falou no irmão, o ministro jurou perder o atrevido jesuíta que ousou dar-lhe conselhos.

De mais disso, Malagrida teve, daí a pouco, revelação celestial do destino que se lhe dispunha. Pregando um dia na igreja de S. Julião, um dos ouvintes, repentinamente apoderado de espírito maligno, pegou de gritar com trejeitos de arremeter:

— Ainda aí estás, velho maldito! Ai de ti!

---

\* Christovão de Murr, *Descrição do cárcere da Junqueira*, pelo marquês de Alorna <sup>123</sup>.

Sem perturbar-se, impôs-lhe silêncio Malagrida, e o energúmeno não ousou balbuciar palavra. Porém, depois do sermão, o companheiro de Malagrida, o padre Manuel da Cruz, lhe exprimiu o seu espanto da serenidade com que ele ouvira os brados do possesso.

— Estou afeito a isto — respondeu Malagrida — não é esta a vez primeira que o demónio me faz semelhantes ameaças.

Pouco tempo depois, quando ele referia o caso ao infante D. Pedro, acrescentou que a despeito da repugnância que lhe fazia acreditar vozes de energúmenos, não duvidava que aquela voz era a do demónio que o ameaçava.

— Pois o padre teme o demónio? — perguntou-lhe o infante. — Sim, meu príncipe; temo-o — respondeu o santo homem — porque sei quanto poder Deus lhe concede.

Nesta correnteza de coisas, a rainha, conforme se lhe prefigurara, caiu gravemente enferma. Já todos os médicos a haviam condenado. Só Malagrida se não mostrava inquieto. O futuro justificou a sua serenidade, porque a rainha melhorou.

Retirou-se a soberana, para apressar a convalescença, à sua magnífica quinta de Belém, onde, longe do tumultuar da corte, podia respirar mais puro ar, ali perto da praia, vendo das janelas do palácio as frotas alvejarem no remoto horizonte. Julgava-se ela quasi restabelecida, quando, volvido um mês, a moléstia se manifestou com mais assustadores sintomas. Ainda em Lisboa se ignorava a notícia da súbita recaída, e já Malagrida o sabia de um modo extraordinário.

Estando ele a orar de madrugada, em sua cela, sentiu bater à porta, e cuidou ouvir a voz do padre Ferreira que lhe dizia:

— Depressa! vamos a Belém que a rainha está a morrer!

— Aí vou — respondeu Malagrida; e correu logo à cela do padre Ferreira, dizendo:

— Aqui estou, vamos lá.

— Onde quereis ir?! — perguntou-lhe o padre espantado

— Onde me dissestes que fosse convosco! Pois, quando eu estava rezando, não me fostes dizer que vos acompanhasse a Belém, que a rainha estava nas últimas?!

Cada vez mais alheado, o padre Ferreira não dava tino do que devia pensar; contudo, puseram-se ambos a caminho; e, apenas chegados a Belém, souberam que em verdade a rainha estava a expirar. Malagrida pôde entrar aos reais aposentos; e, beijando respeitosamente as mãos, já glaciais, da rainha, exortou-a sem rodeios a pensar na eternidade. Os áulicos levaram a mal a santa ousadia do jesuíta, e aconchavaram-se entre si para o não deixarem chegar outra vez ao leito da rainha moribunda.

Profunda fora a aflição de Malagrida por essa recusa; e tal que — para evadir-se à cólera dos inimigos — resolveu retirar-se para Setúbal, longe da corte. Ia pôr-se a caminho, quando o padre Inácio de Carvalho lhe disse que a rainha estava livre de perigo. Malagrida respondeu-lhe:

— Eu vou para Setúbal; cá ficais para ver em breve os tristes funerais.

Alguns dias depois, ao reverso da expectativa, a rainha expirou, aos 14 de agosto de 1754.

No mesmo instante em que expediu a alma, pregava Malagrida em Setúbal, na igreja paroquial de Santa Maria. De súbito, desfeito em lágrimas, exclamou:

— A nossa rainha, a nossa mãe comum, acaba de entregar o espírito a Deus!

Estas palavras causaram tanto maior abalo, quanto na manhã de aquele mesmo dia, notícias da corte se espalharam as mais agradáveis a respeito da saúde da soberana.

A morte daquela piedosa princesa, \*\* foi perda irreparável para a Companhia de Jesus: com ela se aluiu o derradeiro esteio contra os ataques de Sebastião de Carvalho.

Ninguém a chorou tanto como Malagrida. Como derradeira prova de estima, lhe legara a rainha em seu testamento 40 000 cruzados

---

\*\* Ritter, *Vita d. D. Mariannæ de Austria*, cap. v et xviii <sup>124</sup>.

para a fundação de um mosteiro de freiras em Setúbal. Se este legado foi entregue a Malagrida não o diz a história; mas tudo nos persuade a crer que o primeiro ministro se não açonaria em entregar ao seu inimigo a quantia que lhe destinara a munificência da rainha.

Na sua nova residência de Setúbal, o velho apóstolo do Brasil pregava sem descanso, fazendo públicos exercícios de Santo Inácio, e acareando<sup>125</sup> o povo com as maravilhas que visivelmente operava. Um dia, o conde de S. Lourenço, primeiro camarista do infante D. Pedro, apareceu lagrimoso em casa do missionário, recomendando às suas orações o seu primogénito, esperança de sua casa e consolação de sua velhice. Estava em perigo de morte.

— Tenha ânimo — respondeu-lhe o padre — seu filho não morrerá ainda.

E de feito, contra o que se esperava, o menino recobrou saúde; e seu pai, exultando, atribuiu esta cura às orações de Malagrida.

Tanta era a veneração que o santo homem inspirava, que o povo se apinhava em volta dele nas ruas, e empregava respeitosa violência para lhe beijar as mãos e a orla da loba. Era de mais para o inimigo de todo bem, que bafejou seu ódio ao coração de um padre indigno que insidiosamente expôs Malagrida em negócio bastante intrincado. Chamado à presença do patriarca de Lisboa, foi o apóstolo obrigado a ir justificar-se na capital. Fácil lhe foi desmascarar a calúnia; e o prelado, testemunhando-lhe sua confiança, encarregou-o de ir afervorar a prédica em muitos mosteiros da sua jurisdição.

Por esse tempo fizeram os moços religiosos colegiais de Santo Antão, a solene cerimónia da renovação de seus votos. O reitor do colégio pediu a Malagrida que, naquela ocasião, proferisse algumas palavras para alumiar nos seus juvenis irmãos o zelo e o amor à perfeição. Aceitou de boa mente o velho missionário e adotou para texto de sua exortação as palavras de S. João: «Amou Deus por tal maneira o mundo que lhe deu seu filho único.» Ditas as primeiras palavras, vencido do ardor que o incendeia, não podendo abafá-lo,

ergue-se, e começa a percorrer a desmesurados passos o santuário, repetindo por entre lágrimas e gemidos:

— *Sic dilexit mundum* — culpando-se a si mesmo de tífico e ingrato com tão bom Senhor.

Voltando a si e corrido de santa confusão, por haver revelado o que passava em sua alma, assentou-se para continuar a exortação, mas as lágrimas sufocavam-o, e não pôde prosseguir. Que importava? Já não se faziam mister palavras. Todo o auditório chorava, e não se ouvia senão o gemer e suspirar.

Nova ocasião de realçar seu zelo na salvação das almas se ofereceu ao santo homem. Entre várias providências adotadas por Sebastião de Carvalho — dizia ele — para regenerar o país, mandava construir um teatro, onde todas as noites impudicos atores e atrizes davam ao público torpes preleções de desmoralização e impiedade. Afligia-se Malagrida com a parte que ardia nas almas assoprada por essas detestáveis representações. Ouvindo tão somente o seu zelo, quando tinha 65 anos, renovara suas lides literárias para aniquilar as comédias do tempo, compondo outras, em que intermeava com muito engenho, lições de virtude, disfarçadas sob figurações amáveis e recreativas. Um daqueles dramas, intitulado *Santo Adriano*, é dedicado ao sereníssimo infante D. António; o outro, intitulado *A Fidelidade de Leontina*, ofereceu-o Malagrida à rainha Maria Ana Vitória. Desta arte redundava em aproveitamento das almas o mais válido meio de que lança mão o espírito do mal por induzi-las à sua ruína.

As armas, porém, que lhe deram os mais estrénuos triunfos sobre o inferno, foram os exercícios de Santo Inácio. Depois que se estabeleceu em Lisboa, applicava-se todo no modo de fundar nesta cidade uma casa de retiro onde pudesse repousadamente fazer os santos exercícios.

— Unamos nossas orações — repetia ele aos seus confrades — para que violentemos o céu até lhe arrancarmos esta mercê.

Propriamente ele não cessava de pedir ao rei, à rainha e aos irmãos do rei que lho concedessem; mas todas as suas diligências eram atravessadas pelo pérfido Carvalho, que se temia de ver as suas criaturas repostas no trilho do dever pelo santo missionário.

A morte da rainha parecia ser o corte final em seus intentos; pelo que certo padre lhe perguntou que esperança tinha de lograr bom êxito de sua empresa.

— Pois bem!<sup>126</sup> — respondeu ele com sossegado aspeto — Deus me dará outro protetor.

E, dias depois, disse ao mesmo padre:

— Vede! já tenho quem se ofereça a substituir a rainha: é o sereníssimo infante D. Pedro.

E, em verdade, aquele príncipe, que muito queria à Companhia, ofereceu a Malagrida fundar uma casa de retiro nas suas próprias terras; desgraçadamente, como queria construir edifício espaçoso e cómodo, foi mister tempo em organizar o risco. Esta demora deu mate ao intento. O rei, amartelado em segredo pelo ímpio conselheiro, retirou o consentimento que dera. O máximo de suas concessões cifrou em alugar-se casa onde se fizesse um ensaio dos exercícios.

Malagrida deu-se logo à procura de casa; e, após muitas pesquisas, achou enfim local apropriado nos arrabaldes de Lisboa. Em poucos dias se dispôs tudo para a recepção dos exercitantes, mas ao chegar o dia prefixo para a inauguração dos exercícios, apenas se encontrou uma ou duas pessoas que os seguissem. Obrigado se viu, pois, Malagrida a desistir, desta feita, do seu projeto. Voltando ao colégio, um padre muito da sua intimidade lhe disse para o consolar do desastre:

— Isto vai mal... alugou o padre uma casa para fazer a tentativa dos exercícios, e logo aos primeiros, ninguém anuiu ao seu convite. Toda a gente vai agora dizer que a sua obra não pega em Lisboa.

Com sereno rosto lhe respondeu Malagrida:

— O padre sabe a preceito que santo Agostinho diz que a Providência de Deus, relativamente a nós, é um mistério de luz, e de trevas. E, em verdade, acontecimentos há na vida, que são como as cenas das peças teatrais: umas vezes cenas festivas, outras vezes cenas lúgubres. Os exercícios cedo se hão de fazer em Lisboa, e então veremos grande concurso de gente a recebê-los.

## Terremoto de Lisboa em o 1.º de novembro de 1755

No dia um de novembro de 1755, estalou o terrível tremor de terra que encheu de consternação todo Portugal, e reduziu uma das mais florescentes cidades da Europa em um acervo de ruínas. Dias antes desta pavorosa catástrofe, passava o santo missionário em uma das mais concorridas praças de Lisboa, e vendo os mercados a remexerem-se na costumada freima, suspirou e disse a meia voz, de modo que o companheiro o ouviu:

— Ah! quantas fadigas por tudo isso que tão breve se vai extinguir!

Teria ele antecipado conhecimento do castigo reservado àquela cidade criminosa? A circunstância seguinte parece remover dúvidas a tal respeito: costumava ele dizer missa, bastante tarde: mas, no dia do sinistro, disse-a muito cedo, e logo depois da ação de graças, foi procurar o padre Francisco de Portugal, que por doente se levantava mais tarde que a comunidade. Ia no propósito de o fazer sair da cama; porém achando-o já vestido, saiu sem nada dizer, e foi ao refeitório tomar um frugal almoço (o que já não fazia desde muito tempo).

O irmão encarregado do serviço admirou-se de o ver, e perguntou-lhe porque vinha almoçar tão cedo, contra o seu costume.

— É que me faltava o tempo para vir mais tarde — respondeu Malagrida. E passou logo à capela, fechou-se no confessionário, rodeado como sempre de muitos penitentes.

Estava ele aí, havia duas ou três horas, quando subitamente começou a terra a tremer com um surdo rugido; seguiram-se os abalos uns aos outros; daí a pouco as paredes da igreja desmoronam-se com estrondo e ao mesmo tempo as pedras, desatadas da abóbada, esmagam os fiéis reunidos na capela. Rompem de toda a parte gemidos e gritos lamentosos. A este doloroso espetáculo, Malagrida ergue os<sup>127</sup> olhos cheios de lágrimas para o céu, e exclama como David outrora: «*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum*»; o meu coração está pronto, Senhor, o meu coração está pronto.

Depois, com o crucifixo na mão, sem nada recear por si, entra no meio das ruínas a socorrer os feridos, sepultados entre pedras, e preparar os moribundos para o tribunal de Jesus.

O povo, quando viu o venerado apóstolo, cerca-o, e leva-o pelas ruas até à grande praça onde estava reunido número grande de feridos agonizantes. Malagrida esteve com eles o restante deste dia e o seguinte, sem tomar o mais parco alimento. Ao anoitecer do dia imediato, levou-o o povo em procissão expiatória, depois da qual proferiu um fulminante sermão, chamando os pecadores à penitência. Enquanto ele falava, um dos seus ouvintes soltou contra Deus uma horrível blasfêmia; o padre, que a ouvira, caiu desmaiado, e assim foi transportado a uma casa vizinha, onde esteve dois dias sem acordo. O autor desta blasfêmia, segundo o próprio Malagrida revelou, era aquele mesmo demónio que já em Setúbal o ameaçara pela boca de um possesso.

Recuperado deste longo delíquio, o inexaurível obreiro de Deus dedicou-se ao alívio das vítimas do fogo.

Tranquilizando o povo, que, em seu terror, julgava ser chegado o fim do mundo, repetia sempre que Deus não quer a perda do pecador, mas que se converta e salve<sup>128</sup>. Tinha sempre nos lábios este texto das Escrituras: «*Ego cogito cogitationes pacis!*»<sup>129</sup> Isto não obstante, Sebastião de Carvalho censurou o *zelo indiscreto* de Malagrida. Mas por mais que ele dissesse, a dedicação do santo jesuíta chegou aos ouvidos do rei, que se lhe mostrou vivamente satisfeito.

Foi Malagrida chamado a Belém, onde residia a corte, e o monarca lhe agradeceu extremamente os cuidados prodigalizados ao seu povo, e antes de o despedir, recomendou-se com instância às suas orações.

No entanto, o flagelo destruidor aumentava cada vez mais terrível: violentos abalos, e quasi quotidianos, fendiam a terra. Para cúmulo de desgraça, o incêndio rompeu d'entre as ruínas, e a corrente do Tejo, engrossada pelas chuvas torrenciais, ameaçava engolir o que ainda permanecia da desgraçada cidade. Habitantes de toda a idade, sexo, e jerarchia, lívidos e trémulos, erravam nos campos, e buscavam abrigo nas cabanas de tabuado, erguidas na ocasião. Na consolação de tantos infortúnios, Malagrida multiplicava-se, trabalhando, esforçando-se até ao prodígio. Noite e dia, era visto entre as vítimas do flagelo, esmerando-se em lhes acudir e reanimar nos corações confiança e esperança no próximo alívio de suas penas.

Aproveitando as disposições em que as almas estavam, pregava a penitência ao povo. Em todos os seus sermões pregava audazmente que os flagelos que assolavam o reino eram castigo dos escândalos e desordens públicas.

— Quantas vezes, — exclamava ele com veemência — quantas vezes, antes da desgraça que nos feriu, não convidei eu os mercadores a pensarem nos interesses da sua alma! Desculpavam-se então, que não podiam deixar os seus balcões e armazéns. Ah! quisera eu agora perguntar-lhes aqui: que é feito dos vossos balcões e armazéns? Que é deles? Talvez, se fizésseis penitência, a cólera de Deus se reduzisse! Talvez lhe sustivésseis o braço prestes a ferir! Que a justiça Divina muitas vezes se deixa desarmar pelas lágrimas do arrependimento...

Estas e outras semelhantes palavras calavam profundamente nas almas dos pecadores.

Por divina proteção da Providência, a casa de retiro, fundada pelo apóstolo, não sofrera abalo: foi tal então o concurso de pessoas que aí seguiu os exercícios de Santo Inácio, que Malagrida, em transportes de júbilo santo, escreveu assim, a um dos seus

companheiros: «Finalmente, pela graça de Deus, em Lisboa como outrora em S. Luís do Maranhão, a concorrência dos exercitantes é tamanha que a casa destinada a recebê-los é pequeníssima! Viva Jesus! Viva Maria...»

Durante um ano inteiro, deu-se Malagrida sem férias àquele frutífero ministério; se o instavam a repousar-se, respondia:

— Não posso perder um instante do pouco tempo que me resta!

E, na verdade, daí a pouco, o zelo do velho missionário foi impedido pelas iníquas providências de Sebastião de Carvalho.

Alvorotado com o êxito de seu inimigo, o ministro ambicioso sofria impaciente os sermões que encerravam a tácita censura de seu proceder; mas o seu furor transpôs os limites, quando viu o rei a ponto de seguir os exercícios, com a rainha sua esposa, e toda a família real, sob a direção de Malagrida. Bem sabia ele que estava perdido se o facto se desse, e que o rei, avisado de suas infâmias, se esquivaria irremediavelmente à funesta influência dele. Era decisivo o momento. O ministro cruel lançou mão da sua arma diletta, a perseguição, para salvar o poder. Malagrida morrerá, e com ele toda a Companhia de Jesus.

Soube logo o santo jesuíta que tempestade se formava contra ele, e foi ainda, por esta vez, o demónio quem o ameaçou.

Eis como ele conta o facto, em carta ao padre provincial:

«Esta manhã me apareceu o demónio debaixo de horrível forma, e me ameaçou, a mim e à Companhia, com perseguição cruel. *Se não cessas*, me disse ele, *de dar exercícios, perseguir-te-ei sem tréguas até à morte*, e eu lhe respondi: *sai daí, miserável!*»

Este escrito foi achado entre os papéis de Malagrida, pelo irmão coadjutor António de Castro, que o conservou como relíquia preciosa.

Em outra carta, datada a 30 de julho de 1757, e dirigida ao padre José Ritter, antigo confessor da rainha, então retirado<sup>130</sup> em Alemanha, o santo homem escrevia:

«De mim que vos direi? Sou ameaçado mais que ninguém. Ainda vivo, mas arrasto minha existência por entre todas as mi-sérias imagináveis.

«Que Deus seja bendito!

«Nada há aí mais odioso que o meu nome, a certos personagens altamente colocados na corte. Diligenceiam perder-me no conceito do rei, com mil acusações caluniosas, que tenho pejo de referir; querem a todo o custo impedir que o povo siga os exercícios; e, não obstante, eu já os fiz cerca de quarenta vezes em Lisboa, com resultados consoladores. Fundei aqui uma casa de retiro, graças à proteção d'Aquela que ditou os exercícios; é esta a única de nossas casas que está intacta da destruição do incêndio, e do tremor de terra: todas as outras são ruínas de alto a baixo.»

É fácil reconhecer nos personagens *altamente colocados na corte*, Sebastião de Carvalho e as suas criaturas devotadas. O tigre do deserto não é tão sanhudo contra a sua presa, quanto era o ministro filósofo contra aquele ancião de setenta anos!



**Desterro de Malagrida para Setúbal**  
(1756-1758)

Quando Lisboa começava a ressurgir de suas ruínas, compôs Malagrida uma obrinha\* em que, depois de propor que o terremoto era castigo do céu, compelia os fiéis a socorrerem-se dos sacramentos para, no futuro, aplacar as iras do Senhor.

Com este escrito, o santo varão destruía os acertos irreligiosos de um libelo, recentemente publicado por Sebastião de Carvalho, ou por sua ordem, tendente a demonstrar que o flagelo não procedia senão de causas puramente naturais, sem dependência da intervenção de um Deus vingativo. Malagrida distribuiu exemplares de sua obrinha pela família real, e pelo próprio ministro, que lhe tomou a dádiva como atrevimento grande.

Vendo-se assim contraditado publicamente, enfureceu-se, e deliberou afastar, por força, o corajoso adversário, o que venceu, mediante a intriga com o núncio apostólico Filipe Acciajuoli, de quem alcançou a ordem do desterro do padre Malagrida.

O provincial deveu de condescender; porquanto, no 1.º de novembro de 1756, significou ao venerando missionário que devia deixar Lisboa e retirar-se a Setúbal.

De diversos modos foi explicada esta medida: eis a única verdadeira, dada pelo próprio Malagrida, em carta ao padre Ritter: «Provido

---

\* Alude ao opúsculo reimpresso no prefácio. *Nota do tradutor.*

de aprovação e animação da corte e dos bispos, fiz os exercícios do nosso bem aventurado padre às multidões ávidas de recebê-los. De súbito, nova tempestade se levanta, e eis-me a caminho do exílio. Quereis saber meu crime? Lede o opúsculo que receberéis com esta carta, e tudo sabereis. Criminam-me por ousar combater, neste folheto, a pernicioso<sup>131</sup> doutrina que por aqui propalam ativamente na corte e cidade, que não se há de atribuir o terramoto a nossos pecados, e à cólera de um Deus punidor de crimes, mas sim a causas puramente físicas e naturais. Eis aqui porque me acusam, sentenciam e condenam, sem me ouvirem: enfim, banido da corte e da capital!»

À semelhança de todos os apóstolos, o zelo de Malagrida redobrou com a perseguição. No mesmo lugar do desterro, em Setúbal, fundou casas de retiro, uma de homens, outra de mulheres. Logo que em Lisboa se espalhou a notícia de que o *santo* continuava a fazer os exercícios, muita gente correu a Setúbal em demanda do seu diretor. As mais gradas senhoras de Lisboa, entre as quais se distinguia a marquesa de Távora, outros personagens de vulto na corte, religiosos e padres, concorreram a ouvir-lhe as lições.

«Vão decorridos oito meses» escrevia Malagrida «que vivo sequestrado neste cantinho da terra; e, em meio de minhas tribulações, é superabundante o meu júbilo! Que dita, ver tantas almas arrancadas à garganta do inferno pelos exercícios! Que espetáculo esta mansão de retiro, onde as mais ilustres damas da sociedade passam dias silenciosos, enclausuradas como freiras!

«Que direi da concorrência de dignitários da corte que se retiram para a casa dos exercícios? Mas, ah! à minha felicidade seguir-se-á brevemente a minha perdição! Mil bocas inimigas vociferam contra mim e contra estes santos exercícios; desautorizam-os, chamam-lhe momices, maquinações infernais, empregadas para enganar o povo e derrubar o estado! Cada dia novas calúnias provocam suspeitas e averiguações novas! Que farão? não sei; mas não deixo de estar em alvoroço. Contudo, ponho minha esperança em Deus e em sua divina Mãe.»

No remate desta carta lê-se o seguinte *post-scriptum*: «No instante em que lavro estas linhas, novo rancho de exercitantes, com bandeira alçada, transpõe o limiar da nossa santa casa.»

Os sustos do venerando ancião não eram infundados. Para logo se desencadeou a tormenta que ele vira<sup>132</sup> apontar no horizonte. Em a noite de 19 de setembro de 1757, todos os jesuítas residentes na corte receberam ordem de sair imediatamente do paço. Eram os padres José Moreira, confessor do rei e da rainha; Timóteo de Oliveira, confessor e preceptor da princesa do Brasil, a sereníssima infanta; Jacinto da Costa, confessor do infante D. Pedro; José de Araújo, confessor do infante D. Manuel; e Manuel de Matos, confessor do infante D. António.\*\*

Foi a todos proibida alguma relação com a família real.

Esta providência, sem ser fundamentada em alguma declaração prévia, fez espanto nas pessoas de bem.

Dizia-se altamente que a ruína dos jesuítas se preparava a ocultas e que esta ruína arrastaria a das outras ordens, a do clero, a da piedade e, enfim, a dos bons costumes públicos. O próprio rei, subcrevendo o decreto da expulsão, não escondeu que o fazia violentado.

E, no entanto, o ministro, tentando desvirtuar cada vez mais os jesuítas, na opinião do povo, derramou no reino um libelo, recheado de novas calúnias, com o título: *Relação abreviada da república que os jesuítas da província de Portugal fundaram nas possessões do ultramar, etc, etc.*

Este opúsculo, contendo tantas mentiras como frases, teve a sorte que merecia: foi geralmente recebido com desprezo; e o que mais desacreditado o tornou no bom senso dos homens sisudos foi o proceder da corte de Espanha a tal respeito, com grande afrontamento de Sebastião de Carvalho. O folheto foi honrado em Espanha com a condenação ao fogo, de envolta com outras obras da mesma laia saídas de Portugal.

---

\*\* Novaes, *Storia de Pontifici*, t. xv.

Não desalentado com este desastre, Carvalho urdiu nova traça, mais engenhosa que a primeira. Em seus cálculos diabólicos, nada se lhe figurou mais útil às suas calúnias contra os jesuítas, que uma condenação pública promanada de Roma. Quem duvidaria da culpabilidade dos religiosos, acusados pela própria Santa Sé? Fiel a tal plano, persuadiu o primeiro ministro ao crédulo José I que solicitasse de Roma, junto do papa Bento XIV, um Breve de visita e reforma, ao qual fossem sujeitos os jesuítas do Reino. Bento XIV lutava, a esse tempo, com a morte. Constrangido pelos cardeais Archinto e Passionei, que desde muito eram conhecidos por somenos favoráveis à Companhia, assinou com a mão já fria o pedido Breve; e a 2 de maio de 1758, foi o cardeal Saldanha nomeado visitador e reformador da Companhia de Jesus, em todos os estados submissos ao rei fidelíssimo.

Era o reformador nomeado inteiramente devoto do conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho, a quem devia o chapéu cardinalício. Portanto, não há para que nos admiremos se logo em 4 de junho, três semanas somente depois de sua nomeação, apareceu um decreto declarando os jesuítas réus de tráfico vergonhosos e contrários às disposições dos santos cânones.

Três dias passados, a 7 de junho, o patriarca de Lisboa, D. Manuel Atalaia,<sup>133</sup> após uma contenda de quatro horas com o conde de Oeiras, cedeu enfim, e publicou um decreto que despojava todos os jesuítas dos poderes necessários para exercer o santo ministério<sup>134</sup>. E, nas outras dioceses, os outros prelados do reino, igualmente submissos aos caprichos do conde de Oeiras, se deram pressa em providenciar no mesmo sentido.

Foi golpe mortal na Companhia; mas em nenhum peito bateu tão rijo como no de Gabriel Malagrida. O decreto do interdito chegou a Setúbal em 13 de junho. Neste dia celebrava-se na vila a festividade de Santo António de Pádua, tão querido dos portugueses, seus compatriotas. Já grande número de fiéis estava reunido na igreja dos jesuítas para exercitar aí suas devoções; foi necessário desalojá-los. Então houve um alto clamor de gementes soluços; todo

o povo, rompendo em murmuração, condenou ruidosamente a providência iníqua que lhe roubava os seus amados padres! Internecido a lágrimas, Malagrida escreveu imediatamente ao padre Diogo da Câmara, pedindo-lhe que procurasse o patriarca, seu parente, e o movesse com as mais urgentes razões a levantar o interdito posto à Companhia. Foi o padre Câmara ao quarto do prelado, que se estorcia nas vascas da morte. No lance de receber o viático, o patriarca moribundo reconheceu a inocência dos jesuítas, e disso fez lavrar autêntico, que rubricou com o seu anel; mas era tarde; aquela reparação póstuma já não podia estorvar que o conde de Oeiras prosseguisse contra a Companhia o seu plano de destruição.



**Atentado de 3 de setembro de 1758 — Prisão de Malagrida  
em 11 de janeiro de 1759**

Havia longo tempo que o conde de Oeiras farejava debalde qualquer pretexto plausível para consumir a ruína dos jesuítas, maiormente a de Malagrida, quando um caso funesto lho ocasionou. Na noite de 3 de setembro de 1758, vindo el-rei D. José I da casa da jovem marquesa de Távora (D. Teresa) na sege de Pedro Teixeira, seu criado particular, perto do palácio da Ajuda, desfecharam-lhe contra a sege alguns tiros. Eram uns miseráveis assalariados pelo duque de Aveiro, que queria vingar-se de Teixeira que, poucos dias antes, o ultrajara no mais sensível da sua dignidade.

O rei foi ferido, ou não foi, nesta emboscada? Com certeza nunca se soube. Como quer que fosse, na manhã do dia seguinte divulgara-se por toda Lisboa o atentado contra a pessoa do rei.

Longe de abafar estes boatos, o ministro, que entrevia com secreto gáudio o modo de perder todos os seus inimigos, denunciou ao rei uma pretendida conjuração, da qual participavam os jesuítas e os principais fidalgos da corte. O rei, aterrado, encarregou o conde de Oeiras de castigar os culpados. É o que ele pretendia.

Não se apressou, todavia, a operar. Por mais de três meses, houve-se com profunda dissimulação a respeito das vítimas cujo assassinio meditava. Por fim, no mês de dezembro, estalou a tempestade.

No mesmo dia, e à mesma hora, todas as casas dos jesuítas foram cercadas pela tropa; levaram-lhe os papéis, e proibiu-se a todos os padres aparecer em público. Ao mesmo tempo, as famílias Távora e Aveiro são presas e aferrolhadas. O conde de Oeiras criou um tribunal extraordinário, cujo presidente se fez, para julgar os pretendidos réus. São interrogados; mas, apesar das mais acerbas torturas, negam constantemente o crime que lhes assacam.

O duque de Aveiro somente, vencido pela dor, faz uma confissão que pouco depois retrata; nessa confissão, porém, pronunciou o nome de Malagrida e dos jesuítas. Que ótima fortuna para o ministro! Passados apenas quinze dias, lavra-se a sentença, condenando à morte todos os conjurados, e além disso declara os jesuítas, e Malagrida principalmente, primeiros autores do atentado.

Enquanto Lisboa inteira esperava ansiosa o desenlace desta tragédia, o antigo apóstolo do Novo Mundo, ainda exilado em Setúbal, abafava os seus sofrimentos orando. Àquele santo exercício consagrava o santo varão catorze horas entre dia e noite. Dormia três horas apenas; o tempo restante gastava-o correndo as praças públicas, reunindo à volta de si mendigos e crianças, para lhes falar de Deus, e exortá-los a evitar o pecado, e a frequentarem os sacramentos da Igreja.

Entretanto, Sebastião de Carvalho não esquecia a sua vítima dileta. A onze de dezembro, dois dias antes da prisão do duque de Aveiro, e de seus pretendidos cúmplices, foi Malagrida chamado subitamente à capital pelo cardeal Saldanha. Sem delongas, põe-se<sup>135</sup> a caminho, e chega a Lisboa ainda antes do portador que lhe dera a ordem do prelado.

No meio de suas angústias, os jesuítas de Lisboa sentiram doce consolação quando viram o venerável missionário. Como preparo para a triste sorte que os ameaçava, fizeram em comum, dirigidos pelo homem de Deus, os exercícios de seu bem aventurado padre.

Assim se realizaram as palavras que Malagrida dissera em Setúbal:

— Antes de morrer, farei ainda exercícios em Lisboa; a quem e como? Não sei, mas hei de fazê-los.

No primeiro dia de recolhimento, enquanto celebrava no altar, derramou copiosíssimas lágrimas. Como lhe perguntassem a razão, exclamou:

— Ah! é chegado o tempo da tribulação, e não há ninguém no mundo que possa valer-nos!

Muitas vezes, no decurso dos exercícios, recomendava a seus irmãos obediência à vontade de Deus.

— Nosso Senhor — disse ele um dia — cuidará de nós durante a perseguição. A Companhia vai ser expulsa do reino; mas voltará um dia. Eu, de mim, ofereço-me a Deus por todos os meus irmãos; a minha maior dor é não padecer eu sozinho. Deus sabe quanto me pesa ver sofrer os meus irmãos!... Confiemos — repetia ele a miúdo. — A Companhia ressurgirá gloriosa desta prova, e d'entre vós alguns hão de ver acabar a perseguição!

No dia 28 de dezembro, depois do meio dia, foi chamado ao cardeal, que, sem lhe dar audiência, o remeteu logo ao ministro. O conde, assim que o viu, caminhou para ele com um papel na mão, e disse-lhe:

— Esta carta foi achada na sua banca; foi o padre que a escreveu?

— Sim — respondeu Malagrida, lançando-lhe um rápido olhar.

— Nesse caso — voltou o ministro — estava o padre sabedor de que se tramava contra os dias do nosso augusto soberano?

— Com efeito — replicou Malagrida serenamente — uma voz interior me tinha dito que o rei correria perigo em época desconhecida para mim. Entendi ser meu dever prevenir sua majestade. Eis aqui porque eu escrevi essa carta, que conservei entre outros papéis, esperando ocasião propícia<sup>136</sup> de a fazer entregar ao rei.

— Mas — retrucou Pombal — porque a não fez chegar a sua majestade por intermédio de algum secretário de estado?

— Porque eu queria — respondeu o padre — que lhe fosse realmente entregue.

A esta resposta, em extremo ousada, ergueu-se o ministro, exclamando:

— Ousa assim falar-me? Donde lhe vem tanta audácia?

Malagrida respondeu sossegadamente:

— Que importa ao que nós dizemos que V. Ex.<sup>a</sup> se levante?

O ministro interrogou-o sobre vários assuntos das missões do Maranhão, e o jesuíta respondeu com a mesma franqueza e firmeza; depois, arrebatando-se Carvalho contra os padres do Maranhão, que acusava de traidores ao rei no negócio das colónias, o velho missionário respondeu mansamente:

— V. Ex.<sup>a</sup> engana-se; melhor que ninguém conheço eu esses remotos países, e os apóstolos que os evangelizam; e nunca lá vi o que V. Ex.<sup>a</sup> argui aos padres. Se o eu soubesse e me calasse, julgar-me-ia o mais culpado dos homens. Saiba V. Ex.<sup>a</sup>, — ajuntou ele afinal — que para me induzir a acusar caluniosamente os padres do Maranhão, sua majestade, apesar do seu poder, não tem nos seus extensos domínios, nem bastantes recompensas para me seduzir, nem bastantes suplícios para me assustar.

Despedido pelo ministro, Malagrida voltou a casa do cardeal; mas este recusou ouvi-lo, e mandou-o para o colégio.

É razão admirar-se a gente que Pombal nunca publicasse aquela famosa carta sobre a qual se fundamentou o processo intentado contra Malagrida. É que, em verdade, ela nada continha prejudicial ao santo velho. Se a ele tivesse enviado à corte, seria com aplauso dos padres mais graves, que em verdade o aplaudiram.

Um desses, o padre Carvalho, parente do ministro, depois de ler a carta, disse-lhe:

— Meu padre, olhe que vai meter-se em terríveis dificuldades.

— Sei isso — respondeu tranquilo o servo de Deus — eu mesmo serei uma das vítimas da caverna do leão; mas isso que monta? Conquanto que me deixem luz bastante para ler o meu breviário, e me permitam celebrar a santa missa, essas negras masmorras não as temo!

— Mas, meu padre — redarguiu o padre Carvalho — dir-se-á que foi a Companhia quem o instigou a escrever essa carta ao rei, para lhe incutir terror pânico.

— Que me interroguem — replicou Malagrida, tomando o crucifixo que tinha ao peito. — Eis a imagem de Jesus Cristo, Salvador Nosso, por cujo amor percorri as matas do Novo Mundo, sofri fome e sede, e quasi a morte; sobre esta cruz bendita, eu juraria que ninguém me induziu a este passo, mas que a vontade de Deus unicamente me guiava.

Depois da sua última vista com o secretário de estado, o santo homem apercebia-se na oração para a suprema luta que em breve devia travar contra o seu inimigo mortal.

Na noite de 11 de janeiro de 1759, a soldadesca furiosa foi tirá-lo do colégio, onde estava com sentinelas à vista, desde que voltara a Lisboa, e o conduziu às prisões do estado, na Junqueira. O provincial dos jesuítas, João Henrique, e os padres<sup>137</sup> José Moreira, Timóteo de Oliveira, João Alexandre de Sousa, João de Matos, e outros muitos, entraram com ele na fatal carroça que o conduziu à sua masmorra.

Na véspera, quando palestrava com outros padres à hora de recreio, perguntara ele, quanto tempo o padre António Vieira, seu glorioso predecessor entre os selvagens do Novo Mundo, e bem assim na corte de Lisboa, sofrera outrora as prisões da Inquisição. Alguém lhe respondeu: dois anos. Ficou ele algum tempo silencioso, e como absorvido em dolorosas reflexões. Com certeza entrevira o cálix amargo que devia tragar até às fezes.

No dia seguinte ao da prisão, sem ser ouvido, foi declarado réu de lesa-majestade, cúmplice e autor principal do atentado de 3 de setembro. Persuadiu-se ele então que Deus lhe aceitara o sacrifício da vida, pela salvação de seus irmãos.

Declarado criminoso de estado, devia, ao que parece, ser executado com os outros presumidos réus que acabaram no cadafalso em 13 de janeiro, atormentados com horríveis requintes de crueldade. Como quer que fosse, ou porque o pérfido ministro

conhecesse que o povo não estava ainda disposto a julgar capaz de tal crime aquele santo homem, ou porque quisesse prolongar as angústias e os tormentos da sua vítima, o certo é que o teve dois anos completos em masmorras subterrâneas, onde padeceu inauditas torturas.

Avaliemo-las pela carta seguinte, que o padre Manuel Pereira, foragido à perseguição, conservava em grande apreço para a reler de tempo a tempo aos seus companheiros de infortúnio, e amparar sua coragem desfalecida com o exemplo dos seus irmãos de Portugal. \*

«Acabam de chegar a Turim dois jesuítas, os padres Fantinos, e Bonjoaninus, que o nosso rei, tão bom para os seus vassallos, fez tirar dos cárceres de Lisboa, e tratar generosamente durante a sua viagem.

«Forma-se ideia das angústias que passaram, ao ver a palidez lívida de suas faces descarnadas. A sua mansidão, porte, conversação modesta e religiosa, são para os moradores de Turim infalível prova de sua inocência. Estes bons padres nos contam coisas maravilhosas e horríveis sobre os padecimentos inauditos que têm de amargurar os jesuítas portugueses, ainda retidos em ferros, e sobre<sup>138</sup> as bênçãos celestiais, que Deus, em sua bondade, desce sobre eles, em meio de circunstâncias extraordinárias.

«Eu li há dias algumas excelentes cartas escritas por aqueles presos: são digníssimas dos heróis da primitiva Igreja. O que mais me encanta é ver em todos esses padres acorrentados por amor de Jesus Cristo perfeita submissão à vontade de Deus, júbilo inefável ao través dos tormentos, amor apaixonado por sua cruz, que tão pesada lhes é! Têm um desejo único: é dar a vida naquela cruz; têm um só medo: é serem apartados daquela cruz ainda vivos e a seu pesar.

«A narração das dores que tragam aqueles heróis cheios de Deus, e verdadeiramente crucificados com Jesus Cristo, espantará a

---

\* Esta carta encontra-se na obra de Navarrette. *De viris illustribus in Castella Veteri Soc. Jesu ingressis et in Italia extinctis*. Bononiæ. MDCCXCVII, lib. II, p. 9 et seqq.

posteridade! Dificilmente se acredita que homens de vida irrepreensível, sepultados vivos em furnas estreitas e tenebrosas, onde não penetra luz nem ar, e tão húmidas que a palha que serve de leito aos presos em poucos dias apodrece e se torna uma esterqueira; bandos inteiros de ratos arrancando o pão das mãos aos condenados, e passeando-lhes sobre o rosto enquanto dormem; insetos de toda a natureza, uma bicharia infecta, nascida na imundície e na miséria, as roupetas despedaçadas por tal maneira que estes desgraçados são obrigados a servir-se de uma pouca de palha ou de um miserável pedaço de cilício; o tormento da fome, porque raro é o dia em que cada um tem a ventura de receber seis onças de pão de rala; carcereiros brutais e ferozes, que os tratam da maneira a mais indigna, enfim, uma obscuridade contínua, alumada pelo clarão frouxo de uma lanterna que, muitas vezes, à mingua de azeite, se apaga, porque de propósito lho não deitam!

«Alguns destes infelizes têm sido despojados de suas imagens, verónicas, e até do seu breviário; porém, quando lhes quiseram arrancar das mãos a imagem do Salvador crucificado, tão rija resistência opuseram, que os algozes não ousaram arrebatá-lhes esta derradeira consolação no seu martírio! Outros estão cobertos de úlceras, e está lá um padre ancião, que não tem hábito que o cubra, e cujo corpo é uma chaga desde a cabeça até aos pés. Este desgraçado velho, que não pode mover os braços, é obrigado a comer com a cabeça sobre a terra para tomar o alimento com os dentes, e sorver a água com a língua.

«Nem missa, nem médico, nem Sacramento, salvo no caso de moléstia mortal, e ainda então estes infelizes só recebem o corpo de Jesus Cristo depois que o sangrador, que faz as vezes de médico, atesta com juramento a evidência da morte. Mas... ó prodígio! Este pão celestial, muitas vezes, restituiu a saúde a moribundos que se julgavam perdidos; e dá-se o caso de estar ali um enfermo, que já recebeu o viático oito ou dez vezes. Pelo que o cirurgião, quando o chamavam para este doente, dizia:

«— Eu já sei o remédio que o cura; que lhe levem o viático.

«Muitos destes, quando morriam, mostravam no rosto uma expressão celestial. Os próprios guardas, quando levavam os cadáveres à sepultura, diziam com admiração:

«— Eis aqui verdadeiros rostos de bem-aventurados!

«Alguns destes guardas, admirando a resignação e coragem heroica daqueles presos, lhes disseram muitas vezes:

«— Que raça são vocês? Aí, onde o mais duro pau, e o mesmo ferro, não resistem à humidade e à ferrugem, vocês podem viver há tantos anos, e até alguns com boa saúde!

«É que, em meio daqueles tormentos, divinas virtudes amparavam os generosos atletas de Jesus Cristo.»

«Falta-nos tudo» escrevia um deles, o padre Kaulen, em 12 de outubro de 1766, «mas nada perturba a serenidade de nossa alma. Estamos a padecer incessantemente, e todavia sempre alegres. Acreditai que a maior parte de nós pede ao Senhor acabar aqui seus dias...»

Com certeza, Malagrida era um dos heróis que faziam voto por terminar sua vida naqueles horríveis ergástulos; porém, morte mais ignominiosa e horrenda estava reservada para o apóstolo de Deus!...

**Processo de Malagrida**  
(1759-1761)

Enquanto o santo ancião se definhava na masmorra, o seu inimigo afanava-se sofregamente em proscrever do reino todos os jesuítas duma assentada. Empilhados em alguns navios, desprovidos, sem socorros, os desgraçados proscritos, atirados às ribas marítimas de Itália, eram postos na praia descaridosamente, em número de 1300!...

Ainda a crueza de Pombal se não satisfazia com estas atrocidades: tinha sede de sangue. Coacto com a presença do núncio apostólico, o cardeal Acciajuoli, inventou falso pretexto para o expulsar do país. Depois, desemeçado de qualquer estorvo, apontou o seu rancor ao extenuado velho de 72 anos, que penava nos subterrâneos da Junqueira, havia quasi três anos<sup>139</sup>.

Debalde quis suspeitá-lo de regicida. Em todo Portugal, todas as vozes à uma proclamavam alto e bom som a inocência do *santo* — que assim chamavam a Malagrida. Se o ministro, pois, quer vencer e esmagar o inimigo, cumpre-lhe apagar-lhe a auréola de santidade, com que o povo entusiasta lhe ilumina a fronte. Mas esse génio do mal não conhece balizas. A santidade de Malagrida, nas mãos do marquês, se tornará arma de mortífero gume. Ao parecer do ministro, aquela santidade é impostura, hipocrisia, embuste infame! O ancião, que branqueou nas lides do apostolado, favorecido de dons do milagre, e alumiado de luzes proféticas, não passa de um ímpio, heresiarca, fautor de heresias, hórrido blasfemo! E, em castigo de tamanhos crimes, deve ser entregue ao tribunal da Inquisição!

Uma manhã, Malagrida esquecia-se, a orar, dos tormentos do cárcere: eis que o carcereiro lhe penetra no subterrâneo, e ordena ao velho que o siga.

— Terminou a minha prisão?

— Não: tenho ordem de o conduzir aos cárceres do Santo Ofício.

O desgraçado beijou o seu crucifixo, e preparou-se para sair. Estava quasi nu; havia vinte e oito meses que não mudara de roupa branca; a sua roupeta era um apontado de trapos. E, neste estado, compareceu diante dos inquisidores.

Cumprir dizer, em abono de uma instituição exageradamente agredida pelos ímpios, que Pombal acautelou-se removendo os inquisidores que lhe despraziam, e os substituíra por sujeitos de sua feição. Começou, pois, tirando o cargo de inquisidor geral a D. José, irmão do rei, porque o infante recusara manchar suas mãos no sangue do inocente, e substituindo-o por seu irmão Paulo de Carvalho de Mendonça. Excluiu, outrossim, do tribunal, frei Francisco de S. Tomás, da ordem dominicana. Na primeira sessão em que Malagrida apareceu para ser interrogado, aquele venerando frade de S. Domingos declarara com nobre firmeza, que não concorria para a condenação do desgraçado jesuíta, porque não via prova alguma dos crimes que lhe increpavam.

O inquisidor geral Paulo de Carvalho, observou-lhe que o rei desejava a condenação de Malagrida como herege.

— Não — replicou o digno filho de S. Domingos — não posso capacitar-me de que seja essa a intenção de sua majestade, e que o rei se intrometa na ordem judiciária estatuída neste tribunal.

O prelado, exacerbado contra a resistência, impossível de contrariar solidamente, levantou a voz, bradando:

— O rei quer: é mister obedecer!

Este argumento convenceu o corajoso dominico que já era inútil impedir um julgamento de antemão decidido; mas, em descargo de sua consciência, repeliu a parte que lhe podia caber em tão feia iniquidade, e saiu de golpe da audiência, por maneira que naquele dia não pôde concluir-se o julgamento de Malagrida.

Foi logo o inquisidor geral dar conta do sucedido a seu irmão, o qual, para obstar que frei Francisco de S. Thomás lhe não embaraçasse os desígnios, expediu-lhe logo ofício da secretaria de estado a nomeá-lo bispo de Angola.

O modesto frade implorou o ministro que o não sobrecarregasse com encargo tão impróprio de seus anos e forças; Pombal, porém, respondeu-lhe apenas que se não queria ir para Angola como bispo, poderia talvez ir como simples frade. E fê-lo embarcar logo em um navio que estava de verga d'alto para as Índias. O desgraçado dominicano, quebrado de sofrimentos, morreu durante a viagem, vítima de sua constância, e do seu amor à justiça. Desta arte, derruía Pombal os obstáculos impecíveis aos seus desígnios!

Em que se fundamentavam, pois, as novas acusações que o sanguinário ministro sobrepunha à vítima? — Eram duas obras disparatadas que lhe atribuíam compostas na escuridade da masmorra. Uma intitulava-se: *Vida heroica e admirável da gloriosa Santa Ana, ditada por Jesus e sua Santa Mãe*. A outra era um *Tratado sobre a vida e reinado do Anticristo*<sup>140</sup>.

Tal é o corpo de delito que ninguém viu, nem pôde ver; porque essas duas obras nunca existiram senão no libelo ditado pelo ministro. E não nos tomem isto como afirmação gratuita.

No primeiro tempo de sua prisão, teve em sua companhia o preso padre Pedro Homem, que recuperou a liberdade em 1777, depois da queda do marquês de Pombal.\* Ora, este padre, fazendo revisar o seu processo de condenação, sustentou, perante os juízes, que o padre Malagrida, por sem dúvida compusera uma *Vida de Santa Ana*; mas que não tinha nada que ver com a que lhe atribuíram no processo.

---

\* *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis judiciis dissertatio*. Norimbergæ, 1793.

— Quanto à obra sobre o Anticristo — acrescentou o padre Homem — não foi autor dela Malagrida; mas sim o infame padre Platel, o ex-capuchinho Norbert, estipendiado por Pombal para caluniar os seus adversários.

Este miserável recebia pelo seu infame mister uma pensão de 1.300\$000 réis.

Não obstante, os inquisidores deram extratos destas pretendidas obras de Malagrida, em que faziam dizer ao apóstolo que «Santa Ana tinha feito, antes de nascer, os três votos de religião; e que, para contentar todas as pessoas da Santíssima Trindade, fizera voto de pobreza ao Padre, de obediência ao Filho, e de castidade ao Espírito Santo, etc, etc...» As proposições extraídas da obra acerca do Anticristo são ainda mais desatinadas. Segundo eles, Malagrida propusera que haveria três anticristos, o padre, o filho e o sobrinho; que este nasceria no ano de 2920 em Milão; que esposaria Proserpina, etc. Se tal impostura fosse admissível, essas seriam as heresias ou antes os desvarios que Malagrida escrevera ou ditara em uma caverna onde não tinha pena, nem tinta, nem papel, nem copista...

Conceda-se por um momento que essas absurdas ridiculezas saíram da pena de Malagrida. Que devia, que podia depreender-se disso, senão que o infelicíssimo ancião, em resultado de privações e padecimentos com que o flagelavam, inlouquecera!? E em tal caso, que povo, já não direi culto, mas em que bárbaro país se condenaria um mentecapto ao garrote e ao fogo? Por isso, Luís XV, quando leu a sentença do Santo Ofício, exclamou indignado:

— Nesse caso também eu devia mandar matar esse desgraçado louco *des Petites-Maisons*, que se julga o Padre Eterno! \*\*

Malagrida nem era réu de heresia<sup>141</sup>, nem estava doido. Muitas vezes a sabedoria das suas respostas enleiou os inquisidores. Na primeira audiência declarou solenemente que submetia os seus escritos ao juízo da Igreja romana; no grémio da qual desejava viver e morrer.

---

\*\* Murr, *Journal zur Kunstgeschichte*.

— Desde já — ajuntou ele, — me desdigo de todas as proposições que ela declarar avessas à santa doutrina.

Interrogado sobre o que acreditava de suas revelações, respondeu:

— Confesso que sou pecador; não me compete dizer o que sinto de minhas próprias revelações.

— Ignora — perguntara-lhe um juiz — que Deus não escuta os pecadores?

— Sei; — respondeu — mas também sei que Deus disse pela boca do salmista: «Quando vier o meu tempo, julgarei as justças.»

Os inquisidores citaram-lhe as palavras do Apóstolo:

— «Não creias em todo o espírito.»

— Certamente — voltou Malagrida — mas Jesus Cristo disse: «Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus.»

Constrangido a confessar que era um impostor, exclamou:

— Se a vida que vivi até aos 72 anos foi uma simples hipocrisia e impostura, possam os cravos que prendem Nosso Senhor Jesus Cristo a esta cruz transformar-se em raios de fogo e reduzir-me a pó!

A voz com que o ancião proferira esta impreciação, fez tremer os juízes em suas poltronas; mas o coração deles estava impedernido, sua alma venalíssima não podia amolecer aos gritos da consciência.

Faltava ainda um traço na humiliação<sup>142</sup> da vítima: não bastava acusá-lo de impiedade, de heresia e de blasfêmia: era preciso infligir-lhe às cãs a nódoa de vício mais aviltante. Em seu subterrâneo, Malagrida tivera como companheiro um mau padre, desvirtuado por seus costumes viciosos: foi este o escolhido pelo marquês de Pombal para a execução de um plano satânico. Vendido ao dinheiro do ministro, aquele celerado não duvidou acusar o santo velhinho, curvado sob o peso de tantos trabalhos apostólicos, de ser escravo de costumes infames. Revê tudo que aí há de mais incrivelmente hediondo em tal acusação. Contudo, os juízes escutaram a voz desse vil impostor, e declararam Malagrida convencido do crime de impudicícia!

Finalmente, no fim de janeiro de 1761, apareceu a sentença, produção tão infame e escandalosa que é difícil lê-la até ao fim!

O marquês, advertido pelos seus das palpáveis contradições da sentença, esforçou-se por tirá-la da publicidade; mas já não era tempo: esse monumento de cruel bestialidade percorreu a Europa, e será eterno padrão de opróbrio de seu autor! Dá-la-íamos aqui, se não estivéssemos convictos de que nenhum leitor teria ânimo de ler setenta e duas páginas de calúnias. O próprio Voltaire, quando leu esta sentença, não se teve que não exclamasse:

— Ao excesso do ridículo e do absurdo, ajunta-se o excesso do horror!

Segundo os termos da sentença, Malagrida era réu de heresia, de blasfêmia, de falsas profecias, e de impiedades horrosas; réu de abusar de palavra de Deus; de ultrajar a majestade divina, ensinando moral infame e escandalosa; de seduzir os povos com a pertinácia de sustentar até ao seu último momento pretendidas revelações e condenáveis heresias; de ter envidado todas as indústrias para derramar em Portugal, e nos estados seus subordinados, as suas abomináveis doutrinas, etc. Por tais crimes, e como heresiarca obdurado, o condenaram a ser sem demora degradado das ordens e relaxado ao braço secular. O tribunal civil julgou reais os enormes crimes que pesavam sobre o infeliz ancião, e logo lavrou sentença condenando o apóstolo a ser garrotado pela mão do algóz, e queimado na Praça pública de Lisboa.

**Execução de Malagrida em 21 de setembro de 1761**

Aos 21 de setembro de 1761, dia em que a Igreja celebra o martírio do santo apóstolo da Etiópia, se consumou o suplicio jurídico de Gabriel Malagrida. Pombal, desde muitos anos dócil às lições filantrópicas dos filósofos, abolira em Lisboa as procissões do auto-da-fé, *momices doutro tempo*, como ele, amiúdo, lhes chamava; porém, para o martírio de Malagrida, por odiosa exceção, restaurou o antigo costume, e ordenou que a procissão se fizesse com a máxima solenidade.

Em redor da praça do Rossio fez construir palanques para a nobreza e para o povo, convidando a corte para esse vergonhoso e sanguento espetáculo. A tropa ocupava as avenidas das ruas e praças vizinhas, para manter a ordem da multidão imensa que confluía ao lugar da carnificina. O cadafalso sobre que devia ler-se ao réu a sentença condenatória, disposto em anfiteatro, decoraram-o luxuosamente. O ministro presidiu à cerimónia. Em frente dele estava o monarca e a corte.

Para negrejar ainda mais o horror do espetáculo, esperou-se até ao empardecer da tarde, para que o ancião fosse levado ao suplício através de algumas ruas entre círios fúnebres. E, com o fim de excitar contra ele os ultrajes do povo, puseram-lhe na cabeça uma espécie de mitra de papelão, e sobre a sua roupeta de jesuíta, única que ainda se encontrou em Portugal, pintaram-lhe, como nos sambenitos, grotescas e horrendas figurações de demónios. Saiu

do cárcere, com as mãos atadas para as costas, e um freio de pau na boca, entre dois frades beneditinos, e duas pessoas destinadas, segundo o usual, a servirem-lhe de padrinhos na cerimónia do auto-da-fé. Depós ele caminhavam mais 52 condenados; mas foi ele o único estrangulado, o único a padecer, naquele sevo dia, morte cruel e infamíssima!

Quando subiu com firme passo os degraus do patíbulo, um comissário do tribunal lhe leu a sentença. Depois, o bispo de Esparta, coadjutor do cardeal-patriarca, procedeu à aviltadora cerimónia da degradação. Terminado isto, exortou o paciente a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escândalo que dera.

— Desde que pus os pés em terra portuguesa — respondeu com dignidade o santo velho — servi sempre S. M. Fidelíssima como bom e leal súbdito; contudo, se, por ignorância, o ofendi na mínima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão.

Depois de proferir vibrantemente estas palavras, em meio de profundo silêncio da multidão, entregou-se ao carrasco encarregado de o garrotar. E, no momento em que expirou, proferiu distintamente estas palavras:

— Senhor, havei piedade de mim; nas vossas mãos entrego a minha alma.

Neste momento, dizem muitas relações dignas de fé, que o seu rosto se iluminou de súbito de extraordinário resplendor, que arrancou um brado de surpresa e espanto aos milhares de espectadores. O carrasco acendeu logo a fogueira; e, para evitar que o povo recolhesse as cinzas do santo mártir, foram logo lançadas ao mar. Muitas pessoas afirmaram que se achou entre as cinzas o seu coração perfeitamente ileso e que uma piedosa matrona o levava para sua casa como preciosa relíquia.

Assim morreu o padre Gabriel Malagrida, na idade de 72 anos, dos quais vivera 50 na Companhia de Jesus, e consagrara mais de 40 no serviço de Portugal, tanto no Novo Mundo como na Europa.

Eis-aqui o retrato que nos deu o padre Rodrigues, que teve a ventura de o conhecer em vida: «Malagrida era de estatura mediana;

em seu rosto, onde transparecia uma nobre dignidade, lia-se a índole modesta e branda; ordinariamente estava pálido, mas se falava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces; brilhavam-lhe então os olhos com umas cintilações de extraordinário fulgor; a testa era saliente mas não larga; o nariz bem feito, os beiços rubros, os cabelos louros e barbas longas que por maravilha encaneceram antes do cabelo. Todo o seu exterior respirava santidade, e ninguém que o visse deixaria de respeitá-lo e venerá-lo.»

Quando a notícia deste horrível suplício se divulgou na Europa, ergueu-se por toda a parte contra o autor de tamanha iniquidade justa indignação. Em Espanha, tangeram os sinos durante muitos dias, em todas as casas da Companhia, para honrar aquela morte como se fosse a de um santo; mas em parte alguma teve Malagrida mais egrégio elogio que no próprio centro do catolicismo.

Quando o sumo pontífice Clemente XIII soube as particularidades da sua morte, exclamou:

— A Igreja de Jesus Cristo tem mais um mártir!

E à sua vista fez o papa gravar um retrato de Malagrida com uma gloriosa inscrição, em que se diz que ele morrera pela justiça, e pela verdade. Eis a inscrição:

Apostolicus e S. J. vir, natione Italus,  
 Vitæ sanctitate, rebus gestis miraculisque clarissimus,  
 De Lusitaniæ regnis, de populis immortaliter meritis,  
 Olim Joanni V. Regi fidelissimo apprime carus,  
 Mariannæ Austriacæ Reginæ in divinis rebus consultissimus,  
 Summis infimisque semper mire gratus ac venerabilis,  
 Soli invisus Dæmoni ejusque fautoribus et ministris. Qui  
 Maragnum, Brasiliamque cum sacro ministerio peragratus,  
 Christi ac Regis imperio inter Barbaros propagato, pietate  
 Inter Christianos vel restituta, vel aucta, puerorum semi-  
 nariis, feminarumque cœnobiis passim erectis.  
 Hisque inter infinitos labores  
 Et mille vitæ discrimina confectis rebus.

Ex India revocatus in Lusitaniam,  
Dum corruptos hominum mores corrigere impensius studet.  
Concussam terræ motu Ulyssiponem metu salutari concutiens,  
Veluti quietis publicæ perturbator, urbe pulsus primum.  
Mox impiæ contra regem conjurationis arcessitus,  
Postremo violatæ religionis lege damnatus,  
Inter bonorum lacrymas et præconia  
Publico tamen omnium judicio absolutus,  
Illatam injuste necem, pie fortiterque excepit  
Ulyssipone, die XXI  
Septembris anno Domini 1761, ætatis suæ 72.  
Post an-  
nos prope 40 Lusitaniæ saluti unice impensos.

**Os perseguidores de Malagrida**

Decorridos dez anos sobre o suplício de Malagrida, ainda o ódio do seu perseguidor ia procurar a vítima no túmulo.

O famoso opúsculo do padre Malagrida, *Juízo sobre as causas do terremoto de 1755*, tinha muito quem o lesse ainda em Lisboa. Pombal, vendo com irritação o profundo abalo que a leitura do folheto fazia nos espíritos honestos, só descansou quando pôde prescrever a obra com os seus artifícios. Obteve pois do crédulo monarca, um edital<sup>143</sup> mandando que o livro fosse queimado pela mão do carrasco.

Debalde, porém, cuidara o marquês que ajuntava mais uma ignomínia à memória do venerável apóstolo. Dignou-se Deus mostrar a toda a luz a inocência do seu servo. É caso verdadeiramente digno de nota, que todos os que participaram do assassinio jurídico de Malagrida, experimentaram já neste mundo os efeitos da justiça divina.

Ditosos seriam se pudessem conhecer a mão que os feria!

A sentença que relaxava Malagrida ao braço secular era assinada por Paulo de Carvalho de Mendonça, João Mancilha, e Nuno Álvares Pereira. Todos três tiveram morte miserável.

Já vimos como o marquês de Pombal elevara seu irmão Paulo ao cargo de inquisidor geral, contra todas as regras de direito e de justiça; queria também obter para este irmão, em demasia condescendente, a dignidade de cardeal; já o papa Clemente XIV tinha

expedido cartas em que concedia a púrpura romana ao protegido do ministro; mas, antes que o breve chegasse a Lisboa, morreu Paulo de Carvalho de morte súbita.

O inquisidor Nuno Álvares Pereira, no dia da execução de Malagrida, dera um esplêndido jantar, em sinal de júbilo. Pouco tempo depois, foi atacado duma moléstia grave, triste consequência das suas devassidões.

Em poucos dias, o seu corpo era um esterquilínio, exalando um fedor intolerável. Desamparado de amigos e até de criados, ficou só com ele uma mulher desde muito sua consócia na libertinagem. No entanto, piorou a olhos vistos, e chegou às últimas. Deliberaram então levar-lhe de casa a desgraçada cúmplice para salvar ao menos as aparências, e ministrar-lhe os últimos sacramentos. Mas o miserável, que desde o começo da enfermidade raivava desesperado, e não quisera saber nunca de confissão, persistiu impenitente até ao derradeiro suspiro. Dilacerado pelos remorsos, presa de bem fundados terrores, expirou escabujando furioso, com todos os sintomas de precito.

João Mancilha, que as intrigas de Pombal elevaram a provincial dos dominicos, não foi menos punido pela justiça divina. Logo que morreu D. José I, a rainha D. Maria, que lhe sucedeu, fez prender o condescendente inquisidor. Levado perante uma comissão nomeada para o julgar, foi convencido de toda a casta de crime, e condenado à morte; mas a rainha lhe perdoou, comutando-lhe a pena em prisão perpétua no convento de Pedrógão, distante de Lisboa.

Hão de lembrar-se da falsa testemunha que impôs a Malagrida acusações infames. Poucos meses depois, o celerado cegou, e expiou em longos sofrimentos suas abomináveis calúnias.

Pelo que respeita ao impostor Norbert, não nos deteremos com a história bastante notória desse vil aventureiro.

Bastar-nos-á o que dele disse o bispo de Sisteron na sua pastoral de 24 de abril de 1745: «O capuchinho Norbert, é um rebelde, sedicioso, obcecado pelo orgulho e mentecapto; é um homem

atrevido, que nunca teve espírito de vocação; um devasso que é a vergonha de seus confrades, um demente que se manifesta a cada hora por novas extravagâncias; um rebelde que formalmente protesta não reconhecer superior, nem eclesiástico, nem secular; coração retrincado sem viso de honestidade ou boa fé, espírito perigoso que nunca se deve perder de vista; enfim é um homem capaz de tudo.» O ex-capuchinho Norbert, também conhecido pelo nome de abade Platel, sobreviveu longo tempo àquele retrato nada lisonjeiro, mas fiel. O seu procedimento foi igual até à morte, em 1770, correspondendo no modo como morreu, à maneira como viveu.

Porém, o génio mau, cujos traços a cada passo se topam intervindo nessa imensa iniquidade, foi o marquês de Pombal. A hora da vingança celeste bateu também para o ministro orgulhoso, e terríveis foram suas vinganças.

Forçado a demitir-se de secretário de estado, despojado de todos os empregos, reduzido à condição de simples particular, e banido da capital, o marquês retirou-se para a vila que lhe dera o título.

Um grito de vingança ressoou contra ele de todos os pontos de Portugal. Mais de oitocentas vítimas restituídas à liberdade pediam justiça! Citado ao mesmo tribunal onde tinha feito condenar tantos inocentes, o velho ministro chegou a saber que contra ele se projetava a sentença de morte, mas a rainha, por compaixão da sua velhice de oitenta anos, lhe perdoou, mais piedosa do que ele fora com Malagrida. Desterrado para Pombal, aí arrastou vida miserável, até aos 83 anos. Oxalá que aproveitasse na queda, chorando os seus crimes! Mas, eivado das doutrinas ímpias dos filósofos do século dezoito, já no leito de morte desprezou os confortos da religião.

---

Não há muitos anos (era em 1829) que os filhos da Companhia ressurgida entravam em Portugal, como predissera Malagrida. Por onde quer que passaram receberam-os em triunfo os católicos

habitantes do reino fidelíssimo. Os vigários saíam-lhes ao encontro nos limites de suas paróquias, e os acompanhavam até ao território da paróquia vizinha.

Os sinos, as girândolas, as músicas, os arcos triunfais, nada esqueceu. Deste modo, os sucessores de Malagrida, por entre aclamações festivas do povo, chegaram a Pombal, antiga residência do ministro de estado.

«Por efeito verdadeiramente extravagante das paixões humanas, e por uma cadeia de conjunturas inexplicáveis, o corpo do perseguidor da Companhia, jazia ainda em Pombal sem sepultura.

«Os despojos do celebérrimo ministro tinham sido fechados em um pobre esquite, coberto com um mau pedaço de pano preto, e posto à entrada de uma capela pertencente aos franciscanos. Pombal, apesar dos 800 mil ducados que confessou ter gasto na extinção dos jesuítas, e apesar das restituições a que foi condenado, tinha legado farta riqueza à sua numerosa família, para que pudesse erigir-lhe magnífico moimento na sua terra de Oeiras. Mas nunca seus herdeiros puderam obter a permissão de o transferir. O primeiro estorvo, foi o ministro que lhe sucedeu, e assim se vingava de uma recusação da mesma natureza que o marquês de Pombal lhe fizera.

«Mas depois desta época, não pode explicar-se, sem especial disposição da Providência, como o cadáver do aniquilador da Companhia pudesse estar insepulto, como para neste estado esperar, na estrada de Lisboa a Coimbra, que a mesma Companhia voltasse. Com certeza não previra ele isto, quando disse:

«— Ela voltará, mas há de lhe ser difícil fazer ninho.

«Não se faz ideia da impressão que este encontro fez no espírito dos padres: confessam nunca ter experimentado sensação mais forte do que sentiram ao avizinharem de Pombal, e mormente quando entraram na capela, e ouviram dizer: eis aqui o seu túmulo.

«O padre superior, era o padre Delvaux, cujas palavras temos a honra de citar terminando este livro, representando em Portugal a Companhia, intendeu cumprir seus deveres, esquivando-se às

aclamações do povo, para ir à igreja dos franciscanos, e aí, profundamente recolhido, em frente do corpo do marquês de Pombal, rezar uma missa de defuntos pelo descanso de sua alma.»

Tal foi a derradeira vingança dos irmãos e sucessores de Malagrida.

FIM



## NOTA EDITORIAL

A *História de Gabriel Malagrida*, que aqui se apresenta em edição crítica, distingue-se dos restantes textos da coleção de obras de Camilo Castelo Branco pelo facto de ser uma tradução e não obra criada originalmente. Camilo prefaciou e traduziu do francês a pequena biografia do mártir jesuíta que Paul Mury, S. J., fizera publicar em 1865<sup>1</sup>.

Não terá sido o relevo do autor que motivou esta tradução. Na verdade, dele quase nada sabemos. A biografia de Gabriel Malagrida é a primeira obra que lhe conhecemos. Depois dela escreveu obras de História medieval<sup>2</sup>, da sua Companhia de Jesus<sup>3</sup> e de hagiografia<sup>4</sup>. As suas publicações indicam-nos que terá vivido no nordeste da França, na Alsácia, e que seria ainda jovem quando escreveu sobre Malagrida, visto que desta à sua última publicação distam 45 anos.

---

<sup>1</sup> Paul Mury, *Histoire de Gabriel Malagrida de la Compagnie de Jésus, l'apôtre du Brésil au XVIII<sup>e</sup> siècle étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne le 21 de Septembre 1761*, Paris, Charles Douniol, 1765.

<sup>2</sup> Da qual só temos notícia da 2.<sup>a</sup> edição: Paul Mury, *Histoire du moyen âge*, Lille, impr. de Desclée, de Brouwer et C<sup>ie</sup>, 1885.

<sup>3</sup> Paul Mury, *Les Jésuites à Cayenne. Histoire d'une mission de vingt-deux ans dans les pénitenciers de la Guyane*, Strasbourg, F.-X. Le Roux, 1895; Paul Mury, «Les Jésuites en Alsace: collègue de Haguenau, 1604-1692», *Revue Catholique d'Alsace*, Strasbourg, n.º 29, 1910, pp. 277-87, 343-50, 401-09, 491-99. O local de escrita da primeira destas obras encerra o prefácio: Metz, Colégio de S. Clemente. É de supor, portanto, que Paul Mury ensinasse neste colégio de Jesuítas, embora não possamos afirmá-lo.

<sup>4</sup> Paul Mury, *Saint Winoc, patron de la ville de Bergues: sa vie, ses reliques et son culte*, Lille, impr. de J. Lefort, 1887.

A tradução de Camilo é uma década posterior à publicação da biografia francesa, e é dada à estampa, com prefácio do tradutor, em Lisboa, pelo editor Matos Moreira. A simpatia de Camilo pela Companhia de Jesus atravessa toda a sua obra e o interesse pelo jesuíta Gabriel Malagrida manifestara-se já em 1868, numa referência na sua edição das *Memorias de Fr. João de S. José Queiroz*<sup>5</sup>. Virá ainda a constituir peça importante nos laudos condenatórios com que o escritor de Seide traça, em 1882, o *Perfil do Marquês de Pombal*<sup>6</sup>. Trata-se, portanto, de uma obra que não só vai ao encontro dos seus afetos como também do seu conhecido ódio por Sebastião José de Melo. O maior interesse da tradução advém, no entanto, do facto de ser a única tradução camiliana cujo autógrafo sobreviveu. Faz parte do conjunto de manuscritos que serviram de original de imprensa ao editor Matos Moreira e que se encontram, desde 1939, na Biblioteca Municipal de Sintra<sup>7</sup>, à qual foram doados por Rodrigo Simões Costa, estudioso de Camilo, que os adquirira em conjunto.

O manuscrito permite descobrir a marca de Camilo no trabalho de tradução: possibilidades que foram rejeitadas e tornam, assim, manifestas algumas tendências do discurso camiliano, como a perfeita vernaculidade em detrimento de galicismos, mesmo aqueles que haviam entrado na língua no século anterior. Temos disso um bom exemplo em *pamphleto*, substituído por *folheto* depois de um primeiro movimento no sentido da tradução literal de *pamphlet*, que se encontra no texto de Mury:

pamph > folheto (fl. 204)

<sup>5</sup> *Memorias de Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará*, Porto, 1868, p. 90, n. 1. O padre Malagrida é, aliás, figura evocada pelo bispo do Grão-Pará: v. pp. 129-30, 189, 190, 199, 200, 213.

<sup>6</sup> Camilo Castelo Branco, *Perfil do Marquês de Pombal*, Porto — Rio de Janeiro, Clavel & C.<sup>a</sup> — L. Couto & C.<sup>a</sup>, 1882, pp. 61, 92, 95, 98, 175, 185, 210-33, 257.

<sup>7</sup> São eles *O Demónio do Ouro* (publicado em dois volumes, 1873-74), *O Regicida* (1874), *A Caveira da Mártir* (publicado em três volumes entre 1875 e 1876) e *Novelas do Minho* (publicadas em doze fascículos entre 1875 e 1877).

Muito embora a palavra substituta possa ter igualmente sofrido influência estrangeira (do francês *feuille* ou do italiano *foglietto*, segundo Houaiss), a sua datação no século XVII (1698) e sobretudo a evidente derivação de *folha* recomendam-na como vernácula.

Do mesmo teor é a tendência arcaizante do discurso camiliano, manifesta, por exemplo, na tradução da palavra *appuyée*:

Esta providencia, sem ser baseada > fundamentada em alguma declaração previa ... (fl. 206)

O verbo *basear*, com atestação na língua desde 1858 (Houaiss), era muito recente, enquanto *fundamentar* já estava em uso em 1002 (Machado).

Para além destas operações de seleção lexical com que Camilo dá ao texto do padre francês um cunho verdadeiramente português, pouca margem de invenção lhe resta, visto que, tratando-se de uma tradução, está obrigado a limitar a sua criatividade. Mesmo assim, dos dois movimentos que podemos encontrar neste trabalho, um de aproximação à letra do texto de partida e outro de afastamento, é o segundo que predomina. A subjetividade afetiva manifesta-se, por exemplo, na tradução das formas de designar o odiado marquês de Pombal, quer nas que resultam de tradução, quer nas que ocorrem no prefácio e são objeto de emenda. Todas elas rebaixam a forma de tratamento atribuída ao marquês, substituindo-lhe o título pelo nome com que nasceu, ainda que, no último exemplo, revele um arrependimento posterior, que leva à adição do primeiro dos títulos atribuídos (1759) por D. José ao seu ministro:

marquez de Pombal > Seb<sup>am</sup> J<sup>o</sup> de Carv<sup>o</sup> (prefácio, fl. I)

mar > Sebastião de Carvalho (prefácio, fl. II)

irmão de Pombal > Sebastião Jose de Carvalho (fl. 165;  
no texto original *Pombal*)

Outros afastamentos da letra do texto de partida cabem no âmbito daquilo que se pode esperar de um bom tradutor, que se preocupa em tornar compreensível o texto que dá a ler a público diferente daquele para o qual o autor escreveu. É o caso da clarificação de topónimos, manifesta logo no título do livro:

*étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne* (P. Mury, rosto)  
estrangulado e queimado na praça > no Largo do Rocio  
de Lisboa (tradução)

É igualmente o caso da tradução do naufrágio e morte do padre Luís Figueira e de seus companheiros:

*ayant fait naufrage à l'embouchure du fleuve des Amazonas*  
(P. Mury, p. 22)  
naufragando na embocadura do Amazonas > barrêta do  
Pará (tradução, fl. 25)

Na verdade, o padre Figueira pereceu na Baía do Sol<sup>8</sup>, que não se situa na foz do rio Amazonas e sim a sul da ilha de Marajó, a cerca de 40 km de Belém do Pará, onde corretamente Camilo situa o naufrágio.

Por vezes, é apenas a escorreita semântica que norteia pequenos desvios da literalidade inicialmente esboçada:

*Dans les pages qui suivent, nous avons eu le dessein de venger, par le simple exposé, des faits, la mémoire si longtemps flétrie d'un homme, qui a rendu tant de services au Portugal et à l'Église.* (P. Mury, p. 11)

---

<sup>8</sup> «Partindo ultimamente de Lisboa para o Maranhão em 30 de Abril de 1643, naufragou na Bahia do Sol, e ahi pereceu com outros companheiros no 1.º de Julho do mesmo anno.» (Inocêncio Francisco da Silva e Pedro Brito Aranha, *Dicionário bibliográfico português: estudos aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, vol. 5, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861, p. 286).

As paginas ã vão ler > O nosso intento, ao escrever este livro, é vingar expondo singelamente os factos, a memoria tanto tempo denegrida de um homem tão prestadio a Portugal e á Igreja. (tradução, fls. 34-35)

Outras vezes, os desvios em que emerge o gosto camiliano pelo léxico mais rebuscado e pela expressão menos comum acabam reconduzidos a caminho seguro ao pé da letra, depois de passarem por quatro etapas de redação:

*Ce manuscrit appartient à la bibliothèque des Bollandistes, qui ont eu l'obligance de nous le communiquer.* (P. Mury, p. II)

1. Este manuscrito pertence á biblioteca dos Bollandistas, que
2. Este manuscrito pertence á biblioteca dos Bollandistas, que de quem logramos a benevolencia de o haver
3. Este manuscrito pertence á biblioteca dos Bollandistas, de quem logramos a benevolencia por quem houvemos a generosidade de o haver
4. Este manuscrito pertence á biblioteca dos Bollandistas, por quem houvemos a generosidade de o haver nos foi generosamente comunicado. (fl. 2)

Encontra-se, porém, na possibilidade de corrigir intervenções impróprias do tipógrafo a maior vantagem de contarmos, para a edição crítica, com o testemunho do manuscrito. Como é habitual, devem-se ao tipógrafo (ou ao revisor que o acompanha) acertadas emendas de pontuação (504 emendas) e ainda algumas correções de erros do autor, que se resumem, quase sempre, a faltas de acentuação, incoerências de género e número e repetições de palavras, além de divergências ortográficas. Das variantes linguísticas, o que vale mencionar é a alternância que Camilo faz nas sílabas *per/pre*, *pur/pru*, *tre/ter*, *dre/der*, *por/pro*, *tur/tru* e *tor/tro*. Todas as palavras que apresentam esta alternância foram corrigidas pelo tipógrafo,

sendo que uma dessas emendas acabou por constituir em erro o que estava certo:

Criminam-me por ousar combater, neste folheto, a **preciosa** doutrina que por aqui propalam activamente na corte e cidade ... (p. 153 da 1.<sup>a</sup> edição)

No texto francês, a palavra de partida de *preciosa é perniciouse* (P. Mury, p. 218). Não se trata, porém, de erro de tradução. Camilo esqueceu-se da sílaba *ni* ao meio da palavra (*perciosa*) e o editor, pensando estar perante a habitual alternância *per/pre*, emendou para *preciosa*.

Como é habitual noutros textos, também na 1.<sup>a</sup> edição de *Gabriel Malagrida* o tipógrafo de Matos Moreira comete os seus próprios erros, fazendo más leituras do manuscrito e algumas banalizações. São exemplo os erros cometidos em nomes estranhos de pessoas, povos ou lugares (as formas entre parênteses retos são as da 1.<sup>a</sup> edição):

Maria Guaita [1 Guaital.] (fl. 8)  
 dos Aruans [1 Arnans] (fl. 25)  
 Tucan [1 Tucon] (fl. 90)

Ou a banalização que não entende como metáfora o *pego de lodo* que são os vícios:

empegados [1 empregados] no lodaçal de todos os vícios  
 (fl. 84)

A grafia inesperada de Camilo também dá azo a emendas deturpadoras do sentido do texto, como no caso de *capetão* em vez de *capitão*, que se transforma num *capellão* que não existe na história:

E então, toda a matalutagem, com o capetão [1 capellão] á frente, lhe sahiu ao encontro, e de joelhos rogaram que subisse ... (fl. 115)

A distração do tipógrafo chega a deslocar incompreensivelmente segmentos de texto para locais onde eles não fazem sentido, como sucede com o nome da prisão do padre Malagrida:

... o conduziu ás prizõens do estado, na Junqueira.  
O provincial dos jesuitas, João Henriques, e os padres ...  
(manuscrito, fl. 218)

... o conduziu ás prizões do estado. O provincial dos  
jesuitas, João Henrique, na Junqueira, e os padres ...  
(1.ª edição, p. 165)

E também faz supressões, como a seguinte:

o mudo exclama: *Jesus!* E eu repeti: *Jesus!* < **1** diz outra  
vez: *Jesus!* > (fl. 128)

Este trecho faz parte de um milagre operado por Malagrida em resposta a pedidos de um outro padre para a cura de um mudo. Quando este volta a falar, a primeira palavra que diz é *Jesus*, o que o padre repete. Parece muito provável que o tipógrafo tenha cometido aqui um salto-bordão, omitindo o segmento de texto que se situa entre duas palavras repetidas (*Jesus!*). É o que indica a coincidência entre o manuscrito e o texto francês:

le muet s'écrite: *Jésus!* Je répétai: «*Jésus!* dites encore:  
*Jésus*» (p. 136)

Podemos afirmar com certeza que Camilo reviu, pelo menos uma vez, o seu texto antes de ser impresso, visto que encontramos na 1.ª edição emendas que só podem ter sido produzidas pelo próprio autor. Notemos algumas das mais significativas:

- abundosamt<sup>e</sup> [**1** abundantemente] (fl. 113)
- Mayru [**1** Magu] (fl. 143)

— que Deus não quer a perda do peccador, mas que se converta em sal [1 converta e salve] (fl. 196)

Na primeira emenda vemos o «homem que em Portugal conhece mais termos do dicionário»<sup>9</sup> abdicar de um neologismo em benefício do vocabulário comum e atestado. A segunda mostra que a atenção que o autor quis prestar à correção factual, geográfica, da biografia escrita pelo padre francês, não se esgotara no manuscrito e que, pelo contrário, se manifesta ainda nesta fase ulterior. De facto, Mury refere a existência, no Maranhão, de uma cidade chamada Mayru. Geralmente Camilo segue, no manuscrito, o texto traduzido. Porém, neste caso, provavelmente a sua biblioteca, fértil em matérias brasileiras, como sabemos, ter-lhe-á recomendado a emenda feita na 1.<sup>a</sup> edição. Na verdade, não há registos de cidade com nenhum dos dois nomes mas, no caminho que Malagrida percorre quando saía de Pernambuco em direção a São Luís, existe um rio chamado Magu, que fica mais ou menos a meio do caminho entre as duas cidades e que, pelo contexto da história, seria realmente o local a que deveria referir-se o biógrafo.

Por último, na terceira variante, Camilo corrige um curioso erro que cometera no manuscrito por associação de ideias. A história está no ponto em que Malagrida, depois do terremoto que assolou Lisboa em 1755, ajuda os feridos da desgraça, que tanto precisavam de cuidados médicos como de espirituais. Como escreve Paul Mury, «Dieu ne veut pas la perte du pêcheur, mais sa conversion et son salut.» (P. Mury, p. 210). Cita assim livremente um conhecido passo de Ezequiel<sup>10</sup>. Na tradução, Camilo quis substituir o sintagma nominal por um sintagma verbal (*converta e salve*), mas a forma do segundo verbo evocou, por semelhança fonética, um

<sup>9</sup> Eça de Queirós em carta a Camilo, publicada nas *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, recolha, prefácio e notas de Alexandre Cabral, vol. 9, Lisboa, Horizonte, 1982, p. 151.

<sup>10</sup> «Vivo ego, dicit Dominus Deus, nolo mortem impii, sed ut convertatur impius a via sua, et vivat» (Ezequiel 33:11).

outro passo bíblico muito apropriado ao contexto do terremoto: tal como Sodoma e Gomorra, também Lisboa parece sofrer um castigo divino pelos pecados dos seus habitantes. Assim, aqueles que se salvam em 1755 bem poderiam ser equiparados à mulher de Lot, se não fosse o caso de esta ter sido *convertida em sal*. E foi provavelmente este encadeamento de ideias que levou à incoerência inicial plasmada do manuscrito. É fácil imaginar Camilo, durante a revisão de provas, sorrindo do seu próprio erro.

Para o estabelecimento do texto crítico foram usados o autógrafa da tradução camiliana (da Biblioteca Municipal de Sintra) e a 1.<sup>a</sup> edição que se lhe seguiu (publicada em Lisboa pela Livraria Matos Moreira em 1875). Os indícios de que as provas desta edição foram revistas por Camilo conferem peso crítico ao seu texto, embora não se ache isento de erros. Foi igualmente tido em conta o texto francês de Paul Mury, na acima citada edição de 1765, apenas na medida em que ele pode ajudar a decidir o grau de erro em lugares manifestamente incoerentes da 1.<sup>a</sup> edição da tradução de Camilo.

Inserido no seu prefácio à tradução, Camilo publica o famoso opúsculo de Malagrida que foi causa da sua condenação: *Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755, pelo padre Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus, missionário apostólico, Lisboa, 1756*. Camilo não copiou o texto, mas antes juntou ao manuscrito um exemplar do impresso de 1756, que o tipógrafo usou diretamente como original de imprensa, cometendo vários erros de cópia. Na presente edição, o texto do *Juízo* conserva a grafia setecentista do folheto.

Nas pp. 6 e 7 do folheto, Malagrida transcreve um passo de outro autor, que nomeia abreviadamente: *Anton. Bordon*. Trata-se do jesuíta Giuseppe Antonio Bordoni (1682-1742) e da sua obra *Discorsi per l'esercizio della Buona Morte*. A mais antiga edição que conhecemos é póstuma, impressa em Veneza, por Andrea Poletti em 1753, em três tomos. Desta edição, provavelmente a que conheceu Malagrida nalguma das casas da Companhia, apenas o primeiro

tomo é acessível digitalmente, pelo que, para a identificação do passo citado, que se encontra no segundo tomo, é necessário recorrer à edição de Nizza, feita por Gabriele Floteront em 1760. Aí, nas páginas 363-64, encontramos o passo do Discurso Vigésimo («Peccato origine di tutti i mali», p. 362), para a oitava de Pentecostes, que Malagrida transcreve. É evidente que o tipógrafo português do *Juízo* desconhecia completamente o italiano, pois entre os abundantes erros que comete na composição do texto (certamente a partir de autógrafo de Malagrida), inclui-se a incapacidade para reconhecer palavras de forma a separá-las corretamente. Quando, por sua vez, Camilo entregou ao tipógrafo de Matos Moreira um exemplar do folheto de Malagrida, absteve-se obviamente de o transcrever. A permanência na 1.<sup>a</sup> edição da tradução da vida de Malagrida de todos os erros cometidos pelo tipógrafo do folheto de 1756 mostra que nem o tipógrafo de Matos Moreira, nem o próprio Camilo, foram mais sensíveis que aquele à total incoerência e agramaticalidade do texto em italiano. Nenhum destes três portugueses (os dois tipógrafos e Camilo) teria deixado de dar aos seus leitores uma lição correta e conforme à vontade de Bordoni, se fosse mais instruído na língua italiana. Por essa razão, emendaremos o texto do folheto, restituindo-o à boa lição de Bordoni tal como ela é transmitida na edição de 1760 dos *Discorsi*, ou ainda corrigindo algum erro evidente que, nessa edição, o tipógrafo italiano possa ter cometido. Todas as lições rejeitadas serão registadas em aparato. Quanto a variantes gráficas entre a edição de Bordoni de 1760 e o folheto do *Juízo*, conservam-se estas sempre que não põem em causa a boa compreensão do texto <sup>11</sup>.

Os epónimos, topónimos e hidrónimos do Brasil, em língua tupi-guarani, colocam outro problema de edição. Camilo reproduz estas palavras tal como as leu em Mury. O escritor português não conhece diretamente a realidade brasileira e teria pouquíssima ou

---

<sup>11</sup> Por exemplo *Vinha* em vez de *Vigna*, *que* em vez de *che*.

nenhuma experiência auditiva destas palavras. Conhecia-as, sim, de fontes escritas, onde variavam as grafias e a representação fonética. Neste caso, a fonte de Camilo é evidentemente o próprio texto francês traduzido. Quanto a Mury, a situação não é melhor. Ele usa um manuscrito produzido por quem conheceu Malagrida no Brasil e teria, portanto, conhecimento dos termos, mas que escreveu em latim, o padre Matias Rodrigues. Antes de estas palavras aparecerem aos olhos de Camilo, elas passaram pela transcrição do padre Matias Rodrigues, depois pela de Mury e, ainda, pela do seu tipógrafo, estando, por isso, sujeitas a eventuais adaptações linguísticas próprias de franceses. Assim, *Mearim* torna-se *Meary*, porque as vogais nasais altas não existem no sistema fonológico francês.

Em todos estes casos, portanto, a lição autógrafa do tradutor Camilo, ainda quando não corresponda corretamente à palavra em tupi-guarani, não constitui erro de autor, nem fica sob a alçada corretora desta edição crítica. Respeitar-se-á sempre, nestes casos, a lição autoral, apurando-a a partir do confronto do manuscrito com a 1.<sup>a</sup> edição e com o texto francês, sempre que entre elas houver divergência. Em aparato, será registada a forma correta da palavra em tupi-guarani, de modo a permitir ao leitor atual a identificação de lugares e povos. No texto em português, os índios *Guanarés* aparecem por vezes assim designados e outras vezes, com metátese, *Guaranés*, estando em perfeita consonância o manuscrito e a 1.<sup>a</sup> edição. No texto francês aparece sempre a forma correta, *Guanarès*. Trata-se, portanto, de erro linguístico de Camilo, que exprime a sua dificuldade em reproduzir formas das línguas indígenas do Brasil. Será sempre conservada a forma errónea quando ela ocorrer, sem dar lugar a registo em aparato e mantendo assim uma alternância que caracteriza a percepção linguística do autor.

As formas linguísticas do autor ou aquelas que, introduzidas pelo tipógrafo, ele avalizou, serão respeitadas. Assim, conservam-se alternâncias como *in-/en-* (*intender/entender*), *per-/pre-* (*pertendem/*

*pretendem*). Camilo ainda usa o *lhe* plural, como, aliás, no século xx ainda se usava regionalmente. Como os restantes, também este traço da língua do autor será respeitado.

Ao contrário do que sucede nos seus romances, embora nem sempre sistematicamente, aqui Camilo nunca representa o discurso direto com parágrafo introduzido por dois pontos e travessão. Faz-se, sem dúvida, sentir a influência do texto traduzido, onde o discurso direto é também, tal como na tradução, representado apenas por aspas. Nesta edição, abrir-se-á parágrafo segundo as normas atuais para a representação do discurso direto.

## APARATO CRÍTICO E COMENTÁRIOS

- <sup>1</sup> *Sobre o exílio de Malagrida em Setúbal e sobre as reações à publicação do seu Juízo, v. Daniel Pires, O Marquês de Pombal, o Terramoto de 1755 em Setúbal e o Padre Malagrida, Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2013.*
- <sup>2</sup> *Deus ] assim no ms. e no folheto do Juízo; Deum 1.<sup>a</sup> ed., que erra o texto citado do Salmo 107:2.*
- <sup>3</sup> *A reticência aqui é uma supressão do restante da citação original: V. Excellencia resolverá o que for servido.*
- <sup>4</sup> *resplendor ] assim no folheto; esplendor 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>5</sup> *das ] assim na 1.<sup>a</sup> ed.; dos folheto.*
- <sup>6</sup> *super ] assim no folheto, onde o s longo, deficientemente impresso, pode ser lido como l; luper 1.<sup>a</sup> ed. A citação é de Jer 1:5.*
- <sup>7</sup> *Anton. Bordon ] Anten. Bordon folheto e 1.<sup>a</sup> ed. Trata-se do Padre Giuseppe Antonio Bordon, S. J. (1682-1742). Sobre a citação deste autor v. supra a «Nota editorial».*
- <sup>8</sup> *gemono le ] assim na ed. de 1760 de Bordon; gemonore folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>9</sup> *e le citta ] assim no folheto e na 1.<sup>a</sup> ed.; a ed. de 1760 de Bordon não inclui este segmento.*
- <sup>10</sup> *l'origine ] assim na ed. de 1760 de Bordon; le origine folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>11</sup> *Chi fa reo ] assim na ed. de 1760 de Bordon; far co folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*

- <sup>12</sup> altro ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; altero folheto e 1.ª ed.*
- <sup>13</sup> credetemi uditori ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; credere miuditori folheto e 1.ª ed.*
- <sup>14</sup> se stesso ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; festesso folheto e 1.ª ed.*
- <sup>15</sup> dei veri ] *de' veri, na ed. de 1760 de Bordoni, onde o apóstrofo representa a semivogal; deveri folheto e 1.ª ed.*
- <sup>16</sup> dagli ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; dalli folheto e 1.ª ed.*
- <sup>17</sup> si deve prendere ma dai libri sagri ] *si dee prendere ma da' libri sagri na ed. de 1760 de Bordoni; si deve prendere madalibri sagoi folheto e 1.ª ed.*
- <sup>18</sup> scorgerete ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; scargerete folheto e 1.ª ed.*
- <sup>19</sup> scaturiscono le mizerie dei popoli ] *scaturiscon le mizerie de' popoli na ed. de 1760 de Bordoni; scaturiscono le mizerie de populi, folheto e 1.ª ed.*
- <sup>20</sup> Prov. ] *assim no folheto e na 1.ª ed.; na ed. de 1760 de Bordoni falta no corpo do texto a indicação do capítulo bíblico citado mas regista-se à margem, embora com erro, Prov. 3, sendo a correta citação Prov. 14:34.*
- <sup>21</sup> Questo ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; Quest. folheto, onde o tipógrafo parece ter interpretado a palavra como uma abreviatura (provavelmente da latina Questio, frequentemente abreviada em tratados de Teologia), e 1.ª ed.*
- <sup>22</sup> scendendo ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; se endendo folheto e 1.ª ed.*
- <sup>23</sup> vi ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; li folheto e 1.ª ed.*
- <sup>24</sup> vedete ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; vadetti folheto e 1.ª ed.*
- <sup>25</sup> di ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; de folheto e 1.ª ed.*
- <sup>26</sup> di ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; de folheto e 1.ª ed.*
- <sup>27</sup> di ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; de folheto e 1.ª ed.*
- <sup>28</sup> lo sconcerto ] *assim na ed. de 1760 de Bordoni; les concerto folheto e 1.ª ed.*
- <sup>29</sup> Eccl. 2. ] *assim no folheto e na 1.ª ed.; à margem na ed. de 1760 de Bordoni.*

- 30 da ] *assim na ed. de 1760 de Bordini; de folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 31 arsurre i fieni al prato, le messi ] *assim na ed. de 1760 de Bordini;*  
arfure efieni al practo, le mizzi *folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 32 ala Vinha ] *ala Vigna ed. de 1760 de Bordini; a la Vinha folheto*  
*e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 33 sicche non isciolgasi ] *assim na ed. de 1760 de Bordini; si che*  
*non isciol gosi folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 34 *desuper sicut ferrum ] assim na ed. de 1760 de Bordini; sicut*  
*ferrum folheto e 1.<sup>a</sup> ed., provavelmente por omissão do tipógrafo*  
*do primeiro, visto que o passo bíblico inclui a palavra em falta.*
- 35 *æneam] æneam (Lev. 26) ed. de 1760 de Bordini; æneam folheto;*  
*aneam 1.<sup>a</sup> ed.*
- 36 ã se dai ] *che se da' na ed. de 1760 de Bordini; ã sce de no*  
*folheto; que sce de 1.<sup>a</sup> ed.*
- 37 scompaginata la terra seppelisce in profonde ] *assim na ed. de*  
*1760 de Bordini; scoropaginata la terra seppelice in profondi*  
*folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 38 *riceve dal peccato la scossa. ] assim na ed. de 1760 de Bordini;*  
*ricebe del peccato la scoça. folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 39 *Isai. 24. ] assim no folheto e na 1.<sup>a</sup> ed.; falta na ed. de 1760 de*  
*Bordini.*
- 40 *gravavit eam ] gravabit eam na ed. de 1760 de Bordini; gravavit*  
*te no folheto e 1.<sup>a</sup> ed. Cf. o passo bíblico: «Confractiōne confringe-*  
*tur terra, contritiōne conteretur terra, commotiōne commovebitur*  
*terra; agitatiōne agitabitur terra sicut ebrius, et auferetur quasi*  
*tabernaculum unius noctis; et gravabit eam iniquitas sua, et*  
*corruet, et non adjiciet ut resurgat» (Isa 24:19-20).*
- 41 *nem póde enganar, nem póde ser enganado ] assim no folheto;*  
*nem póde ser enganado 1.<sup>a</sup> ed., por salto do mesmo ao mesmo*  
*do tipógrafo.*
- 42 *não fallassem ] assim no folheto; fallassem 1.<sup>a</sup> ed.*
- 43 *em que nos métem? ] assim no folheto; e que nos metem: 1.<sup>a</sup> ed.*
- 44 *(Genes. l. 3.) ] assim na 1.<sup>a</sup> ed.; (Genes.) l. 3. folheto.*
- 45 *Talis ] assim no folheto; I alis 1.<sup>a</sup> ed.*

- 46 tive eu nas minhas mãos huma relação ] *assim no folheto*; tive eu uma relação 1.<sup>a</sup> ed.
- 47 effectivamente ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*; affectivamente *folheto*.
- 48 *cohæredes* ] *assim no folheto*; *cobæredes 1.<sup>a</sup> ed.*
- 49 in Matth. 11, 28 ] in Mat 11, 81 *folheto e 1.<sup>a</sup> ed.*
- 50 bem ] *assim no folheto*; bom 1.<sup>a</sup> ed.
- 51 *lucis* ] *assim no folheto*; *lacis 1.<sup>a</sup> ed.*
- 52 in ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*; iu *no folheto*.
- 53 pelas ruas ] *assim no folheto*; pela rua 1.<sup>a</sup> ed.
- 54 fogo ] *assim no folheto*; ogo 1.<sup>a</sup> ed.
- 55 e ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*; o *folheto*.
- 56 exterminio, he o que vemos, nada ] *assim no folheto*; exterminio, nada 1.<sup>a</sup> ed.
- 57 a poder ter ] *assim no folheto*; a ter 1.<sup>a</sup> ed.
- 58 assanhavam ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*; assanharam *ms.*, em conformidade com o texto traduzido (les traits de ceux sur qui elles se sont acharnées). *Poderá ter havido erro paleográfico do tipógrafo mas nada pode assegurar que não se trata de um retoque estilístico de Camilo, operado na revisão de provas.*
- 59 *Christoph Gottlieb von Murr (1783-1811), historiador e editor de jornais culturais em Nuremberga, interessou-se particularmente pela história da Companhia de Jesus em Portugal e publicou diversos documentos a ela relativos ao longo dos 17 tomos (1775-1789) do seu Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur (<http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/aufkl/journkunst/>).*
- 60 apologetici ] *assim no ms.*; apologetico 1.<sup>a</sup> ed., por erro do tipógrafo.
- 61 e a ] *assim no ms.* A 1.<sup>a</sup> ed. omite a conjunção, indispensável porém à coordenação sintática entre os dois elementos do sujeito plural: a seguinte obra italiana ... e a dissertação latina ...
- 62 Guaita ] *assim no ms.*, Guaital 1.<sup>a</sup> ed. por erro de leitura do tipógrafo, que confundiu o traçado final da letra a com uma letra l.

- <sup>63</sup> denominava ] *assim no ms.*; donominava 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>64</sup> acelerado ] *celerado ms. e 1.<sup>a</sup> ed. Trata-se manifestamente de erro do autor, não advertido pelo tipógrafo: o sentido da palavra (celerado: criminoso) é oposto ao exigido pelo contexto. No texto francês il marcha d'un pas rapide.*
- <sup>65</sup> empregou ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*, empegou *ms.* A lição impressa pode resultar de banalização do tipógrafo, porém o resultado é perfeitamente adequado ao contexto, pelo que se prefere a lição mais recente, que pode igualmente ser correção autoral.
- <sup>66</sup> Aruans ] *assim no ms.*; Arnans 1.<sup>a</sup> ed., por erro do tipógrafo.
- <sup>67</sup> Tonkin ] *assim no ms.*; Toukin 1.<sup>a</sup> ed., por erro do tipógrafo. Trata-se da região de Tonkin, no delta do rio Vermelho, Vietname.
- <sup>68</sup> aos padres Tavares ] aos padres Tavarees *no ms.*; ao padre Tavarey 1.<sup>a</sup> ed. A duplicação do e, *no ms.*, é lapso de Camilo e, conjugada com o desenho do s descendo abaixo da linha, levou à leitura de y pelo tipógrafo que, além disso, ou por lapso ou por incorreta adequação do título a apenas um dos elementos do sintagma nominal plural, o substitui por singular. Trata-se aqui do padre João Tavares (1679-1744), missionário dos índios tremembés, do Maranhão, e autor, por exemplo, de uma Breve Descrição das Grandes Recreações do Rio Muni do Maranhão, 1724 (v. José Coelho de Souza, Os Jesuítas no Maranhão, São Luís, Fundação Cultural do Maranhão, 1977, pp. 56-57; César Augusto Marques, «Maranhão», Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão, 3.<sup>a</sup> ed., São Luís, s. e., 1970, pp. 375, 437, 455).
- <sup>69</sup> instantemente ] *instantem<sup>te</sup> ms.*; *instantaneamente 1.<sup>a</sup> ed.* Prefere-se aqui a lição do *ms.* porque, apesar de sintaticamente aceitável, a variante da 1.<sup>a</sup> ed. é semanticamente pouco adequada e facilmente explicável como erro de leitura do *ms.*; no original francês: avec instance.
- <sup>70</sup> fetichismo ] *assim no ms.*; fetechismo 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>71</sup> roupeta-negra ] *assim na 1.<sup>a</sup> ed.*; habito-preto *ms.* Já na revisão de provas, ainda Camilo procurava resolver casos de tradução.

*De facto, ao francês robe noire, que aqui usa Mury, corresponde o nome típico do traje jesuítico, roupeta, e não hábito (que em francês seria habit), palavra usada para as vestimentas monástica e mendicante tradicionais.*

- <sup>72</sup> neófitos ] neophytos *ms.*; neephytos *1.ª ed.*, por erro do tipógrafo.
- <sup>73</sup> penduravam ] *assim no ms.*; peuduravam *1.ª ed.*
- <sup>74</sup> Depois que saudaram ] *assim no ms.*; Depois saudaram *1.ª ed.*  
*A conexão sintática entre a oração subordinante (correram ... companheiros) e a subordinada temporal (Depois ... alegria) faz-se com locução, como no ms., e não com simples advérbio.*
- <sup>75</sup> ferocidade ] *assim na 1.ª ed.*; voracidade *ms.*, de acordo com o texto francês (voracité). *É muito provável que estejamos perante banalização do tipógrafo. Porém, como o contexto admite ambas as variantes e não podemos assegurar que a da 1.ª ed. não é autoral, conserva-se a mais recente.*
- <sup>76</sup> ergueu ] *assim na 1.ª ed.*; eregiu *ms.* *Embora a variante do ms. possa ser considerada mais difícil, também aqui não se pode assegurar a sua autoria. O francês, neste caso, não é útil (il dresse).*
- <sup>77</sup> padre! ] *assim no ms.*; padre? *1.ª ed.*
- <sup>78</sup> do que deviam ] *assim no ms.*; que deviam *1.ª ed.*
- <sup>79</sup> não estavam de todo livres ] *assim na 1.ª ed.*; não estavam ainda livres *ms.* *A substituição aquando da revisão de provas pode ser tentativa de obter melhor tradução, compensando o atenuamento semântico resultante de livres (no francês ils n'étaient pas encore au terme de leurs maux).*
- <sup>80</sup> pouco ] *assim na 1.ª ed.* *No ms., Camilo escreveu uma palavra que pode ler-se como pouso. É possível que, procurando uma boa tradução para Après avoir pris un peu de repos sur la terre nue, e tendo em mente o enunciado Um pouco de repouso, tenha, por lapso, escrito apenas Um pouso. Emendando na revisão de provas, e sensível ao efeito desagradável e aliterante da tradução pensada, tê-la-á reduzido para a forma que a 1.ª ed. imprimiu.*

- <sup>81</sup> excursões ] *assim na 1.ª ed.*; exposições no ms. Mury escreveu *expéditions, cujo equivalente português, expedição, remonta ao século XVI. Não foi, portanto, para evitar galicismo que Camilo preferiu a tradução literal.*
- <sup>82</sup> através charnecas ] *a ausência de preposição, tanto no ms. como na 1.ª ed., resulta, provavelmente, do efeito do francês (A travers les halliers...), e constitui um deslize a favor do galicismo que Camilo procurava sempre evitar. De facto, como regista Houaiss, «através pede sempre preposição de: através dos campos, em vez de a. os campos, que é gal.».*
- <sup>83</sup> Icatú ] *assim no ms., com hesitações de pena que sugerem a leitura Jeatú da 1.ª ed. Mury escreveu Ycatu.*
- <sup>84</sup> Itapicurú ] *iTapicurú no ms., onde o i inicial parece acrescentado hesitantemente; Tapicurú 1.ª ed. Mury escreveu Itapicuru.*
- <sup>85</sup> Najatuba ] *assim no ms.; Nayatuba 1.ª ed. Mury escreveu Najatuba.*
- <sup>86</sup> prefeito ] *perfeito ms. e 1.ª ed. Trata-se aqui, provavelmente, da habitual alternância per-/pre- camiliana (não corrigida pelo tipógrafo). Excepcionalmente corrige-se um traço da língua do autor para evitar ambiguidade semântica. No texto em francês prefet.*
- <sup>87</sup> almas! ] *assim no ms.; almas. 1.ª ed. O tom imperativo da frase requer a pontuação do autógrafo, que pode facilmente ter escapado ao tipógrafo.*
- <sup>88</sup> empegados ] *assim no ms.; empregados 1.ª ed. por banalização do tipógrafo. O francês plongés dans le boubier sugeriu a Camilo a formação de um verbo (empegar) a partir do substantivo pego (do lat. pelâgus), que pretende dar conta do elemento de imersão sugerido pelo francês e completamente ausente da 1.ª ed.*
- <sup>89</sup> empresa ] *empreza ms.; emreza 1.ª ed.*
- <sup>90</sup> Maratoan ] *Marataoan é o nome correto do rio. Camilo reproduz a forma que encontra em Mury.*
- <sup>91</sup> Moicha ] *Mocha é o nome correto da aldeia. Camilo reproduz a forma que encontra em Mury.*

- <sup>92</sup> ignorava ] *assim no ms.*; ignorova 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>93</sup> lhe ] *assim no ms.*; lhes 1.<sup>a</sup> ed. *Embora a associação de Malagrida ao padre Camelo pudesse sugerir um plural, o pronome complemento indireto refere-se ao sujeito da oração anterior, o apóstolo.*
- <sup>94</sup> Tucan ] *assim no ms. e no texto francês*; Tucon 1.<sup>a</sup> ed. *Na região descrita pelo texto não há nenhuma localidade com este nome. Trata-se, provavelmente, de erro de leitura de Mury ou do seu tipógrafo, uma vez que há uma localidade com o nome de Tucano.*
- <sup>95</sup> da sua chegada ] *assim no ms.*; da chegada 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>96</sup> ameaça ] *assim no ms.*; ameaças 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>97</sup> da ] *assim no ms.*; de 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>98</sup> cujos cabelos brancos e barba ruiva ] *bastaria considerar o episódio narrado no capítulo anterior, em que Malagrida explica ao padre Caetano Dias a razão do contraste entre o seu cabelo louro e a sua barba branca, para percebermos que houve aqui erro de tradução. De facto, Mury escreveu ses cheveux blonds et sa barbe blanche. No ms., Camilo hesita quanto à tradução de blonde, escrevendo primeiro loura, e depois riscando a palavra e substituindo-a na sobrelinha por ruiva. Mas esta é a única hesitação, o que mostra que Camilo trocou os elementos da frase quando os memorizou e trabalhou depois a tradução sem regressar ao texto de partida. O erro parece marcado pela assunção prévia, no espírito de Camilo, da associação entre o encanecimento e os cabelos (não a barba), uma vez que já no capítulo anterior (fl. 91 do ms.) escreveu: o padre Dias, observando ã o apostolo tinha ~~a cabe~~ a barba toda branca e os cabellos louros... Era a cabeça de Malagrida que estava prestes a ser colorida de branco mas, percebendo o erro a tempo, Camilo imediatamente o emendou.*
- <sup>99</sup> vos ] *assim no ms.*; nos 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>100</sup> desregramento ] *assim no ms.*; deregramento 1.<sup>a</sup> ed.
- <sup>101</sup> do ] *assim no ms.*; de 1.<sup>a</sup> ed. *Trata-se de um peso opressor específico e já indicado.*

- <sup>102</sup> senhoreou-se ] *assim no ms.; senhorou-se 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>103</sup> carestia ] *entenda-se como escassez (no texto francês disette), sentido que se documenta já no século XIV (v. Houaiss).*
- <sup>104</sup> capitão ] *capetão ms.; capellão 1.<sup>a</sup> ed. A terceira consoante foi desenhada por Camilo com haste larga, em forma de elo, e com o corte horizontal muito curto, conduzindo ao erro paleográfico do tipógrafo. Não há dúvida de que a lição impressa não é autoral, não só porque a tripulação (a matalotagem) do navio é comandada pelo seu capitão, e não por um capelão, como porque assim determina o texto original francês: tout l'équipage, le capitaine en tête ...*
- <sup>105</sup> Notícia ] *Notícia ms.; Noticias 1.<sup>a</sup> ed. O plural deve ser erro do tipógrafo. Na verdade, a «notícia» como género historiográfico comum nos séculos XVII e XVIII equivale a uma narrativa e não a um eventual sentido genérico de «novidades sobre...». O texto traduzido confirma o singular e a tipologia genológica: Recit de ...*
- <sup>106</sup> com quanto ] *comquanto ms. e 1.<sup>a</sup> ed. Não há dúvida de que não se trata da conjunção concessiva, que não faria sentido no contexto.*
- <sup>107</sup> E eu repeti: Jesus! dize outra vez: Jesus! E ele repetiu o doce nome ] *assim no ms.; E eu repeti: Jesus! E ele repetiu o doce nome 1.<sup>a</sup> ed., por salto do mesmo ao mesmo (Jesus!... Jesus!) cometido pelo tipógrafo. No texto traduzido Je répétai: «Jésus! dites encore: Jésus.» Et il répéta de même ce doux nom.*
- <sup>108</sup> pintura da ] *assim no ms.; pinturada 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>109</sup> das suas ] *assim no ms.; dassuas 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>110</sup> D. Antónia ] *assim no ms.; Antónia 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>111</sup> Varge Nova ] *o nome correto da aldeia é Vargem Nova; é notória a desnasalização que se poderia esperar de um falante do francês e o facto de Camilo seguir a sua lição.*
- <sup>112</sup> Confiadíssimos ] *Confiadissimo ms. e 1.<sup>a</sup> ed., por erro de tradução de Camilo, que passou despercebido na impressão. O adjetivo qualifica os paraibenses, nome com o qual devia concordar em*

- número, se o tradutor não tivesse seguido de demasiado perto o texto francês, onde Plein de confiance concorda com le peuple de Parahyba.
- 113 relevante ] assim no ms.; revelante na 1.<sup>a</sup> ed.; no original francês, frappant.
- 114 Magu ] assim na 1.<sup>a</sup> ed.; Mayru ms. Camilo começa por escrever o que vê no texto francês, Mayru, embora com mão hesitante, que resulta no desenho de um y pouco claro que facilmente poderia ser lido como g. O topónimo deve ter-lhe despertado ecos de alguma outra leitura, o que o levou a cancelar o r. A forma da 1.<sup>a</sup> ed. pode ser fruto de confirmação nas suas fontes sobre o Brasil, pois, embora não haja registos de nenhuma localidade com o nome Magu (nem tão-pouco Mayru), existe, na região mencionada, um rio com o nome Magu, o qual provavelmente deu nome a alguma vila da época.
- 115 Esaiás ] Esais ms. e 1.<sup>a</sup> ed., por erro do autor não corrigido na 1.<sup>a</sup> ed.
- 116 cesses ] cesces ms. e 1.<sup>a</sup> ed., por erro de cópia do autor, que transcreve do texto francês, talvez influenciado pela prévia leitura de toda a citação, que tem mais adiante scelera.
- 117 meo ] meu ms.; meus 1.<sup>a</sup> ed. De novo, trata-se de erro de cópia do autor, visto que a forma está correta no texto traduzido; a pseudocorreção do impresso talvez seja de atribuir ao tipógrafo, pois o Camilo latinista saberia que o possessivo devia concordar com o ablativo do nome populo. É citado Isaías 58:1.
- 118 No texto francês, esta observação entre parênteses é uma nota de rodapé (p. 170).
- 119 A carta, escrita em italiano por Malagrida, foi publicada por Christoph von Murr no Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur, Nuremberga, t. 10, pp. 195-96, sob o título «Schedula P. Gabrielis Malagrida ad Amicos suos in Italia. Ex autographo, Roma mihi Norimbergam misso».
- 120 consegui ] assim no ms., com a última letra emendada sobre iu; conseguiu 1.<sup>a</sup> ed. A lição correta é a 1.<sup>a</sup> pessoa, de acordo

*com me há prometido logo a seguir e com o texto francês ... faveurs m'ont été accordés ... séminaires m'ont été promis ... que, por sua vez, traduz o italiano che mi sono gia promessa ... Na sequência do uso da 3.ª pessoa no parágrafo anterior, o tipógrafo ignorou a emenda de Camilo no manuscrito.*

<sup>121</sup> *Diario zur Kunstgeschichte ] Diário, zur Kunstgeschichte 1.ª ed. Esta nota está em falta no ms., devido ao corte da parte inferior (correspondente a 8 linhas mais a margem de pé) do fl. 164. O texto do capítulo xv termina na 23.ª linha, ficando as inferiores em branco, exceto, provavelmente, a última, onde estaria a nota desaparecida. O título do periódico, abreviado na nota de rodapé do texto francês (Journal zur Kunstgeschichte) deve ter sido parcialmente traduzido por Camilo. No seu prefácio, Paul Mury traduz o título para francês (Journal Littéraire) e Camilo tradu-lo aí para português (Diário Literário). Nesta nota, porém, Mury conserva o título original, o que terá levado Camilo a fazer uma tradução parcial, reconhecendo a primeira palavra, igual à francesa, mas não as restantes. Resultaria assim um título um pouco aberrante, meio em português, meio em alemão. É de presumir que ao tipógrafo se deva a vírgula separando a palavra portuguesa das alemãs, em resultado da interpretação destas últimas como um local de edição.*

<sup>122</sup> *proposição ] assim no ms.; preposição 1.ª ed.*

<sup>123</sup> *Cita Mury o famoso livro de D. João de Almeida, 2.º marquês de Alorna, As prisões da Junqueira durante o ministério do Marquês de Pombal, escrito até 1777 (data da sua libertação) e publicado só em 1857, com prefácio de José de Sousa Amado, Lisboa, Tip. de G. M. Martins. Paul Mury tê-lo-á lido através de publicação de Christoph von Murr, anterior ainda à edição de J. de Sousa Amado, o que não é de estranhar, visto que corriam várias cópias manuscritas. O capítulo 6.º da obra é dedicado aos padres da Companhia e aí se encontra um curioso testemunho da vida de Malagrida na prisão. Pelo interesse que pode ter como contraponto ao retrato hagiográfico de Paul Mury,*

*reproduzimos um passo: «O P. Malagrida esteve muitos mezes só, em uma d'estas prisões, e della o tiraram para a companhia do P. Pedro Homem, quando veio Bento Mór: a paixão que tinha pela sua religião, e o máo trato que esta estava experimentando o affligia em sumo gráo: offereceu-se a Deus para padecer grandes tormentos, a troco de alcançar esta restauração, e fazia por conta disso penitencias formidaveis. Uma dellas, e talvez a que lhe seria mais prejudicial á saude, era a de estar muitas horas a fio na oração mental em postura violenta, e com a cabeça posta no chão, no tempo em que estas casas de paredes tão grossas, acabadas de fazer, continham em si um frio e uma humidade insoportavel. Com isso, pelo que depois se lhe percebeu, junto com a ardencia de seu temperamento, e motivos de maior alteração, entende-se, que se lhe pertubaria o entendimento, e começou a ouvir uma voz, que continuamente lhe falava. Neste particular houve diversidade de opiniões entre os Theologos deste Forte: uns em que entrava o P. Mattos e o P. Homem julgavam que seria verdadeira inspiração, e os outros confessando a grande virtude do Padre, pendiam mais para effeito de loucura. O mesmo padre não podia decidir-se entre esta variedade de conceitos. Não duvidava com muita humildade que estivesse louco, ou illuso quando fallava com os que eram desse parecer. Estava prompto para lhe obedecer em tudo o que mandassem, e espreitando-o o Domingos, (...) o viu estar no meio da casa, virado para a janella, e perguntando — Quem me chama? Quem me falla? O meu confessor diz-me que não faça caso disso. (...) a poucos passos tornava a dar assenso á voz que lhe fallava: com isso entrou a profetisar com grande abundancia; algumas cousas se verificaram, mas muitas não, e os mais especulativos, e parciais da inspiração, tudo interpretavam de modo que favorecia o seu partido. Houve nesta materia batalhas religiosas, de que se não seguiu senão ficar cada um com maior tenacidade afferrado á sua opinião, e o Padre conduzido pela voz começou a escrever a vida de Santa Anna.» (pp. 47-49.)*

- <sup>124</sup> *É citada a biografia escrita pelo padre Joseph Ritter, S. J., Vita et virtutes Mariae Annae Portugaliae, et Algarbiae Reginae, natae regiae principis Hunagariae, et Bohemiae, Archi-Ducis Austriae, Viena Austriae, Litteris Joannis Thomae Trattner, Caes. et Reg. Typographi, 1756.*
- <sup>125</sup> *acareando ] assim no ms.; acereando 1.ª ed., por erro do tipógrafo.*
- <sup>126</sup> *Pois bem! ] assim no ms.; Pois bem 1.ª ed. A sintaxe exige sinal de pontuação separando a exclamação da afirmação seguinte.*
- <sup>127</sup> *os ] assim no ms.; as 1.ª ed.*
- <sup>128</sup> *converta e salve ] assim na 1.ª ed.; converta em sal no ms. Mury põe na boca de Malagrida um famoso passo bíblico sobre a conversão dos pecadores (nolo mortem impii, sed ut convertatur impius a via sua, et vivat, Eze 33:11): ... Dieu ne veut pas la perte du pécheur, mais sa conversion et son salut. Porém, no ms., Camilo parece ser vítima de uma associação de ideias que conduz à deturpação do texto escriturístico por cruzamento com outro. De facto, o incêndio de Lisboa e a explicação que lhe dá Malagrida, que defende que a cidade ardia pelos pecados dos seus habitantes, evocam Sodoma e Gomorra (Génesis 18:19). Com esta equivalência em mente, o paralelismo verbal e a semelhança fonética (converta e salve/converta em sal) facilitaram a fusão do passo de Ezequiel com o da transformação da mulher de Loth em estátua de sal (Gen 19:26).*
- <sup>129</sup> *Ego enim scio cogitationes quas ego cogito super vos, ait Dominus, cogitationes pacis et non afflictionis, ut dem vobis finem et patientiam (Jer 29:11).*
- <sup>130</sup> *retirado ] retirada no ms. e na 1.ª ed.; é erro de tradução de Camilo, pois quem se acha na Alemanha é o confessor, e não a rainha; no original francês, alors retiré en Allemagne.*
- <sup>131</sup> *perniciosa ] perciosa ms.; preciosa 1.ª ed. Camilo saltou, por lapso, uma sílaba e o tipógrafo validou a lição, tratando-a como outros casos de alternância per-/pre-. No texto francês pernicieuse.*

- <sup>132</sup> vira ] *assim no ms.; via 1.<sup>a</sup> ed. O narrador refere-se a previsões já feitas por Malagrida, pelo que o pretérito-mais-que-perfeito parece mais adequado, em conformidade, aliás, com o que escreveu Murry: la tempête qu'il avait vue poindre a l'horizon. A lição impressa explica-se facilmente como erro paleográfico, já que, no ms., o ponto do i aparece sobre o r, criando a ilusão de que há apenas três letras.*
- <sup>133</sup> o patriarca de Lisboa, D. Manuel Atalaia, ] o patriarca de Leui, D. Manuel Atalaya *ms.*; o patriarca D. Manuel Atalaya *1.<sup>a</sup> ed. No texto francês le patriarche de Lisbonne, Emmanuel de Atalaya. É difícil explicar a lição do ms., que não constitui nenhum topónimo conhecido. O tipógrafo, confrontado com a mesma dificuldade, opta pela simples omissão.*
- <sup>134</sup> ministério ] *ministerio ms.; mysterio 1.<sup>a</sup> ed., por erro do tipógrafo, propiciado pela mudança de linha (mi/nisterio). No texto francês: ministère.*
- <sup>135</sup> põe-se ] *põem-se ms. e 1.<sup>a</sup> ed. O sujeito é Malagrida.*
- <sup>136</sup> propícia ] *propicia ms.; propricia 1.<sup>a</sup> ed.*
- <sup>137</sup> e o conduziu às prisões do estado, na Junqueira. O provincial dos jesuítas, João Henrique, e os padres ] *assim no ms.; e o conduziu às prisões do estado. O provincial dos jesuítas, João Henrique, na Junqueira, e os padres 1.<sup>a</sup> ed. É erro evidente a deslocação do locativo para a frase seguinte. No texto francês ele conserva-se integralmente no complemento circunstancial a que pertence, muito embora seja mais genérica a localização (pour le conduire dans les prisons d'État, à Bélem: Le provincial des Jésuites, Jean Henriquez, et les Pères ...), substituída por Camilo por maior precisão histórica.*
- <sup>138</sup> sobre ] *assim no ms.; sob 1.<sup>a</sup> ed. As coisas maravilhosas e horríveis contadas pelos padres são de dois tipos: os padecimentos que sofrem os prisioneiros e as bênçãos que recebem. A narrativa é, assim, **sobre** estas duas coisas, apresentadas em paralelismo, como no francês: ... nous racontent des choses merveilleuses et horribles **sur** les souffrances inouïes qu'ont à endurer ... et **sur** les bénédictions célestes ...*

- <sup>139</sup> anos] meses *ms.* e 1.<sup>a</sup> ed. *Prepara-se o narrador para contar os acontecimentos finais que conduziram à morte de Malagrida, em 21 de setembro de 1761, portanto dois anos e oito meses depois da prisão. O erro de Camilo pode resultar da interferência, no seu discurso interior, do cálculo mental dos meses que passavam dos dois anos ou dos que faltavam para os três anos. Mury escreveu depois près de trois ans.*
- <sup>140</sup> *vida e reinado do Anticristo* ] *assim no ms., conforme o original francês: la vie et le règne. A 1.<sup>a</sup> ed. leu mal: vida-reinado.*
- <sup>141</sup> heresia ] *assim no ms.; heresias 1.<sup>a</sup> ed. A acusação faz-se, em geral, por termos genéricos e singulares, tal como se lê também em Mury (coupable d'hérésie), pelo que terá havido erro do tipógrafo.*
- <sup>142</sup> humilhação ] *assim no ms. e 1.<sup>a</sup> ed. A forma, de cunho latinizante, não tem outras ocorrências e pode, eventualmente, resultar de erro de Camilo não corrigido pelo tipógrafo. No entanto, porque pode ser intencional, preserva-se.*
- <sup>143</sup> edital ] *assim no ms.; edita 1.<sup>a</sup> ed.*



## ÍNDICE

- 9 [PREFÁCIO DO TRADUTOR]  
31 PROTESTAÇÃO DO AUTOR  
33 [PREFÁCIO DO AUTOR]
- 35 **HISTÓRIA DE GABRIEL MALAGRIDA**
- 37 I — PRIMEIROS ANOS DE MALAGRIDA; SUA ENTRADA NA  
COMPANHIA DE JESUS (1689-1711)
- 43 II — NOVICIADO E PRIMEIROS EMPREGOS DE MALAGRIDA.  
SUA SAÍDA PARA O MARANHÃO (1711-1721)
- 47 III — A MISSÃO DO MARANHÃO (1607-1621)
- 51 IV — PRIMEIROS TRABALHOS DE MALAGRIDA NA AMÉRICA (1721-1724)
- 55 V — MALAGRIDA ENTRE OS SELVAGENS TOBAJARAS, CAICAISES  
E GUANARÉS (1724-1726)
- 63 VI — MALAGRIDA ENTRE OS BARBADOS (1726-1727)
- 71 VII — MALAGRIDA PROFESSOR DE LITERATURA NO COLÉGIO DE  
S. LUÍS (1727-1728)
- 75 VIII — NOVA EXCURSÃO AOS BARBADOS E AOS GAMELAS (1728-1730)
- 83 IX — MALAGRIDA PROFESSOR DE TEOLOGIA E DE LITERATURA  
SIMULTANEAMENTE (1730-1735)
- 87 X — MALAGRIDA EVANGELIZA A PROVÍNCIA DO MARANHÃO,  
E PASSA À BAÍA (1735-1736)
- 93 XI — TRABALHOS APOSTÓLICOS DE MALAGRIDA NA BAÍA E SEUS  
ARREDORES (1736-1741)
- 103 XII — VAI MALAGRIDA A PERNAMBUCO. — SUAS MISSÕES NESTA  
CIDADE (1741-1746)
- 115 XIII — MISSÕES DE MALAGRIDA NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO  
(1742-1746)
- 121 XIV — TORNA MALAGRIDA A S. LUÍS — PARTE PARA LISBOA  
(1747-1749)
- 127 XV — MALAGRIDA EM LISBOA (1749-1751)

- 135 XVI — ÚLTIMA VISITA DE MALAGRIDA À AMÉRICA (1751-1754)
- 143 XVII — VOLTA MALAGRIDA A LISBOA (1754-1756)
- 151 XVIII — TERREMOTO DE LISBOA EM O 1.º DE NOVEMBRO DE 1755
- 157 XIX — DESTERRO DE MALAGRIDA PARA SETÚBAL (1756-1758)
- 163 XX — ATENTADO DE 3 DE SETEMBRO DE 1758 — PRISÃO DE  
MALAGRIDA EM 11 DE JANEIRO DE 1759
- 171 XXI — PROCESSO DE MALAGRIDA (1759-1761)
- 177 XXII — EXECUÇÃO DE MALAGRIDA EM 21 DE SETEMBRO DE 1761
- 181 XXIII — OS PERSEGUIDORES DE MALAGRIDA
- 
- 187 NOTA EDITORIAL
- 199 APARATO CRÍTICO E COMENTÁRIOS

Camilo militante, tradutor, detrator: apologista dos jesuítas, contra Sebastião José, armado da história do malgrado padre Gabriel Malagrida, que alumiu países com a luz da ciência e acabou no garrote e queimado como herege no Rossio. Contendo ainda o opúsculo do mesmo jesuíta sobre o terramoto de Lisboa que enfureceu o execrado marquês de Pombal.

Abel Barros Baptista

edição crítica  
CÁMILO  
CASTELO  
BRANCO

ISBN 978-972-27-2944-4  
  
9 789722 729444  
© N I M P R E S S A  
N A C I O N A L  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.